

Torre de Santo António, Covilhã.
Usos temporários para (re)pensar o espaço vertical

Versão final após defesa

André Saraiva Geraldes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientadora: Prof. Dra. Ana Rita Martins Ochoa de Castro

Co-Orientadora: Prof. Dra. Alessia Allegri

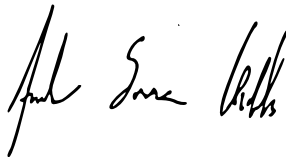
Covilhã, Novembro de 2023

Declaração de Integridade

Eu, André Saraiva Geraldês, que abaixo assino com o número de inscrição 37103 de Arquitetura da Faculdade de Engenharias, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridade da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades de autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã: 14 /11 / 2023

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'André Saraiva Geraldês', is centered on the page. The signature is written in a cursive, flowing style.

*“Even though the truth can burn inside or fall behind
I will wander through your open mind
And you will find no lie can hide
Yeah, yeah
Until the tide comes crawling”*

Chris Cornell, 1999

Agradecimentos

Com o findar deste processo académico, chega um momento de agradecer a todas as pessoas que tiveram um papel importante ao longo do meu percurso académico.

Desta forma começo por agradecer à minha orientadora Prof. Dra. Rita Ochoa pela orientação, disponibilidade e compreensão constante prestada desde o momento em que me aceitou como seu orientando (referir o facto de ter sido minha professora no 1º ano de curso e por me ter mostrado caminhos que para mim eram até então pouco evidentes na arquitetura). Um agradecimento também à Câmara Municipal da Covilhã pela informação técnica que me foi disponibilizada.

A toda a minha família. Ao Sr. Francisco Geraldês que sem saber e sem querer despoletou em mim o prazer do desenho e do gosto pela arte. À Sra. Isabel Raposo que desde pequeno que me incentivou para caminhar em busca de mais e mais conhecimento.

Ao Marco Aurélio Geraldês que desde o primeiro momento em que referi a ideia remota de ingressar num curso universitário que me estendeu a mão para tudo. À Isilda Saraiva que sempre me transmitiu um sentido de orientação e de trabalho, sem nunca esquecer a humanidade e a humildade.

Ao Marco Miguel Geraldês que sempre viu mais potencial em mim do que eu próprio.

À Margarida Geraldês por sempre me incentivar a explorar novas culturas *in loco*.

À Ana Tavares, Dina Caetano, Lurdes Azevedo, Hélia Dâmaso, Diana Batista, Marco Serra, Marco Aurélio Grieshaber e a tantos outros nomes da Haco Etiquetas S.A. que me acolheram, deram conhecimento, mostraram o verdadeiro espírito de equipa e que me abriram as portas, mas sem as fechar, para que eu pudesse iniciar o meu percurso académico.

Aos amigos e irmãos que o curso me deu e a outros que já vinham de anteriores aventuras, que me apoiaram desde os primeiros dias de praxe, ao último semestre do curso, e que com os quais imaginamos os nossos futuros sempre com muita gargalhada à mistura.

Um agradecimento especial à pessoa que me inspira todos os dias pela sua força e que está sempre ao meu lado.

E por fim a todos os anteriores “nomeados” que em conjunto contribuíram e com momentos próprios e singulares sem que o soubessem.

Prefácio

Quando era pequeno seguia o meu avô para todo o lado.

No seu escritório, numa toalha de papel na mesa de um restaurante ou em pequenos blocos de papel, havia sempre tempo e bons motivos para incentivar o neto a desenhar algo: “Porque não fazes o meu retrato?” era uma frase constante, que ia sofrendo pequenas alterações, substituindo apenas “o meu”, por nomes de outros familiares, amigos, de casas ou de objetos. Certamente terá sido desta forma que a arquitetura e a cultura entraram na minha vida, através do meu avô e do desenho.

Apesar de ter estudado artes, não segui os estudos nessa área pois a arquitetura não era prioridade na minha vida, contudo nunca deixei de seguir o meu avô e ele nunca deixou de acreditar em mim. Em 2016 sentia-me determinado a ingressar num curso universitário, queria conhecimento, queria arte, queria arquitetura, queria orgulhar a minha família, amigos e que mais tarde perceberia ter sido uma alegre escolha para o meu futuro.

Foi no decorrer do meu percurso académico que através do estudo e da importante “partilha” do saber transmitido por professores, que despertou interesse para a busca de um projeto final com força necessária para (re)pensar o espaço vertical, na cidade onde cresci e onde continuarei a seguir os passos do meu avô.

Resumo

A presente dissertação consiste numa intervenção no edifício da Torre de Santo António, localizado no Bairro de Santo António, Covilhã, com vista a apresentar uma proposta de usos temporários para este espaço.

O edifício a intervir situa-se na parte alta da cidade, mais precisamente no bairro de Santo António, perto da Reitoria da Universidade da Beira Interior. Este encontra-se a 700 metros de altitude e apresenta uma área de aproximadamente 3700 m².

A Torre de Santo António e a sua integração são controversos a vários níveis:

- Detém um por grande impacto visual tanto na paisagem urbana como na envolvente, devido à sua verticalidade (20 pisos), concentrando a construção nesta área apenas e unicamente na sua verticalidade;

- Pelo fato de a sua execução não ter sido terminada (apesar de terem sido apresentados vários projetos para esse efeito). O seu aspeto degradado e inacabado acentua a sua não integração;

- Ao nível programático é extremamente limitado e redutor arquitetonicamente, precisamente por apresentar unicamente usos de habitação, o que, a ser terminado, dificultaria ainda mais a sua integração – sendo que poderia integrar múltiplos usos como serviços, equipamentos, entre outros.

Para colmatar estas lacunas, a presente Dissertação tem como objetivo primordial repensar e reabilitar o edificado dinamizando-o através de novos usos e da adaptação dos mesmos na sua arquitetura. Pretendem-se criar novos espaços, usos e apropriações e gerar uma cooperação entre espaços comuns e privados, através desta adição. Pretende-se beneficiar da estrutura existente, colocando assim em prática uma economia circular, com vista à preservação, otimização de recursos e sustentabilidade construtiva. Paralelamente, tenciona-se impulsionar novas dinâmicas na envolvente e na cidade simultaneamente, criando um equilíbrio entre arquitetura e comunidade.

Palavras-Chave:

Covilhã; Torre de Santo António; Re-uso; Usos Temporários; Adição; Adaptabilidade.

Abstract

The present dissertation consists of an intervention in the Torre de Santo António building, located in Bairro de Santo António, Covilhã, with a view to presenting a proposal for temporary uses for this space.

The building to be intervened is located in the upper part of the city, more precisely in the Santo António neighbourhood, close to the Rectory of the University of Beira Interior. This is at 700 meters altitude and has an area of approximately 3700 m².

The Santo António Tower and its integration are controversial on several levels:

- It has a great visual impact both in the urban landscape and in the surroundings, due to its verticality (20 floors), concentrating the construction in this area only and solely in its verticality;

- Due to the fact that its implementation has not been completed (although several projects have been presented for this purpose). Its degraded and unfinished appearance accentuates its non-integration;

- At the programmatic level, it is extremely limited and architecturally reductive, precisely because it presents only housing uses, which, if completed, would make its integration even more difficult – since it could integrate multiple uses such as services, equipment, among others.

In order to fill these gaps, this Dissertation has as its main objective to rethink and rehabilitate the building, streamlining it through new uses and adapting them in its architecture. It is intended to create new spaces, uses and appropriations and to generate cooperation between common and private spaces, through this addition. It is intended to benefit from the existing structure, thus putting into practice a circular economy, with a view to preservation, optimization of resources and constructive sustainability. At the same time, it is intended to boost new dynamics in the surroundings and in the city simultaneously, creating a balance between architecture and community.

Keywords:

Covilhã; Santo António Building; Re-use; Addition, Adaptability.

Índice

Introdução	1
1.1 Justificação do Tema	1
1.2 Objetivos	1
1.3 Metodologia	2
1.4 Estrutura da Dissertação	4

MOMENTO I

Abordagem ao Edificado	6
2.1 Antecedentes	6
2.2 Materiais Construtivos e Local de Implantação	8
2.3 Usos e Funções Previstas	9
2.4 Alterações ao Projeto Original	10

MOMENTO II

Casos de Estudo e Referências Arquitetónicas	17
3.1 Kuala Lumpur Landmark Tower	18
3.2 Floresta Vertical/ Bosco Verticale	21
3.3 Factoría Cultural in Matadero Madrid	24
3.4 Cozinha Comunitária das Terras da Costa	27
3.5 King Toronto	30
3.6 Transformação de 530 unidades habitacionais	33
3.7 K20 - Laboratório Espacial em Berlim	36

Usos Temporários	39
4.1 Arquitetura Permanente ou Temporária	41
4.2 Como funcionam os usos temporários?	43

MOMENTO III

A Proposta	46
5.1 O Processo de Trabalho	46
5.2 A Proposta de Intervenção	49
5.3 Zonas	51
5.4 Existente	53
5.5 Momentos	54
Maquete Final	62
Conclusão	63
Bibliografia	65
Índice de Painéis	68

Lista de Figuras

- Fig. 01 - Espaços passíveis de intervenção, Covilhã
(Fonte: Elaborado pelo autor sobre fotografia aérea do google maps) 01
- Fig. 02 - Localização do projeto original de 1972, Torre A (preenchido), a Torre B e a Torre C (contornos), Fernando Pinto de Sousa
(Fonte: Elaborado pelo autor sobre fotografia aérea do google maps) 06
- Fig. 03 - Desenhos Técnicos do Projeto de 1972, Piso 1^o ao 3^o (à esquerda), Piso 4^o ao 15^o (ao centro), Piso 16 (à direita)
(Fonte: Elaborado pelo autor conforme arquivo da Câmara Municipal da Covilhã) 09
- Fig. 04 - Projeto original, 1972, (Planta implantação), Fernando Pinto de Sousa
(Fonte: Arquivo da Câmara Municipal da Covilhã) 10
- Fig. 05 - Projeto original, 1972, (Planta tipo, alçado noroeste, alçado sudoeste), Fernando Pinto de Sousa
(Fonte: Arquivo da Câmara Municipal da Covilhã) 11
- Fig. 06 - Projeto de alterações de 1976, (Planta tipo, alçado noroeste, alçado sudoeste), Fernando Pinto de Sousa
(Fonte: Arquivo da Câmara Municipal da Covilhã) 11
- Fig. 07 - Projeto de alterações de 1980, (Planta tipo, alçado noroeste, alçado sudoeste), Fernando Pinto de Sousa
(Fonte: Arquivo da Câmara Municipal da Covilhã) 12
- Fig. 08 - Projeto de alterações de 1996, (Planta do 5^o ao 6^o piso e perspetiva), Fernando Pinto de Sousa
(Fonte: Arquivo da Câmara Municipal da Covilhã) 13
- Fig. 09 - Projeto de alterações de 2005, (planta do 1^o ao 6^o piso e alçado sudoeste), Fernando Pinto de Sousa

(Fonte: Arquivo da Câmara Municipal da Covilhã)	14
Fig. 10 - Projeto de alterações de 2006, (Planta do 1º e 2º piso, alçado noroeste), Fernando Pinto de Sousa	
(Fonte: Arquivo da Câmara Municipal da Covilhã)	15
Fig. 11 – Fachada Sudoeste, Torre de Santo António	
(Fonte: Elaborado pelo autor)	15
Figura 12 - Kuala Lumpur Landmark Tower, (Excerto corte transversal), Bjarke Ingels Group	
(Fonte: (Taschen GmbH, 2021))	19
Figura 13 - Kuala Lumpur Landmark Tower, Bjarke Ingles Group	
(Fonte: https://big.dk/#projects-klt)	20
Figura 14 - Bosco Vertical, (Irrigação, vegetação e conceito final), Stefano Boeri	
(Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/778367/edificio-bosco-verticale-boeri-studio)	22
Figura 15 - Bosco Verticale, Stefano Boeri	
(Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/778367/edificio-bosco-verticale-boeri-studio)	23
Figura 16 - Factoria Cultural in Matadero, Office for Strategic Spaces	
(Fonte: (Archdaily, 2014))	24
Figura 17 - Factoria Cultural in Matadero, Office for Strategic Spaces	
(Fonte: (Archdaily, 2014))	25
Figura 18 - Factoria Cultural in Matadero (Esquema), Office for Strategic Spaces	
(Fonte: (Archdaily, 2014))	26
Figura 19 - Cozinha Comunitária das Terras da Costa, Ateliermob e Warehouse	
(Fonte: (Ateliermob, 2014))	27
Figura 20 - Cozinha Comunitária das Terras da Costa, Ateliermob e Warehouse	

(Fonte: (Ateliernob, 2014))	28
Figura 21 - Planta da Cozinha Comunitária das Terras da Costa, Ateliernob e Warehouse (Fonte: (Ateliernob, 2014))	29
Figura 22 - King Toronto, (Esquema conceptual), Bjarke Ingels Group (Fonte: (Taschen GmbH, 2020))	30
Figura 23 - King Toronto, Bjarke Ingels Group (Fonte: https://big.dk/#projects-king)	31
Figura 24 - Transformação de 530 Unidades Habitacionais, (Princípio de extensão), Christophe Hutin Architecture, Frédéric Druot e Lacaton & Vassal (Fonte: https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=80)	33
Figura 25 - Transformação de 530 Unidades Habitacionais, (Antes e depois da intervenção), Christophe Hutin Architecture, Frédéric Druot e Lacaton & Vassal (Fonte: https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=80)	35
Fig. 26 - Laboratório Espacial em Berlim, (Perspetiva Superior), Francesco Apuzzo, Jan Liesegang (Fonte: (Apuzzo & Liesegang, 2018))	36
Fig. 27 - Laboratório Espacial em Berlim, (Espaço Interior), Francesco Apuzzo, Jan Liesegang (Fonte: (Apuzzo & Liesegang, 2018))	38
Figura 28 - Modelo 3D, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	46
Figura 29 - Perspetivas e estudos iniciais de abordagem à forma pré-existente, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	47
Figura 30 - Maquetes iniciais de estudo da forma, Torre de Santo António	

(Fonte: Elaborado pelo Autor)	47
Figura 31 - <i>Collages</i> no piso 16, estudo iniciais do espaço, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	48
Figura 32 - <i>Collage</i> no piso 16, proposta final, O existente e o Novo, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	50
Figura 33 - Planta do piso 16, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	51
Figura 34 - Perspetiva Isométrica, demolição, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	53
Figura 35 - <i>Collage</i> do Momento de Entrada, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	54
Figura 36 - <i>Collage</i> dos Acessos, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	55
Figura 37 - Perpetiva Isométrica, Zonas D e E, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	56
Figura 38 - <i>Collage</i> Momento a Nordeste, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	57
Figura 39 - <i>Collage</i> Momento a Noroeste, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	58
Figura 40 - <i>Collage</i> Momento a Sudeste, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	59
Figura 41 - <i>Collage</i> Momento a Sudoeste, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	60

Figura 42 - <i>Collage</i> Momento a Sudoeste, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	61
Figura 43 - Maquete à Escala 1:100, proposta final, Torre de Santo António (Fonte: Elaborado pelo Autor)	62

Introdução

1.1 Justificação do Tema

O tema desta Dissertação reflete a motivação do autor em desenvolver um projeto na sua cidade-natal, através da aplicação dos conhecimentos adquiridos, não só na Unidade Curricular de Projeto, mas também ao longo do curso de Mestrado Integrado em Arquitetura.

Após algumas vistas ao local, tornou-se claro o potencial deste edifício, não só pela construção que apresenta, mas também pelas vistas panorâmicas e inspiradoras de que nos oferece. Surge assim a vontade de para tirar proveito do local através de novas arquiteturas, contribuindo não só para a renovação de espaços devolutos, como também para a revitalização da cidade da Covilhã (Figura 01).

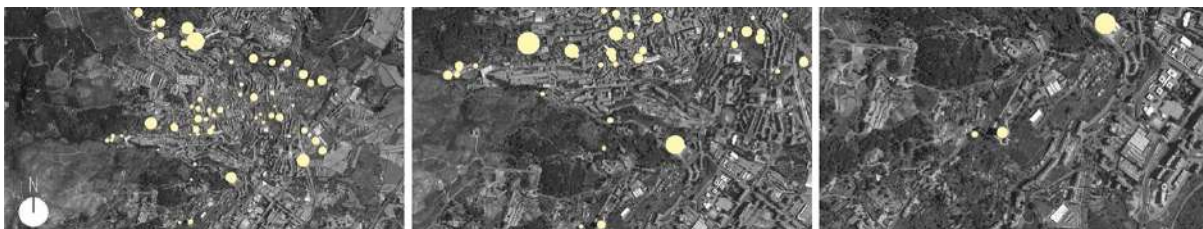


Fig. 01 – Espaços passíveis de intervenção, Covilhã

1.2 Objetivos

O objetivo primordial da presente Dissertação será repensar e reabilitar o edifício Torre de Santo António, de forma a dinamizá-lo através de novos usos e da integração dos mesmos na sua arquitetura. Pretende-se fomentar uma cooperação entre pessoas e novos espaços comuns que provoquem diversas apropriações, por meio da adição de novos espaços e usos. Pretende-se não só beneficiar da estrutura existente e da sua verticalidade, como também colocar em prática uma economia circular, com vista à preservação, otimização de recursos e sustentabilidade construtiva. Simultaneamente, o projeto procura impulsionar novas dinâmicas na envolvente e na cidade, tendo em vista o equilíbrio entre arquitetura e comunidade.

No âmbito, teórico, pretende-se em primeiro lugar definir e compreender a forma como podem atuar os usos temporários em estruturas pré-existentes.

Paralelamente, este trabalho visa aprofundar conhecimentos relativos à Torre de Santo António com o objetivo de contextualizar e justificar a proposta a apresentar, através de processos de trabalho, como o estudo do contexto histórico e urbano, através de auxílio a análises gráficas e da compreensão de usos e funções previstas para o projeto original à data de construção. Este trabalho visa também analisar obras arquitetónicas de referência para melhor informar o projeto a realizar.

1.3 Metodologia

Esta dissertação compreende três momentos metodológicos, que se completam:

O primeiro momento trata-se da abordagem ao edifício e é dedicado à análise dos projetos aprovados do edifício da Torre de Santo António. Considera-se a compreensão dos usos conjecturados fundamental, na medida em que auxilia às suas contextualizações, aspetos que enfatizavam, assim como os fins a que se propunham aquando do projeto original.

As vantagens e desvantagens que o projeto apresentava à época e para o futuro, e os respetivos níveis de sustentabilidade construtiva, analisando a viabilidade dos materiais construtivos utilizados a quando da sua conceção e entendendo em simultâneo a possibilidade de futuras intervenções. Para a realização deste primeiro momento foram consultadas referências bibliográficas, como fontes secundárias e primárias, nomeadamente consulta de elementos escritos e desenhados nos arquivos da Câmara Municipal Covilhã;

O segundo momento, focado na construção do programa e casos de estudo, incidiu em análises e procura de referências pertinentes para o espaço em análise e para o projeto a elaborar, assim como exemplos de re-uso e reabilitações arquitetónicas explorando a forma como a integração destes “novos” espaços e funções, podem ser relevantes para a cidade atual e futura. Para a realização deste momento foram efetuadas pesquisas e análises em publicações e obras de referência, como livros, revistas e sites de arquitetura. Consecutivamente, respondeu-se a uma série de inquietações/ questões pessoais e objetivas, como por exemplo: “O que faz falta naquele local? O que o local precisa? O que pode ser adequado? O que pode oferecer? Existem espaços

verdes? Existem espaços comuns? O que pode a arquitetura oferecer a este sítio? Etc.”, com o propósito de encontrar soluções de novos usos dentro do projeto a propor.

Por fim num terceiro momento, a proposta foi formalizada por meio de um projeto de arquitetura. Este projeto incide na reabilitação do existente e na integração de espaços comuns através da criação de diversos momentos tirando partido da verticalidade do edifício, estes promovem diferentes usos, assim como a coabitação entre pessoas, espaços existentes e criados de raiz, através de experiências sensoriais, físicas e sociais que pretendem ser partilhadas e que são possíveis dadas as vistas panorâmicas sobre a cidade e a Beira Baixa.

Dada a importância que os espaços exteriores dentro da tipologia habitacional como as varandas e os pátios adquiriram atualmente, muito por conta da pandemia e da necessidade de confinamento ao espaço doméstico, estes devem assumir uma abordagem de destaque, integram-se assim possíveis zonas verdes no espaço privado ou mesmo introduzindo espaços agrícolas em contexto urbano. Este Projeto quer dar destaque também à comunhão de espaços comuns ao ar livre, de modo a promover uma união harmoniosa entre a comunidade.

Para a concretização deste momento foram adotadas as ferramentas que caracterizam o processo de projeto, tais como desenhos à mão levantada, desenhos técnicos, maquetes de estudo e explorações tridimensionais de estudo de luz/ sombra e estudo de forma, entre outros.

1.4 Estrutura da Dissertação

Após uma exposição inicial dos problemas, a presente dissertação encontra-se dividida em duas partes, uma primeira de cariz teórico (Momentos I e II) e uma parte prática, onde é enquadrado e apresentado o projeto (Momento III).

A parte teórica divide-se em três momentos essenciais de reflexão:

- Um primeiro momento, de enquadramento e análise ao tema a desenvolver (2. Abordagem ao Edificado), fundamentado por desenhos gráficos e publicações do Arquiteto Fernando Pinto de Sousa dos anos: 1972 (projeto original), 1975, 1976, 2005 e 2006 (projetos de alterações);
- Um segundo momento, focado em estudar conceitos arquitetónicos (3. Casos de Estudo e Referências Arquitetónicas) de apoio ao projeto a realizar.
- No segundo momento, ainda uma reflexão sobre o valor de usos temporários na arquitetura (3. Usos Temporários).
- No terceiro momento, é revelada a proposta de intervenção (4. A Proposta) e descrito o processo de trabalho por meio de desenhos gráficos e técnicos, imagens tridimensionais e maquetes de estudo.

Por fim, são apresentadas as conclusões.

I



Abordagem ao Edificado

2.1 Antecedentes

A Torre de Santo António encontra-se situada a 260 metros da Reitoria da Universidade da Beira Interior, mais precisamente no bairro de Santo António. À data da sua construção, o local onde está implantada designava-se por Quinta de Santo António. (de Sousa, Memória Descritiva e Justificativa, 1972)

O projeto original foi desenvolvido no ano de 1972, pelo Arquiteto Fernando Pinto de Sousa. Pretendia-se inicialmente erguer três torres, idênticas, no local, designadas por Torre A, Torre B e Torre C, implantadas às cotas 650m, 630m e 615m respetivamente (Figura 02). (de Sousa, 1972)



Fig. 02 - Localização do projeto original de 1972, Torre A (preenchido), a Torre B e a Torre C (contornos), Fernando Pinto de Sousa

Todavia, o projeto original não se concretizou. Após levantar unicamente a Torre A e antes que esta ficasse totalmente finalizada, a empresa a cargo desta construção viu-se forçada a abandonar a obra, devido a dificuldades monetárias. Com 19 pisos, destinados predominantemente a assumir funções habitacionais, iria também conter zonas destinadas ao comércio, de forma a satisfazer as necessidades dos seus habitantes e população ao redor, uma vez que esta zona da cidade carecia deste tipo de serviços. (de Sousa, 1972) (Torre de Santo António - Covilhã, 2007)

Desde a paragem repentina da sua construção, a Torre de Santo António tem gerado controvérsia a vários níveis, sobretudo a nível arquitetónico pelo excessivo número de pisos, a

nível paisagístico pela maneira como se encontra isolado a nível construtivo e até mesmo a nível socioeconómico, tendo em conta as mudanças de proprietários com o passar do tempo. Apesar de parecer totalmente abandonada, quer pelo vandalismo que apresenta, como pela inatividade construtiva que impede o seu término, vários foram os momentos em que foi noticiada a sua conclusão, e que seria finalmente terminada, com propostas diversas, desde acordos entre proprietários com a Câmara Municipal da Covilhã, a tentativas e propostas de aquisição da mesma após décadas de existência, a negociações com o objetivo de a transformar num hotel, entre outras funções, à demolição, ou ao mito criado de que estaria inclinada. (Público, 2006) Desde 2019 que, por iniciativa da Câmara Municipal, durante a época natalícia, é utilizada a sua fachada sudeste, como palco de sustento para um conjunto de luzes que desenham a forma de uma árvore, convertendo-a assim durante a noite, numa árvore de natal de grandes dimensões, visível tanto para a cidade como para a Cova da Beira.

Em 2022, a Câmara Municipal da Covilhã aprovou o pedido de informação prévia de uma empresa de Lisboa que já adquiriu o imóvel ao anterior proprietário, o Banco Montepio Geral. Estes propõem a reabilitação da Torre para a sua função primordial do projeto original, habitação. O projeto iria ainda revestir as fachadas com a intenção de “esbater, ao longe, a volumetria do imóvel”. (Vieira, 2022)

2.2 Materiais Construtivos e Local de Implantação

O edifício apresenta uma estrutura em betão armado, material relativamente comum para a época da sua construção. Tanto as paredes exteriores como as interiores são de alvenaria de tijolo, sendo as exteriores duplas e com caixa de ar e as paredes interiores simples. Ambas são revestidas com argamassas de cimento compostas com hidrófugo na tentativa de evitar futuros problemas de absorção de humidade. (Ministério das Obras Públicas e Comunicações - Gabinete do Ministro, 1935) (de Sousa, 1972)

As fundações da Torre de Santo António são de alvenaria de pedra escorado com argamassa de cimento e areia e ainda são dotadas de impermeabilização com cimento hidrófugo, o que concede às mesmas uma maior durabilidade. Este projeto conta ainda com muros de suporte e com paredes com caixa de ar, para evitar humidades no interior do edifício. (de Sousa, 1972)

Nos anos 2000 foi realizado um estudo, por Prof. Dr. Victor Cavaleiro, que indicava ter verificado após várias sondagens ao solo do local, que a torre “em termos de fundações o solo apresenta características favoráveis” para estar implantada no local, que a “construção é segura”. (Fragata, 2001) Segundo o Prof. Dr. V. Cavaleiro, a Torre de Santo António “não tem fissuras”, concluindo que está “bem implantado e não apresenta problemas”. Em suma, as sondagens ao terreno então realizadas davam alento à abordagem deste edifício para a consolidação de uma proposta. (Fragata, 2001)

2.3 Usos e Funções Previstas

No projeto original, a Torre de Santo António apresentaria 16 pisos essencialmente de carácter habitacional. Contudo este estaria dotado também de zonas de cariz comercial que serviriam de apoio aos seus residentes ou visitantes, as quais se localizavam nos pisos do rés-do-chão e pisos abaixo, contemplando: um supermercado, um bar, um restaurante, uma barbearia, uma lavandaria, armazéns privativos e zonas de apoio e zonas técnicas para esses mesmos espaços comerciais. (de Sousa, 1972)

Do 1º ao 3º piso, o projeto apresentava pisos residenciais, de planta modesta, sendo que cada piso continha dezanove quartos com instalações sanitárias privativas, dos quais apenas dez tinham varanda (Figura 03). (de Sousa, 1972)

Do 4º ao 15º piso, o projeto propunha pisos de carácter habitacional, cada piso com, 4 fogos: um T4, dois três T3 e um T2, todos com hall de entrada com vestíbulo, além da sala comum com varanda, despensas e zona de lavagem-estendal (Figura 03). (de Sousa, 1972)

Finalmente no 16º piso, era previsto ser destinado a quatro arrecadações para utilização exclusiva ao 15º piso (Figura 03). (de Sousa, 1972)



Fig. 03 – Desenhos Técnicos do Projeto de 1972, Piso 1º ao 3º (à esquerda), Piso 4º ao 15º (ao centro), Piso 16 (à direita)

2.4 Alterações ao Projeto Original

O Projeto original da Torre de Santo António proposto pelo Arquitecto Fernando Pinto de Sousa no ano de 1972, sofreu alterações ao longo dos anos. Conforme a planta de implantação, (Figura 01), podemos constatar que a ideia inicial era a concretização de três torres gémeas (Torre A, B e C), porém apenas a Torre A foi construída (Figura 01). (Pinto de Sousa, 1972)

Após a construção da mesma, foram apresentadas várias propostas pelo mesmo arquiteto, propondo projetos de alteração com fins comerciais para esta Torre provavelmente com intenção de obter receitas com o edifício. Não obstante e apesar de alguns projetos de alterações terem sido aprovados, nenhuma destas propostas se veio a materializar. Antes de serem analisados alguns desses projetos, deve-se ter em consideração o que foi de facto construído, com mais de 50 anos e que se apresenta atualmente com pisos de carácter habitacionais e residenciais inacabados, assim como o desenho original de 1972 (Figura 04, 05). (Pinto de Sousa, 1972)



Fig. 04 - Projeto original, 1972 (Planta de implantação), Fernando Pinto de Sousa



Fig. 05 - Projeto original, 1972 (Planta tipo, alçado noroeste, alçado sudoeste), Fernando Pinto de Sousa

Em 1975, surgem as primeiras alterações, através de um pedido de aditamento ao projeto original, alteração essa que pretendia acrescentar um piso com função de restaurante panorâmico, passando a 17 pisos. Contudo, em 1976 verificam-se pequenas retificações às alterações do ano anterior, mais precisamente no último piso que seria recuado e destinado afinal a área de habitação e com um total de 14 pisos (Figura 06). (de Sousa, 1975)



Fig. 06 - Projeto de alterações de 1976 (Planta tipo, alçado noroeste, alçado sudoeste), Fernando Pinto de Sousa

Em 1980, propõem-se alterações pontuais, na fachada sudoeste, sendo estas concretamente uma faixa de aberturas ligeiramente maiores e na cobertura, deixando de ser plana e passando a ser de quatro águas (Figura 07). (Pinto de Sousa, 1980)



Fig. 07 - Projeto de alterações de 1980 (Planta tipo, alçado noroeste, alçado sudoeste),
Fernando Pinto de Sousa

Nos anos de 1996 a 1998, dão-se as primeiras grandes alterações ao projeto original. De acordo com estas alterações, a massividade do edifício seria ainda mais evidente, tanto de perto como à distância, ganhando um conjunto de dois blocos de área bastante considerável ao redor da torre e até ao 6º piso. Desta forma, passa de uma torre com pisos de residencial e habitação com algumas zonas de comércio no piso de rés-do-chão para ganhar diversas funções e mais pisos de habitação. A poente e nascente estes dois corpos laterais seriam segundo o Arq. Fernando Pinto de Sousa, uma compensação horizontal volumétrica para combater os efeitos desfavoráveis da verticalidade apresentada pela torre. (Pinto de Sousa, 1996)

Os dois volumes laterais previstos estariam interligados, através da expansão dos pisos da cave, sub-cave e rés-do-chão e do uso de envidraçados nas fachadas. Estes seriam ainda destinados a habitação nos pisos superiores com tipos de fogos mais diversificados e com acessos autónomos em cada bloco (Figura 08). (Pinto de Sousa, 1996)

Estas alterações significativas iriam ainda alterar a Torre principal, nos seguintes aspetos:

- A entrada principal passava a fazer-se pela fachada a sudoeste/ poente. Este bloco iria estender-se até à via pública ganhando assim a curvatura da própria via rodoviária existente e que atualmente continua a contornar o edifício. (Pinto de Sousa, 1996)
- Nos pisos da sub-cave e cave, teria estacionamento subterrâneo em ambos os pisos com três acessos independentes para a Torre ou para os dois blocos adicionais. Na cave teria zona de arrumos, casa de máquinas, despensas, 14 espaços de lojas, um restaurante, copa, lavandaria, entre outros espaços de apoio. (Pinto de Sousa, 1996)
- A poente o espaço seria igual em dois pisos, cave e rés-do-chão, sendo que a zona de

recepção seria no piso da cave e este dividia-se com dois ginásios, dois campos de squash, uma sala de aeróbica, uma piscina, duas saunas, dois espaços de massagens, dois duches escoceses, um terraço e dois balneários em ambos os pisos. (Pinto de Sousa, 1996)

- No rés-do-chão haveria outro restaurante com acesso independente, sendo que este seria de comida fast food com esplanada, que segundo o arquiteto, serviria para dar resposta ao “futuro desenvolvimento turístico da cidade da Covilhã”. Incluía ainda um conjunto comercial, composto por mais 8 espaços comerciais, um bar/pastelaria, uma cozinha, um vestíbulo com zona de espera, garrafeiras, e evidentemente instalações sanitárias de apoio. (Pinto de Sousa, 1996)

- O bloco a sudoeste da Torre iria apresentar-se com um total de 6 pisos acima do rés-do-chão, destinado a tipologias T1 com um total de 24 fogos. (Pinto de Sousa, 1996)

- O bloco a nascente fachada nordeste, teria uma entrada independente pela cota superior da via rodoviária existente. Este apresentar-se-ia como área habitacional de tipologia T1 e com 6 pisos acima do rés-do-chão. (Pinto de Sousa, 1996)

- O 16º piso da Torre principal, seria transformado em tipologias T5 e com duplex. (Pinto de Sousa, 1996)

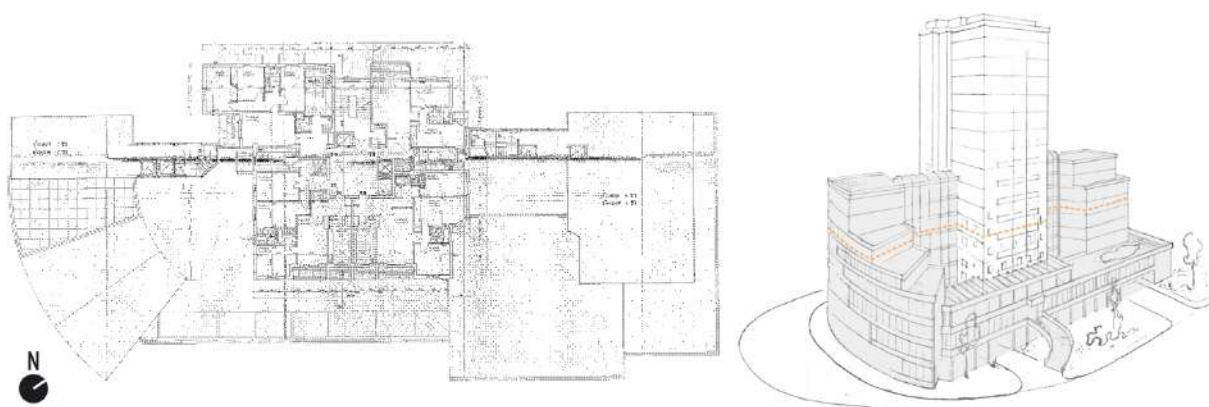


Fig. 08 - Projeto de alterações de 1996 (Planta do 5º ao 6º piso e perspetiva), Fernando Pinto de Sousa

Em 2005, são apresentadas retificações significativas aos anos anteriores de 1996 e 1998. Estas alterações seriam um misto do conceito do projeto original com o do projeto de alterações de 1996. Neste caso apresentar-se-iam sem os grandes volumes a nascente e a poente e consequentemente sem zonas de diversão e lazer, tornando-o desta forma num projeto mais modesto, tanto em termos funcionais como volumétricos. Ainda assim, se comparado com o projeto original e à parte da sua verticalidade, este ainda contaria com alterações significativas.

Os pisos abaixo do rés-do-chão destinam-se a estacionamento, arrecadações, sala de condómino, entre outras zonas de apoio. O piso do rés-do-chão, seria um *open space*, dotado apenas de sanitários de apoio este seria destinado a comércio e serviços. Os pisos do 1º ao 16º apresentar-se-iam como área habitacional, e que seriam dotados de tipologias T1 e T2 do 1º ao 6º piso, de tipologias T2, T3 e T4 do 7º ao 12º piso e de tipologias T1, T2 e T3 do 13º ao 16º piso (Figura 09). (Pinto de Sousa, 2005)



Fig. 09 - Projeto de alterações de 2005 (Planta do 1º ao 6º piso e alçado sudoeste), Fernando Pinto de Sousa

No ano de 2006, dão-se as últimas alterações ao projeto da Torre de Santo António até à data de entrega desta dissertação. Este projeto de alterações seria novamente uma retificação ao projeto de alterações proposto anteriormente, sendo que este teria com foco principal novamente espaço habitacional. Os pisos da sub-sub-cave e sub-cave, destinam-se a estacionamento e arrecadações, à semelhança do projeto proposto em 2005. Contudo, o estacionamento é proposto também para a o exterior sendo que acompanharia a própria via rodoviária ao nível do piso do rés-do-chão. Este piso deixaria de ser *open space* e passaria a ser focalizado para área habitacional. No entanto ainda teria 4 espaços designados para comércio ou serviços. Tal como o piso do rés-do-chão, o piso da cave também seria direcionado para habitação com tipologias igualmente presente em ambos, To, T1 e T2. Sendo que o piso da cave apresentaria 13 unidades To, 12 unidades T1 e uma unidade T2 e o piso rés-do-chão apresentaria 9 unidades To, 11 unidades T1 e igualmente uma unidade T2. Desta forma a Torre de Santo António ganharia consideravelmente área de habitação em relação ao existente no terreno. (Figura 10). (Pinto de Sousa, 2006)



Fig. 10 - Projeto de alterações de 2006 (Planta do 1º e 2º piso, alçado noroeste), Fernando Pinto de Sousa



Fig. 11 – Fachada Sudoeste, 2022, Torre de Santo António

Atualmente, a Torre de Santo António apresenta-se como uma única torre inacabada, de 17 pisos, com algumas marcas temporais e de inatividade e ainda com evidências de alterações ao projeto original. Tanto no seu interior como no exterior deste projeto, no presente ano, de 2022, este apresenta-se como uma compilação do projeto original de 1972, com os vários projetos aqui referidos até ao projeto do ano de 2006 (Figura 11).

É de conhecimento público que desde o ano 2022, a Torre de Santo António foi vendida a investidores privados que pretendem recuperar o mesmo apesar de não ter sido revelado o novo projeto. (Regiões, 2022)

II



Casos de Estudo e Referências Arquitetônicas

De forma a conseguir concretizar uma proposta de intervenção criativa e fundamentada foi necessária não só a análise da Torre de Santo António e respetivo local de implantação, mas também foi de igual importância a investigação e análise de referências arquitetônicas como casos de estudo para informar uma abordagem mais assertiva aos espaços a concretizar. Durante essas mesmas análises tentou-se decifrar e encontrar mais que soluções relativas ao contexto da comunidade, meio urbano e claro de arquitetura, mas também questões que fossem de encontro ao objetivo da intervenção a propor.

Partimos das seguintes questões: como podemos dinamizar o espaço com recursos ou estratégias arquitetônicas? Qual a importância da presença de luz natural no espaço interior? Como podemos integrar a presença de vegetação no espaço interior e que vantagens pode trazer ao projeto? Que relevância podem ter os espaços exteriores? De que forma podem ser postas em prática estratégias arquitetônicas para reavivar um edifício devoluto e quais aplicar? O que podem os novos espaços comuns oferecer à comunidade?

3.1 Kuala Lumpur Landmark Tower

Projetada pelo grupo Bjarke Ingels Group (BIG), no ano de 2013, em Kuala Lumpur na capital da Malásia, esta torre pretende criar uma ligação visual e arquitetónica com as Torres Petronas (um ícone de uma nova geração moderna), de forma a redesenhar o horizonte da cidade, mas sem contribuir para a densidade urbana da cidade conhecida pelos seus arranha-céus. (Raa, s.d.) (Taschen GmbH, 2021)

Após uma década de existência das Torres Petronas, o atelier de arquitetura BIG recebeu um convite para projetar numa zona comercial, do outro lado da cidade. A equipa de design percebeu os desafios a que se propôs através de algumas questões e que estas não podiam evitar algum tipo de abordagem às Torres Petronas, assim desenvolveram algumas questões: Como poderiam produzir um novo marco de igual relevância como as Torres Petronas? Como este novo edifício poderia desenvolver um diálogo arquitetónico com a silhueta formada pelas Torres Petronas? E como poderia este diálogo ser respeitoso ao invés de criar uma luta entre estes dois projetos? Como tal a linguagem arquitetónica utilizada na Kuala Lumpur Landmark Tower tenta resolver problemas habitualmente relacionados com um arranha-céus, sendo que o seu conceito é explicado através de alguns pontos: o design, a proporção, a sombra, a organização espacial e o acabamento. (Raa, s.d.) (Taschen GmbH, 2021)

- O Design: Este explora o uso da perspetiva da visão de inferior para a superior, ou seja, a perspetiva que se tem quando se está ao nível da base de um arranha-céus clássico, explorando ainda a organização de um arranha-céus clássico que recua entre si ao subir. Desta forma aplicam a organização inverso, oferecendo assim ao residente mais área à medida que as vistas se tornam cada vez mais interessantes, por outras palavras, um arranha-céus de “cabeça para baixo”. (Taschen GmbH, 2021)

- A Proporção: Este volume trata-se de uma coluna de grandes dimensões quadrada que aumenta proporcionalmente à medida que a cota se eleva. À medida que as vistas vão ficando mais atrativas, as áreas dos pisos ficam maiores proporcionando também a mais inquilinos que as desfrutem. Formando assim uma subtil transição de proporções verticais para horizontais. (Taschen GmbH, 2021)

- **A Sombra:** À medida que a Torre Kuala Lumpur Landmark alcança uma maior cota, os arredores abrem-se concedendo mais espaço à entrada de luz e circulação de ar ao redor do seu volume. Para que a luz possa entrar de forma mais eficaz e evidente dentro do edifício e as alturas dos tetos são ajustadas a cada piso para que haja equilíbrio entre a profundidade de cada um. (Taschen GmbH, 2021)

- **A Organização Espacial:** Esta torre trata-se de um conjunto de volumes empilhados e equilibrados entre si, sendo separados por pisos de carácter público com espaços verdes. Cada volume corresponde a uma tipologia, do rés-do-chão ao último piso, compreendendo de forma proporcional maior valor, respetivamente, desde os pisos com escritórios até aos últimos onde se encontra o *Courtyard Hotel*. (Taschen GmbH, 2021)

Com uma vista panorâmica de 360º este hotel, o interior do volume dos últimos pisos é escavado, concebendo um pátio ajardinado no “céu”, como se o edifício suportasse um volume de forma idêntica a uma coroa. Oferecendo assim aos hóspedes, um jardim abrigado de possíveis ventos que poderiam encontrar a 381m de altitude, não os privando de luz natural. Rodeado pelos quartos que têm vistas para a cidade, o pátio é orquestrado por um jardim que se funde com uma piscina em perfeita geometria (Figura 12). (Taschen GmbH, 2021)

- **O Acabamento:** As fachadas ao longo desta torre foram ornamentadas por um padrão moderno com uma estética que remete à cultura árabe e são de dupla pele. Assim obtém um melhor controlo de intensidade da ventilação e da luz natural nos espaços internos, o que possibilita usufruir das vistas sem originar sobreaquecimento. (Raa, s.d.) (Taschen GmbH, 2021)

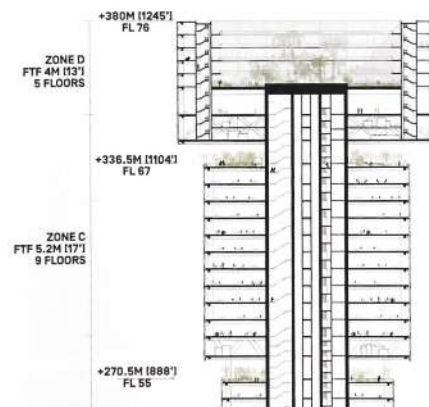


Fig. 12 - Kuala Lumpur Landmark Tower, (Excerto corte transversal), Bjarke Ingels Group

Os BIG descrevem o projeto como um vaso de Rubin arquitetônico, pela famosa ilusão do vaso de Rubin que oscila entre o plano de fundo e o primeiro plano. Segundo estes, este projeto preencheria de forma sublime o vazio criado pelas Torres Petronas se posicionado no mesmo (Figura 13). (Raa, s.d.) (Taschen GmbH, 2021)



Fig. 13 - Kuala Lumpur Landmark Tower, Bjarke Ingels Group

A Kuala Lumpur é à semelhança da Torre de Santo António, uma torre que se destaca no local de implantação por meio da sua verticalidade, ainda que o contexto urbano onde se inserem sejam relativamente distintos. Não obstante este caso de estudo surge no seguimento do processo inicial de pesquisa de formas volumétricas para a proposta final mas após a análise e estudo deste projeto, a torre Kuala Lumpur revelou ser um caso de estudo de relevância para a formação do conceito da proposta a apresentar nesta dissertação, não só pela forma como proporciona zonas de vegetação e como estão integradas na sua organização espacial, mas também pelo modo de utilização e manipulação da luz natural e da sombra.

3.2 Floresta Vertical/ Bosco Verticale

Projetada pelo grupo Stefano Boeri (SB), no ano de 2014, em Milão, Itália, a Floresta Vertical é um conjunto de duas torres que pretende demonstrar que a arquitetura pode criar uma união equilibrada com a natureza, colocando em prática uma arquitetura de biodiversidade. Este projeto é o primeiro exemplo em Milão, demonstra a importância da relação entre a natureza e os seres humanos, através da arquitetura. Segundo o estúdio de arquitetura SB este projeto consiste em duas torres, uma com 80m e outra com 112m de altura, albergando um total de 800 árvores no decorrer das suas fachadas. Desde árvores, arbustos a plantas mais pequenas, estas duas torres sustentam uma vegetação concentrada que corresponde a cerca de “30 000m quadrados de mata e vegetação rasteira”. (Boeri Stefano Architetti, 2014) (archdaily, 2015)

A Floresta Vertical apresenta um ecossistema por si só através da biodiversidade de plantas tornando o seu conceito arquitetónico um pouco mais complexo e original, onde a arquitetura dá ênfase à natureza usando-a para seu próprio benefício. O conceito e as qualidades expressivas do projeto compreendem-se em grande parte através de alguns pontos-chave: o verde, o ecossistema, as árvores, a contenção urbana, a transformação e a hidratação, a irrigação e a manutenção. (Boeri Stefano Architetti, 2014) (archdaily, 2015)

- O Verde: A Floresta Vertical aumenta claramente a biodiversidade, conceito esse que contribui para filtrar o ar, absorvendo o CO₂ presentes em grande escala nos meios urbanos. Através deste sistema natural como se de uma cortina de filtração se tratasse, as plantas ajudam à criação de um microclima, contribuindo para a redução de poluição sonora, para a redução e controlo de humidade e poeiras, para a proteção humana da radiação e produzindo oxigénio, contrariamente ao vidro e ao metal. (archdaily, 2015)

- O Ecossistema: Com o aumento da diversidade biológica, este projeto proporciona um ecossistema urbano onde a natureza vertical tem a intenção de promover não só mitigação na zona de implantação, mas também na envolvente, com uma estimativa de que a curto prazo, estas torres sejam habitadas por cerca de 1600 espécies de insetos e aves. Estas torres elevam arquitetonicamente a ideia de infância da casa na árvore, transformando-a em árvores na casa, contribuindo assim de maneira voluntária para a fauna e flora da cidade de Milão. (Boeri Stefano Architetti, 2014) (archdaily, 2015)

- **As Árvores:** Previamente cultivadas em viveiro botânico especial estas plantas para que adquirissem condições idênticas e futuras às das varandas fortemente salientes nas fachadas da Floresta Vertical. Para permitir o desenvolvimento de árvores de maior porte, foi deixado entre os patamares das varandas um espaçamento vertical de três metros. A escolha destas antecederam a vida construtiva das próprias torres, tendo sido estudadas durante três anos por um grupo de etólogos e botânicos, para que fossem escolhidas de acordo com o seu posicionamento nas fachadas. (Boeri Stefano Architetti, 2014) (archdaily, 2015)

- **A Contenção Urbana:** Cada torre corresponde a uma área de 50 000 m² de habitações unifamiliares e edificadas, assim este projeto contribui para a redução da densidade urbana. (Boeri Stefano Architetti, 2014) (archdaily, 2015)

- **A Transformação:** As fachadas da Floresta Vertical são visualmente agradáveis não só pela forte presença da natureza, mas também pela contínua transição de tons. As espécies presentes neste projeto oferecem às torres o fator de total adaptação de cor conforme a estação do ano. (Boeri Stefano Architetti, 2014) (archdaily, 2015)

- **A Hidratação, Irrigação e Manutenção:** A disposição da vegetação não foi deixada ao acaso, foi estudado e analisado a exposição e as características climáticas para que em cada piso, toda a diversidade biológica presente tivesse a irrigação mais apropriada. Retirando a água por meio de uma filtração de drenos de cinzas das torres, este sustentável e controlado sistema de irrigação é também personalizado conforme a planta. A preservação e manutenção necessária está a cargo de todo o condomínio (Figura 14). (Boeri Stefano Architetti, 2014)

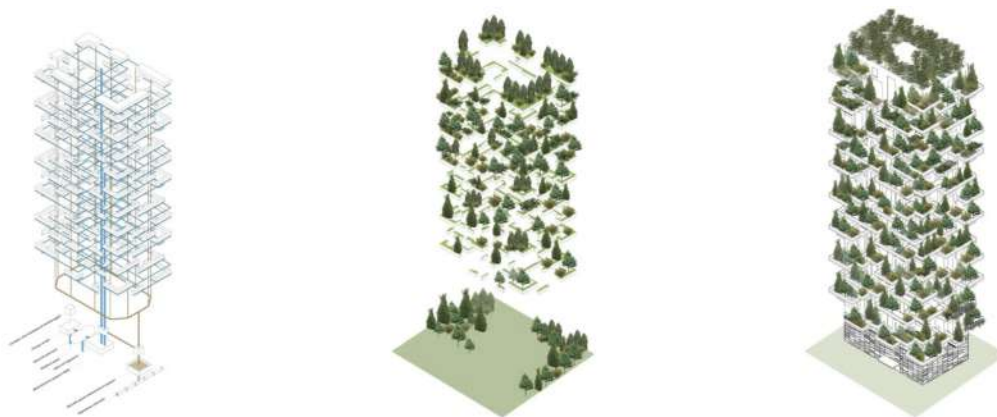


Fig. 14 - Bosco Verticale, (Irrigação, vegetação e conceito final) Stefano Boeri

O contraste neste projeto é um conceito arquitetônico por si só, com a presença de cores que se contrastam entre si, mas não só. O cinza utilizado nas suas fachadas contrasta e destaca o ritmo da composição das varandas brancas, que por sua vez evidencia intencionalmente a presença dessa tela policromática variável da vegetação (Figura 14, 15). (Boeri Stefano Architetti, 2014) (archdaily, 2015)

O arquiteto conta com uma tela de vegetação, precisando criar um microclima adequado e filtrar a luz solar, e rejeitando a estreita abordagem tecnológica e mecânica da sustentabilidade ambiental. A Floresta Vertical valeu alguns prêmios ao grupo SB incluindo, o International Highrise, prêmio do Deutschen Architekturmuseums of Frankfurt, em 2014 e o de melhor edifício alto do mundo, prêmio do Council for Tall Building and Urban Habitat do IIT de Chicago, em 2015. (Boeri Stefano Architetti, 2014)



Fig. 15 - Bosco Verticale, Stefano Boeri

À semelhança do caso de estudo analisado anteriormente, também este se destaca no local de implantação, tanto pela sua forte presença construtiva como ainda pelo seu conceito de biodiversidade. Este caso de estudo surge aquando do processo de pesquisa de projetos porque havia a intensão inicial de criar de forma clara harmonia entre arquitetura e natureza. Após a análise e estudo deste projeto, a Floresta Vertical revelou ser de relevância para a evolução e solidificação do conceito da proposta a apresentar nesta dissertação, onde a partir deste podemos perceber entre outros aspetos referidos anteriormente nesta análise, a importância para a comunidade da presença da natureza na arquitetura e no meio urbano (Figura 15).

3.3 Factoría Cultural in Matadero Madrid

O projeto Factoria Cultural in Matadero Madrid, foi projetada pelo grupo Office for Strategic Spaces, no ano 2014, situa-se em Madrid, Espanha. É considerada como uma iniciativa arquitetônica inspiradora, ao transformar uma zona de espaços industriais em ambientes criativos e dinâmicos, características ideais para a produção artística e cultural. Este projeto de reabilitação espacial é um exemplo de como a arquitetura pode e deve revitalizar espaços em estado de abandono e simultaneamente incentivando ao desenvolvimento criativo da comunidade. (Figura 16) (Archdaily, 2014)



Figura 16 - Factoria Cultural in Matadero, Office for Strategic Spaces

De modo a perceber melhor o conceito deste projeto, podem ser enumerados algumas das principais características chave do projeto:

- **Reabilitação de Espaços Industriais:** Este projeto busca resgatar e reabilitar espaços industriais abandonados, transformando-os em centros criativos e culturais. Essa abordagem de reutilização e revitalização é um passo essencial para a preservação da memória histórica do local promovendo ao mesmo tempo o uso sustentável do espaço existente. (Archdaily, 2014) (Madrid, s.d.)

- **Espaços Polivalentes e Flexíveis:** A arquitetura apresentada neste projeto enfatiza a

versatilidade dos espaços. Estes foram concebidos para serem polivalentes, adaptando-se facilmente a diversos tipos de eventos e atividades culturais, como exposições, workshops, apresentações e ensaios artísticos. (Figura 17) (Archdaily, 2014) (Madrid, s.d.)



Figura 17 - Factoria Cultural in Matadero, Office for Strategic Spaces

- Incentivo à Criatividade e à Arte: A Factoria Cultural in Matadero Madrid foi projetada como um espaço que pretende fomentar a criatividade e a expressão artística da comunidade. Ao oferecer tipos de espaços adequados, como atelier, estúdios e salas de ensaio, os utilizadores vêm-se na presença de um ambiente propício para desenvolverem seus projetos e explorarem novas ideias. (Archdaily, 2014) (Madrid, s.d.)

- Integração e Interação: O projeto foi concebido para ser um ponto de encontro e interação entre os artistas e a comunidade local. Este promove apresentações e exposições abertas ao público, estimulando o diálogo e a conexão entre os usuários oferecendo a possibilidade da participação da comunidade em atividades culturais. (Archdaily, 2014) (Madrid, s.d.)

- Espaços Temporários e Adaptáveis: A arquitetura presente na Factoria Cultural é temporária e adaptável, permitindo que os espaços sejam reconfigurados de acordo com as necessidades específicas para cada momento. Essa flexibilidade é essencial para acompanhar as mudanças nas atividades culturais e as demandas da comunidade. (Figura 18) (Archdaily, 2014) (Madrid, s.d.)

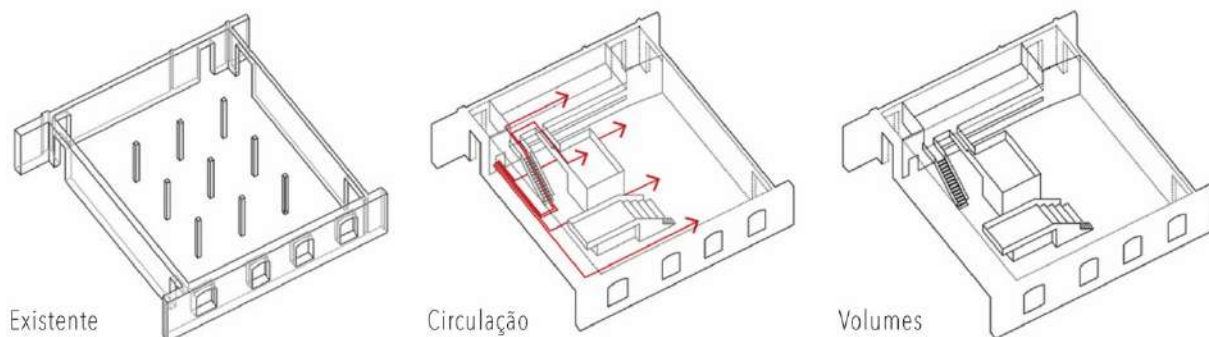


Figura 18 - Factoria Cultural in Matadero (Esquema), Office for Strategic Spaces

O projeto Factoria Cultural demonstra ser exemplo de arquitetura temporária especialmente no âmbito cultural e artístico conceitos que devem ser tidos em conta na criação de projetos de caráter temporário. Este demonstra como a arquitetura temporária pode ser usada para revitalizar espaços subutilizados, transformando-os em centros de criatividade e expressão artística. Além disso, a flexibilidade e a adaptabilidade dos espaços temporários demonstram como estes podem promover a cultura e a arte de forma dinâmica e sustentável, sem a necessidade de recorrer a construções de carácter permanente. A iniciativa inspiradora deste projeto revelou ser uma referência para o processo de desenvolvimento do projeto a apresentar, na medida em que ajudou a perceber como se pode dinamizar o espaço existente trazendo funcionalidade ao mesmo. A abordagem criativa do projeto Factoria Cultural demonstrou ainda ser um guia para a criação de espaços de sensoriais e de estar, pela forma como este incentiva a experienciar os espaços.

3.4 Cozinha Comunitária das Terras da Costa

Projetado pelos grupos Ateliermob e Warehouse, no ano de 2014, na Costa da Caparica, Portugal, este projeto é um exemplo inspirador de como a arquitetura pode promover à integração social, a sustentabilidade e a participação comunitária. Este espaço comunitário foi concebido para servir de forma coletiva os moradores locais, proporcionando um local para se reunirem, cozinharem e compartilharem alimentos, fortalecendo laços entre a comunidade e promovendo práticas alimentares saudáveis e conscientes. (Archdaily, 2021)

De forma a entender melhor os conceitos fundamentais deste projeto, é possível subdividi-lo por tópicos:

- **Integração e Participação Comunitária:** Esta cozinha comunitária foi projetada para ser um espaço inclusivo, onde os moradores podem socializar e participar em atividades coletivas. A sua forma em “u” é sinónimo de um espaço aberto e acolhedor, incentivando à interação entre pessoas, fortalecendo laços sociais gerando um sentimento de pertencimento na comunidade. (Figura 19) (Archdaily, 2021) (Ateliermob, 2014)



Figura 19 – Cozinha Comunitária das Terras da Costa, Ateliermob e Warehouse

- **Sustentabilidade e Materiais:** Um dos princípios conceptuais importantes deste projeto é a sustentabilidade. A escolha de materiais reciclados e a implementação de soluções ecológicas, como a captação de água da chuva e iluminação natural, refletem um claro compromisso dos arquitetos em reduzir o impacto ambiental e criar um espaço ecologicamente responsável. (Archdaily, 2021) (Ateliermob, 2014)

- **Empoderamento Comunitário:** A cozinha comunitária estimula o empoderamento da comunidade, incentivando os utilizadores à autogestão e à sua participação ativa. A estrutura é projetada para ser flexível e adaptável, permitindo que a comunidade assuma o controle do espaço e organize suas próprias atividades. (Archdaily, 2021) (Ateliernob, 2014)
- **Promoção da Cultura Local:** Este projeto valoriza a cultura local ao oferecer um espaço para a preservação e celebração das tradições culinárias e culturais da zona e da região. A cozinha comunitária converte-se num local para a partilha de saberes e práticas ancestrais, garantindo a continuidade das tradições. (Figura 20) (Archdaily, 2021) (Ateliernob, 2014)



Figura 20 – Cozinha Comunitária das Terras da Costa, Ateliernob e Warehouse

- **Aprendizagem e Inovação:** Para além de ser um ponto de encontro social, este foi concebido para ser um espaço de aprendizagem e inovação. Através de workshops culinários, palestras e eventos culturais, os moradores têm a oportunidade de expandir seus conhecimentos e explorar novas abordagens na culinária e na alimentação. (Archdaily, 2021) (Ateliernob, 2014)
- **Impacto Social:** A arquitetura desta cozinha comunitária tem um impacto significativo na qualidade de vida dos moradores. O espaço promove a saúde e o bem-estar, através do incentivo de práticas alimentares saudáveis e do uso de alimentos frescos e locais (Figura 21). (Archdaily, 2021) (Ateliernob, 2014)

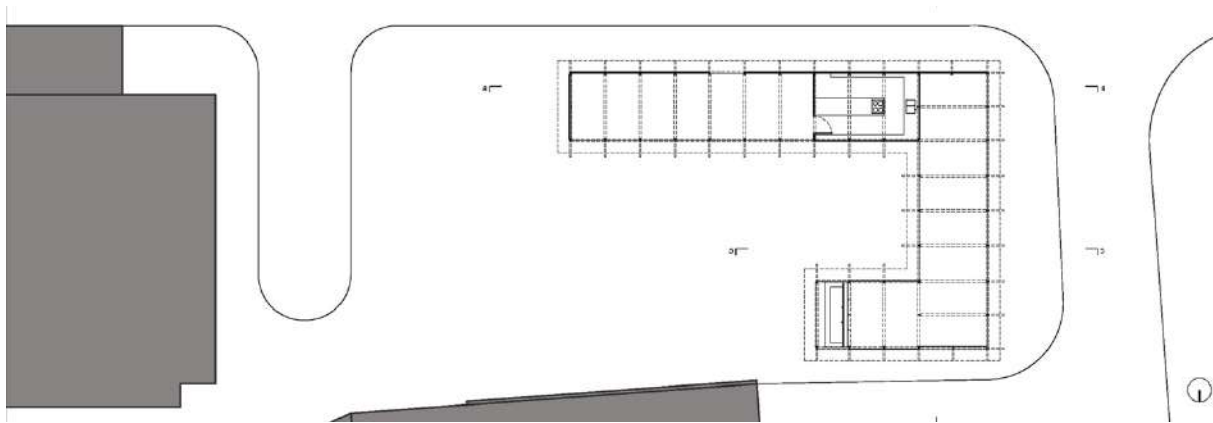


Figura 21 – Planta da Cozinha Comunitária das Terras da Costa, Ateliermob e Warehouse

Através da arquitetura, os grupos Ateliermob e Warehouse, demonstram que é possível criar espaços que vão além da funcionalidade física, impactando positivamente a vida das pessoas e estimulando o cuidado com o meio ambiente.

O projeto da Cozinha Comunitária das Terras da Costa revelou ser um contributo de referência essencial para o processo criativo do projeto a apresentar, na medida em que se destaca por ser um exemplo de como a arquitetura pode ser uma força transformadora na sociedade. Ideais como a abordagem interativa e sustentável, aliada ao estímulo, à cultura local e ao empoderamento comunitário, converte-o num espaço de integração e celebração da vida em comunidade. Desta forma alguns dos conceitos anteriormente referidos neste caso de estudo, como a sustentabilidade ou a interatividade espacial, estiveram presentes aquando do processo conceptual da proposta a apresentar.

Em parte, este projeto de referência motivou para o desenvolvimento e integração de zonas de cozinha comunitária na proposta a apresentar, pela forma como valoriza a participação da comunidade no processo de criação e flexibilidade dos espaços permitindo ainda que o visitante possa assumir tal como neste projeto um papel ativo na gestão das mesmas sendo que estes espaços podem também acolher workshops entre outros eventos culinários.

3.5 King Toronto

Projetada pelo grupo Bjarke Ingels Group (BIG), no ano de 2016 (aprovado para 2023), em Toronto, Canadá, este projeto irá surgir entre a malha urbana pré-existente dos bairros do séc. XX, relativamente baixos a noroeste e com a forte presença de arranha-céus como o Central Business District a leste. Organizada por “blocos empilhados”, a proposta consiste num projeto que se integra com a malha urbana existente, por meio de um complexo multiusos que oferece não apenas zonas comuns como um centro comercial e zonas de escritórios, mas também zonas privadas de cariz habitacional (Figura 22). (Taschen GmbH, 2020)



Fig. 22 - King Toronto, (Esquema conceptual), Bjarke Ingels Group

Para compreender melhor como o projeto King Toronto foi concebido no centro da cidade de Toronto, deixando a ideia predominante de arranha-céus ao abordar um meio urbano à escala de grandes metrópoles, é necessário analisar alguns pontos-chave que definem este projeto como: a integração e a preservação, a nova malha construtiva e a praça central. (Taschen GmbH, 2020) (Archdaily, 2018)

- **A Integração e Preservação:** Este edifício pretende preservar a área de um bairro do séc. XX tradicional, mantendo para além dos edifícios históricos também outras características existentes, uma praça central e um parque público. Este projeto envolve os edifícios existentes através de uma nova malha de blocos que criam uma harmonia projetual e orgânica. (Taschen GmbH, 2020) (Archdaily, 2018)

- A Nova Malha Construtiva: De forma a garantir um maior aproveitamento de luz e ventilação natural, surge uma nova malha construtiva por meio de blocos ou voxel que giram 45 graus deixando de ser perpendicular à malha da rua. Estes para além de se desenvolverem na vertical, preenchem também vazios entre os prédios existentes e à medida que recuam entre si criando pátios na sua cobertura. Como o conjunto destes blocos não alcançam a mesma cota, a vegetação está presente como elo de ligação entre pisos e proporcionam espaços verdes de terraço acessível em cada um, criando desta forma uma ondulação nas fachadas e na cobertura do volume resultante, o que possibilita que a luz natural incida também à cota da rua (Figura 23). (Taschen GmbH, 2020)

- A Praça Central: Esta é dividida em dois ambientes distintos, esta oferece uma zona ajardinada que se une com um pátio urbano, público e que é acessível por vários caminhos que o atravessam. Blocos extraídos entre si elevam-se criando espaços e simultaneamente contornando e definindo toda a zona central, comercial e de trabalho que convida os visitantes os moradores a experienciar e a conviver nesta união de espaços. (Taschen GmbH, 2020) (Archdaily, 2018)

Bjarke Ingels, sócio fundador do grupo BIG, afirma que este projeto tenta através de inspirações de propostas como Habitat 67 de Moshe Safdie, “criar um contraponto à tradicional tipologia de torre”, que desenvolve um espaço preocupado para residentes e em simultâneo para a comunidade. (Archdaily, 2018)



Fig. 23 - King Toronto, Bjarke Ingels Group

King Toronto é um projeto de exemplo de boa prática de integração no local de implantação, desta forma e após a análise anterior, este caso de estudo demonstrou relevância para a proposta desta dissertação. A preocupação da equipa ao abordar o local manifesta-se no projeto, como a maneira deste se integrar na malha urbana existente que se afasta da ideia racional de construir em altura ao projetar em grandes metrópoles. No entanto King Toronto é também um projeto de preservação, intervindo em vazios deixados pela arquitetura existente e melhorando-a através de técnicas como, a de rodar a nova malha de blocos, ou a de recuar esses mesmos blocos da fachada existente, para maior aproveitamento de luz natural, tanto para o projeto como para a via pública.

Esta perceção de intervir e preservar são essenciais e também são ideais de arquitetura presentes no processo criativo da proposta a apresentar. Ao analisar este caso de estudo, percebe-se a importância nos pisos de cariz habitacional de pátios, da luz natural e da presença de vegetação na arquitetura, todavia percebe-se também o valor de espaços comuns nos pisos inferiores que este projeto oferece à comunidade. Foram igualmente preocupações como estas, que foram inspiradoras e consideradas constantemente no conceito da proposta a apresentar.

A importância de integração e preservação presente neste projeto ecoam na proposta a apresentar. Assim como no projeto do grupo BIG a proposta final visa preservar elementos existentes e incorporá-los de forma subtil em simultâneo com novos espaços que buscam uma harmonia entre a intervenção e o preexistente. King Toronto levou-nos a repensar certos aspetos na abordagem da proposta, que deram origem a espaços arejados e iluminados de forma mais eficiente, percebendo a forma mais eficaz de orientar e posicionar elementos novos que valorizem a ventilação e a luz natural e simultaneamente criem ambientes confortáveis, saudáveis e priorizando o bem-estar e a conexão humana.

3.6 Transformação de 530 unidades habitacionais

Projetada pelos grupos Christophe Hutin Architecture, Frédéric Druot e Lacaton & Vassal, no ano de 2017, em Bordeaux, França, o projeto transformação de 530 unidades habitacionais trata-se da reformulação espacial de três edifícios sociais modernistas, conhecidos como “Cité du Grand Parc” ou cidade do grande parque, os edifícios G, H e I, de 10 a 15 pisos dos anos 60, contêm mais de 4000 fogos. (lacaton & vassal, 2017) (archdaily, 2020)

As vastas equipas de arquitetos que trabalharam neste projeto, tiveram o cuidado de perceber o estado débil de manutenção que os edifícios modernistas apresentavam e consideraram que teria maior potencial de recuperação e revalorização devido à sua localização privilegiada, com vistas sob o horizonte da cidade de Bordeaux. Deste modo, tentaram conferir às 530 habitações maiores condições de conforto, tornando-as mais apelativas com base num projeto de economia sustentável. Para que se consiga entender melhor o conceito e as intenções desta transformação, é necessário compreender e analisar alguns pontos-chave do mesmo, como: a economia sustentável, a adição, a transformação interior e a transformação exterior (Figura 24). (lacaton & vassal, 2017) (archdaily, 2020)

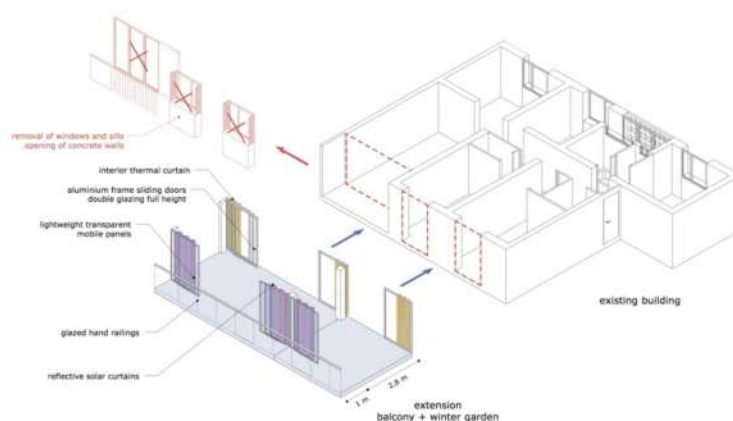


Fig. 24 - Transformação de 530 Unidades Habitacionais, (Princípio de extensão), Christophe Hutin Architecture, Frédéric Druot e Lacaton & Vassal

- A Economia Sustentável: Sendo os projetos de arranha-céus cada vez mais um padrão de habitação do séc. XX e do futuro, este projeto de requalificação e de conservação vem oferecer semelhantes características aplicando de forma mais sustentável e económica. (lacaton & vassal, 2017)

- A Adição: De modo a fornecer mais luz natural e vistas sob a cidade, trazendo uma maior fluidez e valorização aos fogos destes edificadros, foram adicionados e ou ampliados jardins de inverno e varandas, expandindo assim a área útil das habitações. (lacaton & vassal, 2017)

- A Transformação Interior: O conceito deste projeto intervém no edificado de forma mais pontual, deixando escadarias e acessos praticamente intactos, privando o edifício de sofrer alterações significativas. As habitações foram ampliadas potenciando e prolongando a qualidade de vida e o espaço de utilização, atribuindo aos apartamentos jardins de inverno e varandas com renovados acessos, trazendo assim uma melhor integração entre interior e exterior, substituindo pequenas aberturas por vãos com portas de correr. Desta maneira os apartamentos ganharam um novo espaço exterior acolhedor e social, que se estende como faixas horizontais, em duas fachadas do edifício G e nas fachadas sul dos edifícios H e I com 3,80 metros de profundidade. Foram realizadas simultaneamente pequenas intervenções de melhoramento, nos halls de entrada, nos acessos de circulação vertical, nas instalações elétricas, nos elevadores e nas instalações sanitárias. (lacaton & vassal, 2017) (archdaily, 2020)

- A Transformação Exterior: A integração da área envolvente também sofreu intervenção. Os acessos e os jardins ao redor dos edifícios G, H e I foram renovados. As fachadas sofreram a mais visível intervenção de todo o projeto, conseqüente após à adição de varandas e jardins de inverno, deixando assim de serem fachadas multicoloridas, para se tornarem mais sóbrias, transmitindo assim através do uso de vãos envidraçados maior tranquilidade ao usuário. (lacaton & vassal, 2017)

Este projeto de transformação e renovação de 530 unidades habitacionais, faz parte de uma tipologia arquitetónica socialmente criticada, as habitações sociais. Ainda assim este contra-argumenta com uma solução alternativa, económica e razoável que se torna relevante ao focar-se em problemas de organização espacial de edifícios existentes que carecem de qualidade, renovando-os do interior para o exterior de forma a obter uma habitação generosa e com melhores condições, mas com custo de obra mais reduzido e que por fim, acaba por contribuir também positivamente para a imagem urbana associada à habitação social. (lacaton & vassal, 2017) (archdaily, 2020)



Fig. 25 - Transformação de 530 Unidades Habitacionais, (Antes e depois da intervenção),
Christophe Hutin Architecture, Frédéric Druot e Lacaton & Vassal

Após esta análise, constata-se que a Transformação de 530 Unidades Habitacionais é um projeto de grupo, o que talvez por essa mesma razão torna mais evidente e clara, a preocupação à abordagem ao existente. Inquietações como o estado débil em que foi encontrado o existente, ou o seu potencial devido a fatores como a sua localização ou ainda inquietações mais particulares como a busca de maior conforto para os residentes. Deste modo as equipas envolvidas, conseguiram afastarem-se da habitual ideia de arranha-céus através de uma intervenção de adição pontual melhorar determinados aspetos construtivos, pondo em prática de certa forma uma economia sustentável. Maior conforto ao atribuir mais área a cada habitação ou mesmo buscando a luz natural para o interior destas foram adições claras deste projeto.

Por conseguinte o projeto de Transformação de 530 Unidades Habitacionais, demonstrou ser um caso de estudo de extrema relevância para perceber em que estado se encontra o espaço a intervir e de que forma o podemos dinamizar utilizando práticas de arquitetura económica e sustentável (Figura 25).

À semelhança deste projeto de referência a proposta a apresentar aborda também a transformação e a valorização de um edifício existente pondo em prática uma economia sustentável. O reconhecimento de potencial de recuperação e revitalização de património é feito através do desenvolvimento de espaços que pretendem reaproveitar o existente trazendo simultaneamente vida para o interior do mesmo. Reconhecendo esse mesmo potencial, foram implementadas adições pontuais como espaços exteriores, outros interiores ou mesmo apontamentos que assentam em cima do existente de forma cuidadosa, dando ênfase à transformação, à renovação e sobretudo à preservação.

3.7 K20 - Laboratório Espacial em Berlim

Projetado pelos arquitetos Francesco Apuzzo e por Jan Liesegang, este projeto foi iniciado no ano de 2018 até ao presente ano (2022), no espaço K20 em Düsseldorf, Berlim, Alemanha. O projeto Laboratório Espacial trata-se de uma intervenção temporária num espaço existente, o museu K20, encomendado pela Kunstsammlung NRW como parte da exposição intitulada por “museu global”. Desafiando os limites do espaço urbano criando um ambiente dinâmico e multifuncional. (Apuzzo & Liesegang, 2018)

Este projeto para além de transformar áreas subutilizadas em espaços abertos e criativos, onde os visitantes podem através da socialização gerar memórias e partilhar experiências, é também um espaço com entrada gratuita e inserido num museu que se tenta envolver de forma crítica, ao interpretar questões relacionadas com a arte eurocêntrica assim como as suas próprias perspetivas. (Apuzzo & Liesegang, 2018)

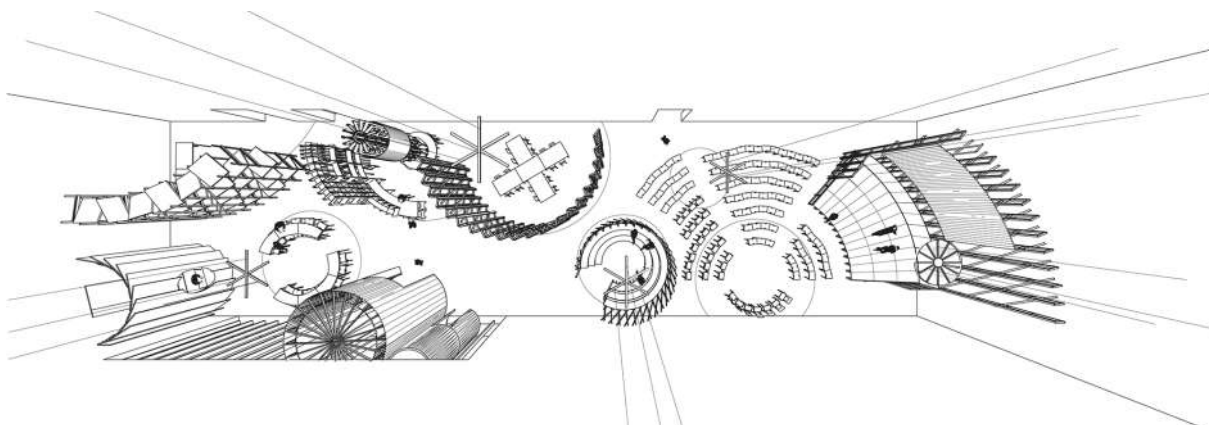


Fig. 26 - Laboratório Espacial em Berlim, (Perspetiva Superior), Francesco Apuzzo, Jan Liesegang

De forma a entender melhor os conceitos aplicados neste projeto, é possível subdividi-lo por tópicos:

- **Arquitetura Efémera e Adaptável:** A arquitetura do projeto é efémera e temporária, permitindo que os espaços sejam adaptados e reconfigurados de acordo com as necessidades e demandas da comunidade. Essa adaptabilidade é essencial para acompanhar as mudanças nas atividades culturais e artísticas ao longo do tempo. (Figura 26) (Apuzzo & Liesegang, 2018)

- **Sustentabilidade:** O projeto K20, transforma um espaço de museu e o seu habitual ambiente num local de encontro e expressão artística utilizando materiais de uso eficiente dos recursos naturais. O aspeto sustentável demonstra o compromisso predominante que busca de soluções arquitetónicas mais responsáveis, pondo em prática técnicas construtivas sustentáveis e reduzindo o impacto ambiental. (Figura 26) (Apuzzo & Liesegang, 2018)

- **Espaços Participativos e Colaborativos:** Este espaço incentiva a participação ativa da comunidade, à co-criação e a colaboração entre artistas, arquitetos e moradores locais. Os espaços foram concebidos para serem polivalentes, estimulando a interação social e a troca de ideias. (Apuzzo & Liesegang, 2018)

- **Exploração de Novos Horizontes:** A arquitetura do projeto explora novos horizontes, desafiando as convenções e expandindo os limites do que é possível em termos de uso do espaço público. Estes ideais estimulam a criatividade e a inovação, criando ambientes únicos e cativantes que atraem visitantes e transformam a perceção habitual de um museu. (Apuzzo & Liesegang, 2018)

- **Fomentar a Cultura e a Arte:** O espaço K20, valoriza a cultura e a arte como elementos essenciais para a construção de um espaço vibrante e inclusivo. Ao proporcionar espaços multifuncionais para exposições, apresentações, workshops, eventos culturais, galeria de arte, o projeto fortalece a identidade cultural da comunidade e impulsiona o desenvolvimento criativo. (Apuzzo & Liesegang, 2018)

Segundo os Arquitetos estes pretendiam “criar um espaço não para exposições ou arte, mas para criar um diálogo entre as pessoas académicas e não académicas. (Apuzzo & Liesegang, 2018) Um espaço onde as pessoas pudessem partilhar debates públicos que contribuem para reparar a sociedade fragmentada.” (Apuzzo & Liesegang, 2018)

Contudo o espaço obtido parece contrariar este pensamento, sendo que esta arquitetura temporária acaba por promover esse diálogo de forma direta por meio de palestras ou encontros em conversas públicas, e de forma indireta pelo processo da arte e ou pela criação da mesma. (Apuzzo & Liesegang, 2018) Espaços como peças em madeira que recriam no espaço salas sem recurso a paredes, um auditório ou peças que em conjunto se assemelham a um

anfiteatro de escala reduzida com paredes vazadas, são um meio que contribui para encontros, palestras, entre outros diálogos. (Apuzzo & Liesegang, 2018) O mesmo espaço que serve uma palestra pode ser palco para uma exposição no minuto seguinte ou ser integrado como cenário para uma arte performativa. (Apuzzo & Liesegang, 2018) Servindo de forma criativa e espontânea através do uso da arquitetura, a comunidade e a diversidade racial por meio da criação de um diálogo no espaço (Figura 27).



Fig. 27 - Laboratório Espacial em Berlim, (Espaço Interior), Francesco Apuzzo, Jan Liesegang

O projeto Laboratório Espacial em Berlim é um ótimo exemplo de como a arquitetura temporária pode servir a comunidade quer a níveis ecológicos, sociais ou económicos. A maneira como é realizada esta apropriação desde o reaproveitamento de materiais ao uso que o visitante pode tirar partido, faz com que consequentemente atribua ao espaço uma ideologia de liberdade que convida o utilizador a organizá-lo. Esta liberdade espacial demonstrou ser, parte fundamental no processo da criação e desenvolvimento da proposta a apresentar na presente dissertação, sendo que ao analisar este caso de estudo, este auxiliou na busca de respostas ao abordar o espaço a intervir buscando uma forma de o ocupar dinamizando-o. A importância deste projeto reside ainda na sua capacidade de inspirar outras iniciativas semelhantes, incentivando ao desenvolvimento de uma cultura urbana mais criativa, inclusiva e sustentável.

À semelhança deste projeto de referência, a proposta a apresentar pretende estabelecer espaços temporários dinâmicos e funcionais. Revitalizando áreas subutilizadas proporcionando um ambiente que promove a criatividade e a exploração de espaços. Desta forma a arquitetura efêmera adapta-se possibilitando que os espaços sejam “moldados” à evolução das atividades que pretende albergar.

Usos Temporários

Ao longo do tempo um terreno, um edifício ou uma determinada área, podem deixar de assumir a função que para a qual foram originalmente concebidos, devido a diversos fatores, como urbanos, económicos, atmosféricos, sociais e outros. (Bernardes, 2020) (Gattupalli, 2023)

Os usos temporários podem ser uma das respostas arquitetónicas criativa e inovadora para o vazio deixado pela inutilização destes espaços ou pela reinvenção dos mesmos, permitindo que ocorra uma transformação temporária de espaços pouco produtivos e pouco funcionais. Estes são projetados para serem efémeros, sendo facilmente adaptáveis para variadas necessidades e contextos. Esta forma de arquitetura tem obtido destaque, ao longo dos anos por permitir gerar valor económico, cultural e arquitetónico servindo a comunidade de diferentes formas e dando uma nova funcionalidade a espaços novos ou existentes, respondendo as necessidades atuais. (Bernardes, 2020) (Gattupalli, 2023) Este tipo de estruturas podem ser construídas rapidamente e desmontadas com semelhante facilidade, de modo a poderem ser reutilizadas posteriormente em diferentes locais, demonstrando assim serem úteis para eventos, espaços remotos ou para curtos prazos. (Bernardes, 2020) (Gattupalli, 2023) Desta forma a atribuição de novas funções a locais ou áreas urbanas degradadas e/ou abandonadas, podem permitir uma regeneração espacial reativando áreas em desuso de maneira criativa por meio de uma arquitetura temporária. (Bernardes, 2020) (Gattupalli, 2023)

Uma das vantagens dos usos temporários é que se trata de uma solução sustentável, rápida e versátil, na medida em que visam ser económicos pondo em prática estratégias de construção, reciclagem e reutilização de materiais, como madeiras, pvc, entre outros, reduzindo a necessidade de técnicas de construção permanentes e minimizando o impacto ambiental, promovendo à consciência ecológica. (Gattupalli, 2023)

Além disso, a arquitetura temporária proporciona aos arquitetos uma liberdade criativa e que pelo simples facto de convidar à exploração de desenvolvimento de novas formas, materiais, usos de espaços, entre outros. Dando resultado a projetos arrojados que desafiam ideias convencionais e que desperta a curiosidade do público. Desta forma estruturas podem ser projetadas de maneira a serem interativas e envolventes, oferecendo experiências sensoriais aos visitantes.

Contudo a arquitetura temporária apresenta algumas limitações para determinados casos. A vida útil dos materiais é menor o que tem que resultar numa maior atenção nos detalhes construtivos e nos padrões da sua conceção pois estes são diferentes de estruturas permanentes. Desta forma é fundamental o equilíbrio entre a criatividade e solidez estrutural na conceção deste tipo de usos.

Situações de “abandono”, como a Torre de Santo António, que se encontra inutilizada desde 1972 e conseqüentemente inadequado a servir a comunidade, é um exemplo de um edifício no qual os usos temporários demonstram ser uma boa resposta arquitetónica. Esta conta com fortes características, como a sua elevada cota, as suas vistas panorâmicas e estar desamparada de construções na sua envolvente, promovendo assim involuntariamente a busca de uma abordagem de cariz temporário, criativa, funcional e sensorial.

4.1 Arquitetura Permanente ou Temporária

A arquitetura temporária e a arquitetura permanente são duas vertentes distintas que possuem características e propósitos diferentes para a concepção de espaços.

Uma das principais diferenças entre estas abordagens arquitetônicas está no tempo de vida útil ligada às suas construções. (Gonzalez, 2019) (Reis, 2020) A arquitetura permanente está relacionada com uma construção mais sólida e duradoura sendo concebida com materiais também mais apropriados para esse efeito, para se manter no local definido por um longo período de tempo resistindo aos desgastes naturais. A arquitetura temporária é efêmera e por sua vez concebida com materiais que possibilitam que seja montada e desmontada de forma mais rápida, adaptando-se de forma eficaz a contextos transitórios específicos. (Reis, 2020) (Gonzalez, 2019)

Outra da diferença é o grau de adaptabilidade e de permanência projetual. A arquitetura permanente propõe geralmente uma maior rigidez no desenho e na funcionalidade, uma vez que é concebida para atender às necessidades de prazos maiores para os seus utilizadores. (Fernandes, 2019) Contrariamente, a arquitetura temporária é bastante adaptável, facilitando a sua modificação e o seu transporte para diferentes localizações e contextos diretamente ligados às exigências do contexto. (Fernandes, 2019)

O fator económico que está relacionado com a arquitetura permanente ou a temporária também varia bastante. A permanente envolve normalmente investimentos mais significativos, tanto em materiais, mão de obra, planeamento ou detalhes, sendo que requer de maior durabilidade e robustez. (Fernandes, 2019) (Reis, 2020) Novamente em contrapartida, a arquitetura temporária apesar de também exigir planeamento, tende a ser mais económica em termos de recursos financeiros e de tempo de concepção reduzido. (Fernandes, 2019) (Reis, 2020)

A sustentabilidade é igualmente uma característica a ter em conta quando comparadas. Cada vez mais a arquitetura permanente, busca incorporar soluções de baixo impacto ambiental considerando aspetos como a escolha de materiais, eficiência energética e a adequada gestão de resíduos. (Lamela, 2020) Todavia, a arquitetura temporária pode ser mais sustentável, na

medida em que os projetos podem utilizar técnicas de reciclagem, minimizando desta forma os desperdícios. (Lamela, 2020)

Em suma, ambas as abordagens têm o seu valor arquitetônico e social, sendo naturalmente escolhidas para contextos e propósitos específicos. Enquanto a arquitetura permanente busca a identidade local e a sua história, a temporária tende a desafiar a norma e a explorar a função dos espaços. A coexistência entre estas duas abordagens arquitetônicas enriquece em si o tema da arquitetura, que pode ser entendida como uma fusão de ideias e que através da criatividade pode moldar o presente inspirando o futuro.

4.2 Como funcionam os usos temporários?

Os usos temporários são uma forma dinâmica e flexível de conceber espaços efêmeros, apropriados a determinados contextos e períodos de tempo. Nesses contextos, a sua versatilidade demonstra ser fundamental para atender à demanda rápida e eficientemente. Como tal, podemos entender o seu funcionamento da seguinte forma:

1. **Propósito e Contexto:** Projetados com um propósito bem definido, os usos temporários podem consistir em eventos, exposições, festivais intervenções urbanas, intervenções em espaços interiores, situações de emergência, entre outros. O seu contexto é adaptável o que possibilita a criação de espaços apropriados para as necessidades do local a intervir.
2. **Planeamento e Projeto:** Para a criação de uma arquitetura temporária é essencial um planeamento estratégico. É fundamental entender o espaço e a finalidade a que se propõe, o público-alvo, as restrições de orçamentos e tempo ou mesmo as condições do espaço e da implantação.
3. **Materiais e Tecnologias:** A escolha acertada dos materiais é fundamental. Na arquitetura temporária, deve existir um equilíbrio entre durabilidade necessária e a facilidade de montagem e desmontagem para os períodos de uso. Os materiais mais comuns neste tipo de projetos são os considerados leves, como as madeiras, metais, entre outros. O uso tecnologias inovadoras conferem também maior interatividade.
4. **Montagem e Desmontagem:** O processo de montagem e desmontagem é uma das suas principais características. Pensados para serem erguidos rapidamente e ao seu término, desmontados de igualmente facilidade, estes projetos garantem mobilidade e possibilidade de reutilização.
5. **Flexibilidade e Adaptação:** A versatilidade que normalmente apresenta é um atributo deste tipo de arquitetura. O seu planeamento permite a adaptação a diversas situações, podendo ser configurada conforme necessidades únicas de cada espaço.
6. **Sustentabilidade:** Esta preocupação tem cada vez mais destaque na arquitetura. Muitos destes projetos são criados para utilizarem materiais reciclados e de baixo impacto

ambiental. Além disso estas estruturas são muitas vezes reutilizadas, contribuindo para a otimização de recursos e redução de desperdícios.

7. **Experiência do Usuário:** Um dos objetivos na concepção de espaços na arquitetura temporária é proporcionar experiências únicas ao usuário, quer proporcionando espaços com carácter interativo, lúdico ou mesmo artístico de forma a dar vida a um ambiente memorável e envolvente.
8. **Legado:** Apesar de serem temporárias, algumas estruturas podem deixar um legado significativo particular ou comum, marcando a memória da comunidade a quando da sua existência.

Em suma os usos temporários funcionam como uma válida, versátil e criativa solução para a criação de espaços efémeros. Estando a arquitetura em constante evolução, tentando responder à demanda contemporânea de forma eficiente e sustentável, os usos temporários podem agilizar esta situação através da sua resposta criativa, inovadora e de rápida concepção.

III



A Proposta

5.1 O Processo de Trabalho

Depois de analisar o edificado e a sua vasta cronologia projetual, surge a necessidade de visitar a Torre de Santo António. Ao visitar e presenciar a sua arquitetura, manifestaram-se questões que originaram conversas e reuniões com as orientadoras, seguindo-se de forma natural o início do processo criativo com objetivo de propor uma intervenção que colocasse em prática uma arquitetura temporária. Este revelou ser um processo em constante evolução, composto por diferentes momentos criativos.

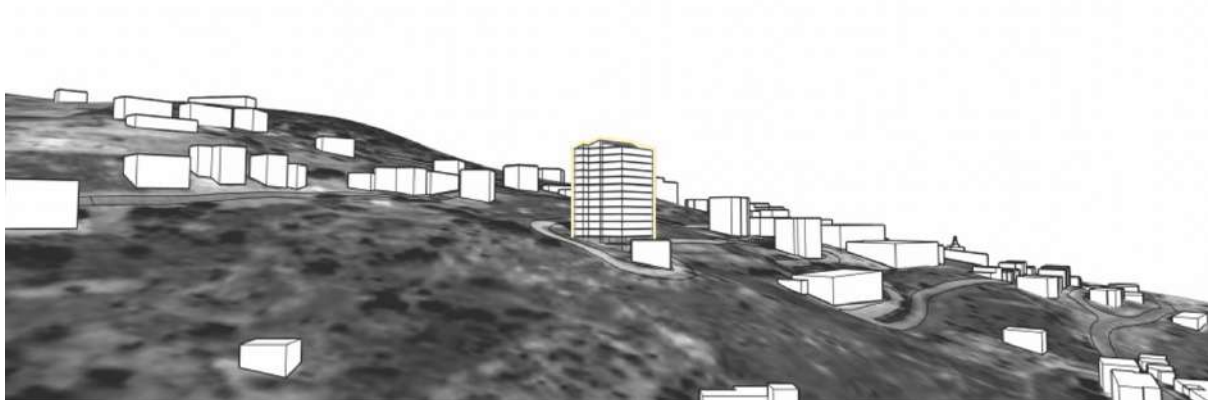


Fig. 28 – Modelo 3D, Torre de Santo António

- O primeiro momento criativo deste processo incorporou as primeiras questões perante o edifício, nas condições em que este se encontra presentemente.

Deveria ser finalmente terminado? Deveria ser reconfigurado? Deveria servir para os mesmos fins a que se propunha há 50 anos atrás ou adaptado para os dias atuais? Deveria a sua forma sofrer alterações?

Perante todas estas questões, procurou-se inicialmente materializar a intenção de intervir de maneira mais significativa e com carácter mais permanente, potenciando uma reconfiguração na forma volumétrica da Torre de Santo António. Por conseguinte explorou-se essa reconfiguração, através de abordagens conceptuais como a extração, adição ou a junção de ambas com o volume existente, resultando em diversas experiências (Figura 28, 29, 30).



Fig. 29 - Perspectivas e estudos iniciais de abordagem à forma pré-existente, Torre de Santo António

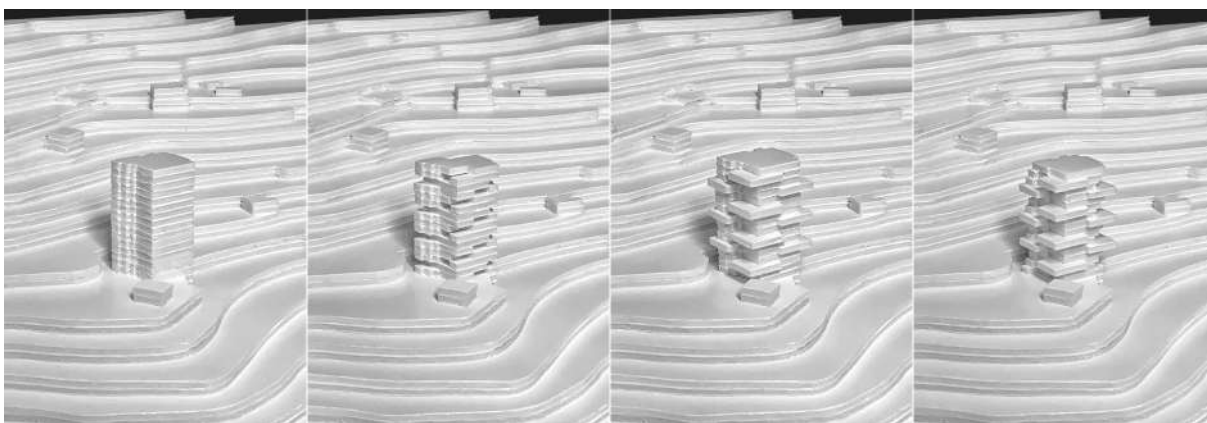


Fig. 30 – Maquetes iniciais de estudo da forma, Torre de Santo António

- Após este período, esta experiência inicial de manipulação de volumes acabou por ser abandonada pois não seria viável uma abordagem que pudesse comprometer a estrutura da torre, por conseguinte, alterou-se o rumo deste projeto de intervenção. Surge desta forma o “momento experimental”. Afastando-se a ideia de intervir na sua forma, percebe-se que o projeto de intervenção teria que se focar numa abordagem menos intrusiva e mais pontual. Com a evolução do processo, tentou-se procurar uma solução mais ambiciosa, que implementasse uma arquitetura temporária e que em simultâneo, colocasse em prática uma abordagem de economia circular beneficiando a estrutura existente. Começou-se por estudar uma abordagem que desse preferência à preservação e à otimização construtiva. Por meio de alguns esboços e *collages*, as ideias do projeto começam a evidenciar-se nos últimos pisos, mais precisamente no piso 16, no piso de entrada e no acesso aos mesmos (Figuras 31).

Vários fatores relativamente à análise do existente foram tidos em consideração desde o início da abordagem pela sua elevada importância, como os anos da sua existência, o fato de não estar acabado, o local onde está implantado, a sua dimensão e o seu estado de conservação.



Fig. 31 - Collages no piso 16, estudo iniciais do espaço, Torre de Santo António

5.2 A Proposta de Intervenção

A proposta do projeto agora apresentado é resultado dos conhecimentos adquiridos até então, desde o percurso acadêmico aos conhecimentos assimilados nas fases analisadas e apresentadas nos capítulos anteriormente. Dando seguimento à evolução criativa anteriormente apresentada, alcançou-se por fim a ideia final através de um projeto de arquitetura temporária. Este passaria por conceber uma intervenção mais pontual, que se inicia no piso de entrada (rés-do-chão) e que guia o utilizador por meio do uso visual da cor, pelos acessos existentes, até ao piso 16 e onde este se expande no espaço.

Tendo em conta o vasto número de pisos desta torre, definiu-se que este projeto iria focar-se essencialmente no piso 16. Desta forma transformou-se o último piso da torre que se encontra em estado devoluto, num conjunto de espaços dinâmicos.

Decidiu-se optar por uma abordagem efêmera no contexto da renovação da torre, incorporando desta forma os usos temporários. Assim os usos temporários pretendem dinamizar o espaço existente, através da flexibilidade que este tipo de intervenção pode oferecer, adaptando-se facilmente a determinadas situações e simultaneamente fazendo com que o edifício ressurgja e se reafirme na paisagem. Desta forma foi possível revitalizar o espaço, testar possibilidades conectando-se com o existente e com a comunidade de maneira efêmera. Estes foram definidos por meio de volumes que surgem no espaço de entrada, acessos e no piso 16, explorando a diversidade de espaços interiores e exteriores. Através de atividades culturais e senoriais estes trazem vida e um sentimento positivo ao existente de forma efêmera.

A cor amarela é predominante no projeto e é utilizada como elemento expressivo, com o objetivo de trazer vida ao espaço, demonstrando ser um elemento visual de afirmação e que é importante em diversos aspetos. Começa por ser importante no momento de chegada, podendo este também ser dividido em dois momentos, quando o visitante se encontra em frente à fachada de entrada, ao nível da cota da rua, mas também no momento em que a torre é avistada à distância e através da presença de novos volumes e da cor este pretende convidar as pessoas a visitarem-no (Figura 32).



Fig. 32 - *Collage* no Piso 16, proposta final, O existente e o Novo, Torre de Santo António

Através da arquitetura temporária, procurou-se gerar ambientes criativos, dinâmicos e cativantes que convidam os visitantes a vivenciar experiências sensoriais. O projeto utiliza o espaço existente, para oferecer uma zona de cozinha comunitária que se torna o coração da intervenção. Nesta cozinha, as pessoas são convidadas a se reunirem e compartilharem momentos culinários, promovendo a interação e a conexão humana.

Contudo vão surgindo outras funções que dividem o espaço em subespaços, cada um projetado para provocar diferentes experiências sensoriais. Através do uso da luz e da sombra criaram-se ambientes envolventes e acolhedores, proporcionando ao visitante momentos de contemplação.

Procurou-se tirar partido das vistas panorâmicas, oferecendo aos visitantes uma visão de 360°, conectando-os com a cidade da Covilhã e com a região que se apresenta ao seu redor.

Através da arquitetura temporária este projeto tenta promover a criatividade e a interação humana através da reabilitação deste lugar em estado de abandono. Convidando à descoberta de novas perspectivas e de momentos memoráveis num espaço que combina a funcionalidade e dinamismo.

5.3 Zonas

Este projeto de arquitetura temporária foi concebido na tentativa de trazer nova vida à Torre de Santo António, desenvolvendo-se mais concretamente no último piso, explorando o uso da luz natural e da sombra no espaço existente. Resultado do estudo da planta existente, o espaço encontra-se dividido em zonas distintas e estas com propósitos diferentes (Figura 33).



Fig. 33 - Planta do Piso 16, proposta final, Torre de Santo António

Nas zonas A, o projeto oferece espaços de cozinhas comunitárias, convidando as pessoas a se reunirem e a compartilharem momentos culinários, promovendo desta forma à interação social em torno da comida. A zona B, abriga um bar onde os visitantes podem desfrutar de bebidas refrescantes e pequenas refeições. As zonas C e E são dedicadas a espaços sensoriais, que se desenvolvem através do uso criativo da luz natural, sombras e elementos arquitetônicos. Cada espaço sensorial pretende ser uma experiência única, proporcionando momentos de calma, contemplação e introspecção. As zonas D e E oferecem espaços livres: de estar e refeição, onde os visitantes podem relaxar e apreciar as vistas panorâmicas que se apresenta ao redor da torre. Essas áreas foram projetadas para criar ambientes acolhedores e confortáveis, incentivando à socialização e à partilha de experiências. Por fim, a zona F abriga instalações sanitárias (Figura 33).

O uso de diferentes materiais, texturas e elementos de arquitetônicos pretende proporcionar uma experiência multissensorial. Esses espaços sensoriais prometem estimular os sentidos dos visitantes, despertando as mais diversas emoções. No conjunto, esse projeto de arquitetura temporária convida os visitantes a explorar e descobrir novos espaços e novas experiências.

A sinergia entre os espaços criados na torre de Santo António proporciona uma experiência contínua que guia os visitantes por um percurso ininterrupto. Assim a intervenção cria uma narrativa que desde o momento de chegada, aos acessos e ao piso 16 ressaltam não só pela sua singularidade, mas também enfatizam a complementaridade de um todo.

5.4 Existente

À medida que a intervenção foi desenvolvida, percebeu-se que havia a necessidade de fazer alterações pontuais a ao piso 16 sendo que este se encontrava sem qualquer função definida. Paredes não estruturais são demolidas assim como pequenas zonas de parapeito, contribuindo para uma maior fluidez e para poder dar lugar à adição de novos volumes, com novas funções. A zona de varanda a noroeste, que oferecia vistas, transforma-se num espaço de convergência entre interior e exterior (Figura 34).

Deste modo, esta abordagem mistura a transformação estrutural com a introdução de novos elementos, agregando versatilidade ao espaço.

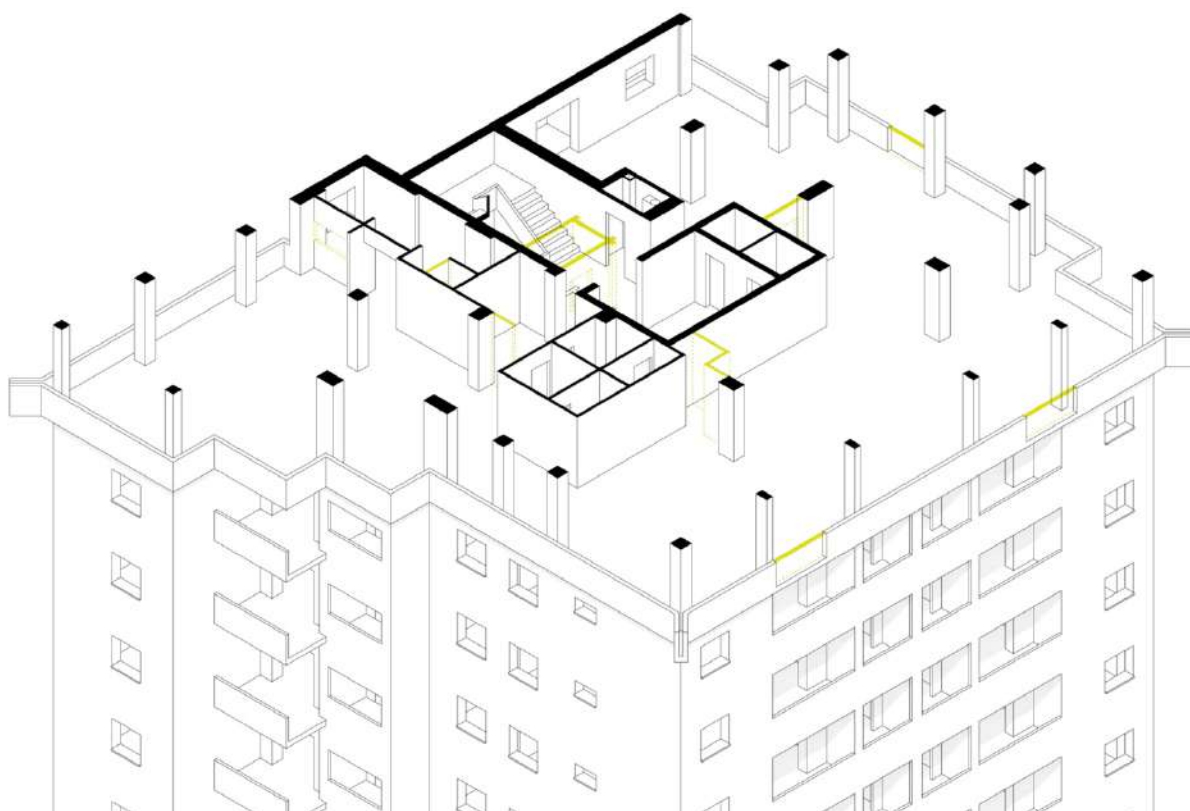


Fig. 34 - Perspetiva Isométrica, demolição (●), Torre de Santo António

5.5 Momentos

No seu conjunto, a intervenção pode ser dividida em momentos, sendo o primeiro momento a chegada.

- O momento de entrada para a Torre foi concebido para envolver o visitante desde o primeiro instante. Criou-se um novo volume que se prolonga da entrada já existente e que segue a mesma volumetria, substituindo as escadas por uma rampa. Este volume foi projetado para guiar o visitante para o interior, convidando à exploração dos espaços novos projetados.

Composto por duas paredes rasgadas por um vão, esse volume direciona a visão do visitante para a verticalidade do edifício e para a restante intervenção. O vão atua como uma janela para o interior da torre, conectando o observador à restante intervenção dentro da Torre. A luz natural que penetra no espaço através do vidro ilumina suavemente o percurso pedonal, criando uma atmosfera acolhedora e serena. À medida que o visitante avança, é guiado por esse rasgo de luz, conduzindo-o até o último piso.

Mais do que um espaço de passagem, a entrada pretende ser uma zona de preparação para a exploração e a descoberta. Este novo volume, tenta despertar a curiosidade convidando o visitante a descobrir o restante projeto (Figura 35).



Fig. 35 - *Collage* do Momento de Entrada, proposta final, Torre de Santo António

- O acesso ao último piso (piso 16) pode ser feito tanto por escadas como pelos elevadores pré-existentes. Guiados novamente pela cor amarela presente na extensão volumétrica do corrimão, a intervenção incentiva aos visitantes a subirem as escadas. A intervenção no corrimão não só pretende promover a acessibilidade, mas também cria uma experiência estimulante para todos que escolhem usar as escadas.

Seja através das escadas ou do elevador, os acessos ao último piso 16 são convite para descobrir o restante projeto de arquitetura.

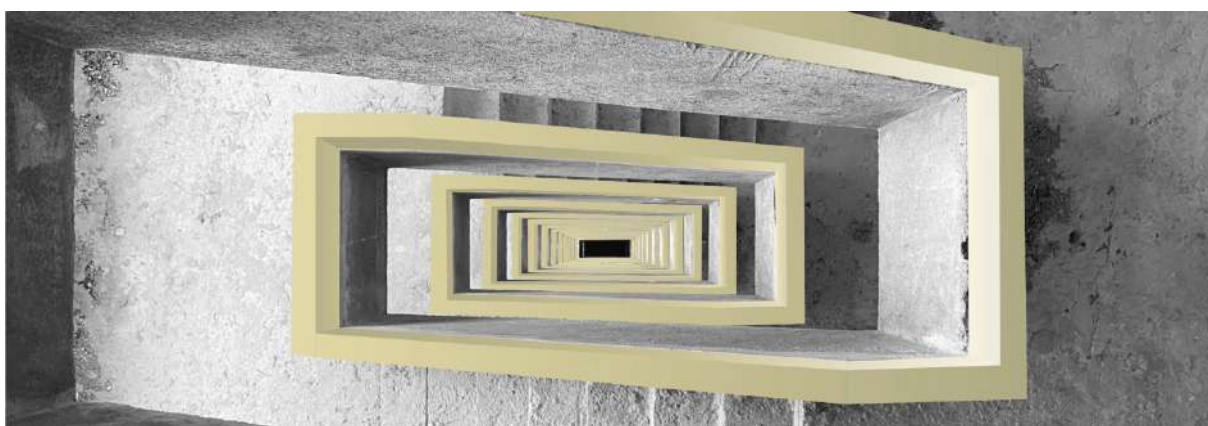


Fig. 36 - *Collage* dos Acessos, proposta final, Torre de Santo António

- Em frente aos acessos de escadas, ao chegar ao piso 16, um terceiro poço de elevador em frente às escadas deixa de existir (apenas no piso 16) para dar maior fluidez ao piso, dando origem a uma cicatriz no pavimento. Essa falha propositada foi preenchida com um painel de vidro (temperado), proporcionando uma visão vertiginosa para os níveis inferiores e estabelecendo uma conexão entre os diferentes patamares (Figura 36).

- O último piso, propõe um conjunto de espaços dinâmicos que transformam o piso 16 da torre num ambiente único. As zonas de cozinha comunitária são a função primordial, onde os visitantes se podem reunir para cozinhar, compartilhar histórias e criar laços sociais. Desta forma foi necessário adicionar espaços auxiliares a estas, surgindo assim outros subespaços, concebidos para proporcionar experiências sensoriais envolventes.

Zonas de mesas de diferentes tamanhos, umas fixas e outras que deslizam sobre carris, oferecem flexibilidade para acomodar grupos de diferentes dimensões, tanto em espaços definidos como interiores como exteriores. Acompanhadas de bancos de espuma que permitem

que os visitantes se posicionem no espaço conforme desejarem, resultando numa atmosfera interativa e personalizada. Mesas e bancadas para estar em pé criam também um espaço acolhedor e convidativos (Figura 37).

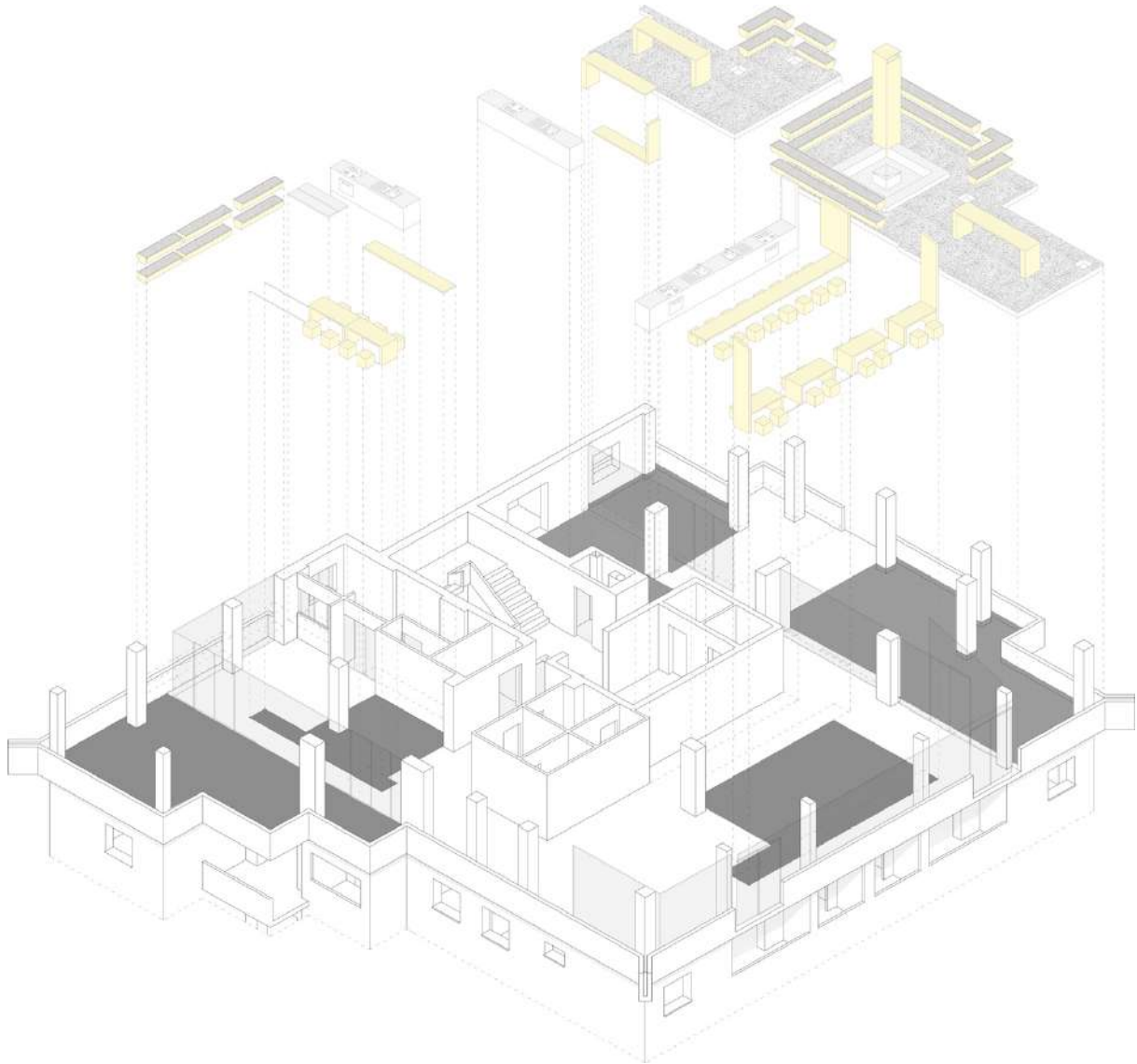


Fig. 37 - Perspetiva Isométrica, Zonas D e E (●), proposta final, Torre de Santo António

Grandes vãos em vidro foram posicionados para definir fisicamente o interior do exterior, tirando proveito assim da luz natural, sombras e vistas panorâmicas.

A nordeste do piso 16 é adicionada no exterior uma zona de “fire pit”, com a intenção de proporcionar um espaço intimista rodeado de vegetação através de canteiros horizontais. Além disso o fogo apela ao convívio social, conferindo a este espaço um sentimento de ponto de encontro.

Canteiros horizontais, estrategicamente posicionados, trazem a natureza para o interior do espaço, enriquecendo-o de maneira sensorial com aromas naturais, enquanto oferecem suporte às cozinhas e ao bar, dando a possibilidade de plantar legumes ou ervas aromáticas incentivando ao uso e consumo de produtos biológicos. Em conjunto com os canteiros, estas zonas pretendem promover experiências sensoriais (Figura 37).

A nordeste no piso 16, surge um volume estreito. A abertura permite um vislumbre do interior, através da entrada de luz no seu interior e que é feita no extremo contrário. Na área mais afastada do volume, encontra-se um vidro inclinado que não só oferece uma oportunidade para os visitantes se recostarem e contemplarem o céu, mas também permite uma nova perspectiva da zona de entrada da torre, criando uma experiência em que o visitante vê e é visto. Através do uso de sombra e luz este pretende convidar os visitantes a explorarem outras possibilidades de conexão visual (Figura 38).



Fig. 38 - *Collage* Momento a Nordeste, proposta final, Torre de Santo António

- A noroeste a zona da varanda foi alterada. Através da instalação de paredes que se prolongam da linguagem arquitetónica presente, a varanda une-se por recurso de paredes à parte da fachada mais avançada, criando um espaço contínuo (Figura 39).

No restante pavimento e dando fluidez ao espaço, este prolonga-se com uso de painéis de vidro proporcionando uma visão vertical do edifício. O chão de vidro permite aos visitantes observarem desde o piso 16 até o piso 0, onde se localiza a entrada do edifício.

Além de proporcionar essa perspectiva, o chão de vidro (temperado) seria a única fonte de luz natural nessa área. Como a entrada de luz não é direta no interior deste espaço, o ambiente é iluminado de forma controlada. Assim o chão de vidro funciona como foco invertido sendo a única fonte de luz natural deste espaço (Figura 39).

Com o prolongamento da varanda, este novo espaço pretende sensibilizar os visitantes para a ambiciosa presença da torre no local, através da harmonia entre o novo e existente.



Fig. 39 - *Collage* Momento a Noroeste, proposta final, Torre de Santo António

- O volume saliente na fachada sudeste, consiste numa extensão convidativa da varanda existente. A sua forma cria uma área nova, com o objetivo de aproximar o visitante das vistas panorâmicas. Com uma bancada corrida incorporada, esse espaço foi concebido para acomodar diversos momentos e encontros (Figura 40).

O bloco oferece uma experiência interativa através dos bancos de espuma que permitem aos visitantes posicionarem-se de forma confortável no espaço. Desta forma os visitantes podem acomodar-se de frente para o horizonte ou em qualquer ângulo, permitindo-lhes apreciar a paisagem na sua totalidade.

Este espaço é um convite para imergir nas vistas panorâmicas, que convida à contemplação e aos encontros sociais, oferecendo uma experiência interativa.



Fig. 40 - *Collage* Momento a Sudeste, proposta final, Torre de Santo António

- O volume que preenche a zona de transição pretende desafiar os sentidos. Dividindo-se em dois espaços distintos que pretendem proporcionar experiências opostas e os visitantes. (Figura 41)

Não deixando de ser um espaço de transição, este transforma-se num volume que pretende transmitir uma sensação de claustrofobia, criando um ambiente intrigante. Este volume desenvolve um corredor que a meio do seu percurso, surge um degrau que permite que os visitantes possam aceder a uma fina abertura que atua como uma moldura para as vistas panorâmicas a sudoeste. Sendo essa abertura a fonte de luz natural neste espaço, este cria um contraste dramático entre o fechado e o aberto. À cota de 2 metros e acessível através de escadas surge outro espaço. Uma rede convida as pessoas a deitarem-se e apreciarem calmamente a vista de uma forma única. A rede e a janela em vidro posicionada na cobertura proporcionam uma conexão com o céu e possibilita a entrada de luz natural no espaço interior.

Através dessa combinação de espaços, pretende-se contrastar neste volume a experiência de claustrofobia com a tranquilidade da área de descanso e contemplação.



Fig. 41 - *Collage* Momento a Sudoeste, proposta final, Torre de Santo António

- A sudoeste surge um novo espaço definido como exterior, que une funcionalidade a uma experiência sensorial. Os espaços exteriores encontram-se 20 cm acima da cota original do piso, de forma a destacar zonas exteriores. Demarcando mais essa ideia, estas zonas são revestidas com seixo branco, que não só propaga a luz natural subtilmente como confere uma caminhada sensorial (Figura 42).

Nesse espaço, uma mesa quadrada (2,8x 2,8m) convida os visitantes a partilharem momentos. Um conjunto de paredes expõe o céu, rasgando a cobertura e estendendo-se até 1,5 metros de altura. Proporcionando isolamento visual e auditivo, estas permitem que os visitantes fiquem emergidos na contemplação do céu. De dia ou de noite, essa zona exterior torna-se num refúgio sensorial, convidando os visitantes a desfrutarem do espetáculo celeste. Durante o dia, o céu pode ser um panorama de azul brilhante ou pontilhado de nuvens etéreas, enquanto que de noite, permite a contemplação das estrelas (Figura 42).

Nesse espaço o projeto tenta novamente promover a conexão humana com a natureza, proporcionando momentos de introspeção, relaxamento e contemplação e de desconexão do mundo exterior. Este ambiente singular busca enaltecer o lado sensorial e inspirador do céu, proporcionando uma experiência que se pretende memorável e repleta de significado para os visitantes.

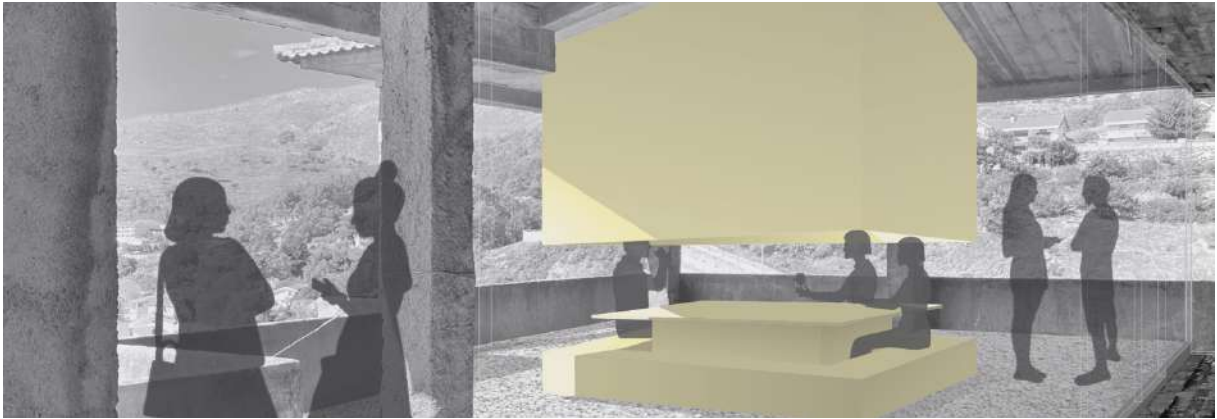


Fig. 42 - *Collage* Momento a Sudoeste, proposta final, Torre de Santo António

Maquete Final



Fig. 43 – Maquete à Escala 1:100, proposta final, Torre de Santo António

Conclusão

Ao finalizar este projeto, ficou clara a notável importância de continuar a explorar outras abordagens, outros arquitetos/as e ideias para transformar a realidade urbana e arquitetónica. O desafio de revitalizar uma torre abandonada deu origem a uma desafiante jornada de aprendizagem e de pesquisa pela inovação e por soluções criativas.

Ao aprofundar a conceção deste projeto, percebemos o valor e o potencial da arquitetura temporária em dar nova vida a espaços negligenciados e devolutos, como é o exemplo a Torre de Santo António, que se torna assim numa “tela” em branco para expressar uma visão e um propósito singular. Por meio da conceção de espaços dinâmicos, zonas de convivência, zonas de canteiros e elementos sensoriais, procurou-se incentivar à interação humana, à conexão e à apreciação da natureza e da arquitetura.

Além disso, a troca de ideias e o compartilhamento de conhecimentos demonstraram ser fundamentais para expandir a criatividade e alcançar resultados únicos. Ao estudar outros projetos e abordagens, enriqueceu-se com a diversidade de perspetivas exploradas.

O percurso académico também desempenhou um papel crucial. As aulas e a partilha de opiniões em grupo proporcionaram um ambiente fértil para a fomentação de ideias e o aperfeiçoamento das habilidades técnicas e conceptuais. O processo de pesquisa e de estudo foi uma fonte inesgotável de inspiração, desafiando a repensar conceitos e a buscar soluções.

Ao longo deste processo foram surgindo desafios que incentivaram a uma abordagem adaptativa como a falta de desenhos técnicos, a escassez de informação relativa à mesma ou a impossibilidade de discutir ideias com o autor do projeto original. Esses obstáculos enriqueceram o processo de trabalho incentivando a explorar soluções que respeitem a essência do espaço.

O desafio de transformar um edifício abandonado e de características tão próprias num projeto de arquitetura temporária, realçou a importância de abraçar a história e o contexto do local. Tentou-se considerar cada detalhe, respeitando a estrutura do existente, valorizando a sua

identidade. Este foco permitiu criar uma intervenção harmoniosa, integrando-se no cenário urbano.

Neste processo, compreendeu-se que a arquitetura pode ser uma forma de linguagem, que comunica com as pessoas e com a natureza ao redor. Através do uso assertivo da luz, da sombra, das vistas panorâmicas, da cor e de outros elementos, tentou-se despertar os sentidos e estimular a conexão emocional com o espaço interior e exterior.

Sendo a arquitetura uma forma de arte em constante evolução e uma busca constante de novas formas de expressão e soluções para os desafios do nosso tempo, este projeto de arquitetura temporária pretende ser criativo, sustentável e um conjunto de experiências sensoriais. Demonstrando que a arquitetura pode ser mais do que uma estrutura física, pode ser também uma ferramenta útil para a comunidade.

Desta forma, ao finalizar este trabalho, esperamos que este projeto de arquitetura temporária na Torre de Santo António possa inspirar outros estudantes ou até outros profissionais a explorarem abordagens desafiantes, conectando-se com a história e o contexto dos lugares buscando soluções criativas para melhorar a vida da comunidade e o ambiente construído.

“Form follows function”

Louis Sullivan, 1896

Bibliografia

- Appleton, J. (s.d.). *CONSTRUÇÕES EM BETÃO – Nota histórica sobre a sua evolução*. Obtido de Departamento de Engenharia Civil, Arquitectura e Georrecursos: <http://www.civil.ist.utl.pt/~cristina/GDBAPE/ConstrucoesEmBetao.pdf>
- Apuzzo, F., & Liesegang, J. (2018). *OPEN SPACE*. Obtido de raumlaborberlin: <https://raumlabor.net/open-space/>
- Archdaily. (25 de Fevereiro de 2014). *Factoría Cultural in Matadero Madrid / Office for Strategic Spaces*. Obtido de Archdaily: <https://www.archdaily.com/602284/factoria-cultural-in-matadero-madrid-office-for-strategic-spaces>
- Archdaily. (23 de Novembro de 2015). *Bosco Verticale / Boeri Studio*. Obtido de Archdaily: https://www.archdaily.com/777498/bosco-verticale-stefano-boeri-architetti?ad_source=search&ad_medium=projects_tab?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user
- Archdaily. (8 de dezembro de 2018). *Novas imagens do mais recente projeto do BIG para Toronto*. Obtido de Archdaily: <https://www.archdaily.com.br/br/907320/novas-imagens-do-mais-recente-projeto-do-big-para-toronto>
- Archdaily. (11 de Fevereiro de 2020). *Transformação de 530 unidades habitacionais em Bordeaux / Lacaton & Vassal + Frédéric Druot + Christophe Hutin architecture*. Obtido de Archdaily: <https://www.archdaily.com.br/br/933180/transformacao-de-530-unidades-habitacionais-em-bordeaux-lacaton-and-vassal-plus-frederic-druot-plus-christophe-hutin-architecture>
- Archdaily. (2 de Outubro de 2021). *Cozinha Comunitária das Terras da Costa/ ateliermob + Colectivo Warehouse*. Obtido de Archdaily: <https://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliermob-plus-prejecto-warehouse>
- Ateliermob. (2014). *Cozinha Comunitária das Terras da Costa*. Obtido de Ateliermob: <https://www.ateliermob.com/projects/cozinha-comunitaria-terras-da-costa>
- Beira.pt. (20 de Janeiro de 2013). *Câmara da Covilhã negocia aquisição da Torre de Santo António*. Obtido de Beira.pt: <https://beira.pt/portal/noticias/camara-da-covilha-negoceia-aquisicao-da-torre-de-santo-antonio/>
- Bernardes, C. (24 de Agosto de 2020). *Usos temporário de espaços como ferramenta de regeneração urbana*. Obtido de ligablog: <https://blogdaliga.com.br/usos-temporario-de-espacos-como-ferramenta-de-regeneracao-urbana/>
- Boeri Stefano Architeti. (2014). *Boeri Stefano Architeti*. Obtido de Bosco Verticale: <https://www.stefano-boeri-architetti.net/project/bosco-verticale/#wp-video-lightbox/-1/>
- Cerver, F. A. (2005). *Atlas de Arquitectura Actual*. Köln: Könemann Verlagsgesellschaft mbH.
- de Sousa, F. P. (1972). *Memória Descritiva e Justificativa*. Covilhã: Arquivo Câmara Municipal da Covilhã.

- de Sousa, F. P. (1975). *Memória Descritiva e Justificativa*. Covilhã: Arquivo Câmara Municipal da Covilhã.
- Fernandes, F. (2019). *Arquitetura Efêmera: por uma reversibilidade sustentável*. Lisboa.
- Foster + Partners. (s.d.). *Commerzbank Headquarters*. Obtido de Foster + Partners: <https://www.fosterandpartners.com/projects/commerzbank-headquarters/>
- Fragata, R. (24-30 de Julho de 2001). *PDM da Covilhã não tem estudo geotécnico*. Obtido de Urbietorbi - Jornal Online da UBI, da Região e do Resto: https://urbi.ubi.pt/010724/edicao/77ubi_cavaleiro.html
- Freire, L. (2017). *Temporalidade Permanente*. Lousã.
- Gattupalli, A. (2 de Abril de 2023). *Espaços Ocasionalis: Intervenções temporárias para um desenvolvimento urbano duradouro*. Obtido de ArchDaily: <https://www.archdaily.com.br/br/997657/intervencoes-temporarias-para-um-desenvolvimento-urbano-duradouro>
- Gonzalez, M. (7 de agosto de 2019). *Arquiteturas temporárias: 13 espaços públicos que ativam a cidade*. Obtido de Archdaily: https://www.archdaily.com.br/br/9222610/arquiteturas-temporarias-13-espacos-publicos-que-ativam-a-cidade?ad_source=search&search&ad_medium=search_result_articles
- Lacaton & Vassal. (2017). *Transformation de 530 logements, bâtiments G, H, I, quartier du Grand Parc - Lacaton & Vassal, Druot, Hutin Transformation of 530 dwellings, block G, H, I*. Obtido de Lacaton & Vassal: <https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=80#>
- Lamela, M. (2020). *A Arquitetura da Moda: Entre o Efêmero e o Permanente*. Porto.
- Madrid. (s.d.). *Distrito Arganzuela - Factoría Cultural*. Obtido de Madrid: <https://www.madrid.es/portales/munimadrid/es/Inicio/El-Ayuntamiento/Arganzuela/Direcciones-y-telefonos/Factoria-Cultural/?vgnnextfmt=default&vgnextoid=53d408953a3e3410VgnVCM2000000c205a0aRCRD&vgnnextchannel=fbf1283017e28010VgnVCM100000dc0ca8c0RCRD>
- Ministério das Obras Públicas e Comunicações - Gabinete do Ministro. (1935). Decreto nº25:948 - Aprova e manda pôr em execução o regulamento do betão armado. *Diário do Governo n.º 240/1935, Série I de 1935-10-16, 1493-1522*.
- Público. (30 de Janeiro de 2006). *covilhã vai concluir torre de santo antónio 30 anos depois*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2006/01/30/jornal/covilha-vai-concluir-torre-de-santo-antonio-30-anos-depois-60969>
- Pinto de Sousa, F. (1972). *Desenhos Técnicos*. Arquivo Câmara Municipal da Covilhã.
- Pinto de Sousa, F. (1980). *Desenhos Técnicos*. Arquivo Câmara Municipal da Covilhã.
- Pinto de Sousa, F. (1996). *Desenhos Técnicos*. Arquivo Câmara Municipal da Covilhã.
- Pinto de Sousa, F. (2005). *Desenhos Técnicos*. Arquivo Câmara Municipal da Covilhã.
- Pinto de Sousa, F. (2006). *Desenhos Técnicos*. Arquivo Câmara Municipal da Covilhã.
- Porto Editora, Lda. (1998). *RGEU REGULAMENTO GERAL DAS EDIFICAÇÕES URBANAS*. Porto: Porto Editora, Lda.
- Raa, H. (s.d.). *Kuala Lumpur Signature Tower | BIG Architects*. Obtido de Arch20: <https://www.arch20.com/kuala-lumpur-signature-tower-big-architects/>
- Regiões. (6 de Junho de 2022). *Covilhã: Torre de Santo António Vendida Com Projeto de Recuperação*. Obtido de Rádio Regional: <https://radioregional.pt/covilha-torre-de-santo-antonio-vendida-com-projeto-de-recuperacao/>
- Reis, C. (2020). *Arquitetura Temporária de Andaimos*. Rio de Janeiro.
- Taschen GmbH. (2020). *Formgiving*. Köln: Taschen GmbH.

Taschen GmbH. (2021). *HOT TO COLD An Odyssey Of Architectural Adaptation*. Köln: Taschen GmbH.

Torre de Santo António - Covilhã. (22 de Junho de 2007). Obtido de As Grandes Aberrações: <https://asgrandesaberracoes.blogs.sapo.pt/5498.html>

Vieira, R. (23 de Janeiro de 2019). *Mítica Torre de Santo António pode tornar-se hotel*. Obtido de Jornal do Fundão: <https://www.jornaldofundao.pt/sociedade/mitica-torre-santo-antonio-pode-tornar-hotel/>

Vieira, R. (25 de Maio de 2022). Projeto de recuperação da Torre S. António já na Câmara. *Jornal do Fundão*, 24. Obtido de Jornal do Fundão: <https://www.jornaldofundao.pt/covilha/projeto-de-recuperacao-da-torre-s-antonio-ja-na-camara>

Índice de Painéis

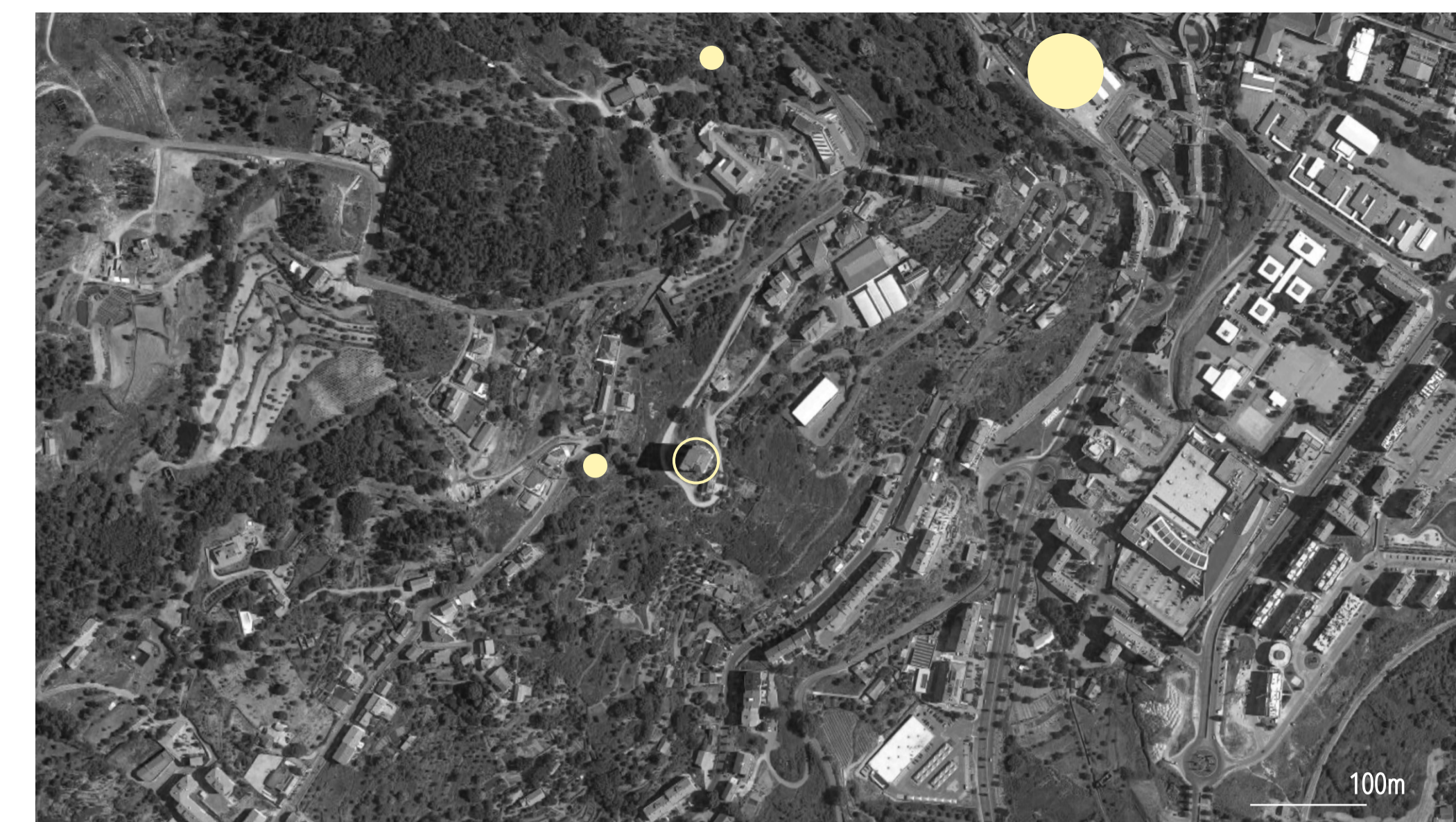
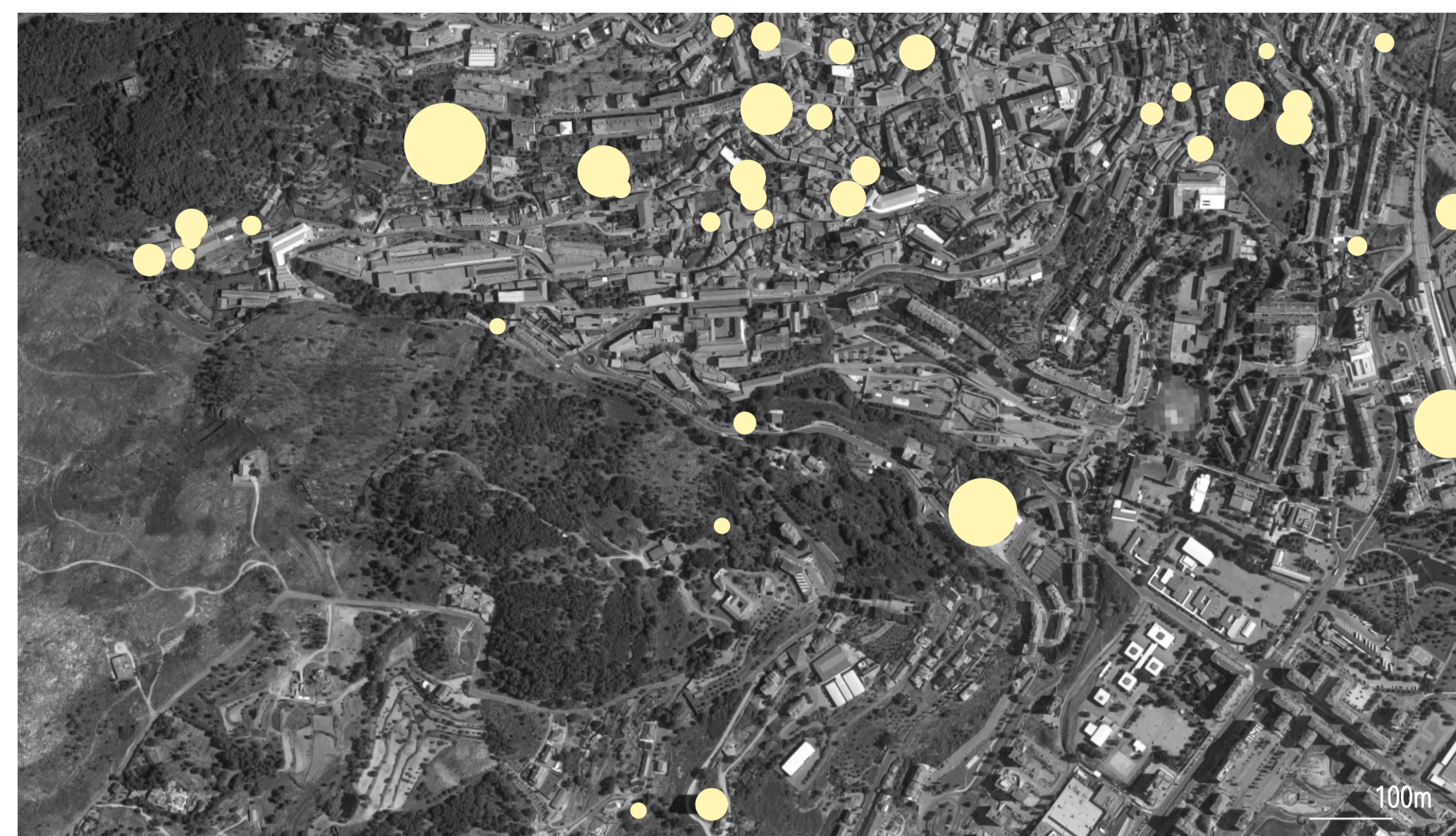
Designação	Desenho
Capa	1
O Local	2
Cronologia Criativa	3
O Ponto de Chegada	4
O Percurso	5
Piso 16	6
Cozinha Comunitária	7
Observação	8
Mesa no Exterior	9
Espaço Contrastante	10
Bancada Suspensa	11
A Varanda	12
Isometria Final	13
Contracapa	14



TORRE DE SANTO ANTÔNIO - USOS TEMPORÁRIOS PARA (RE) PENSAR O ESPAÇO VERTICAL ANDRÉ GERADES



Espaços passíveis de intervenções de carácter temporário, Covilhã



Planta de Implantação 1:500

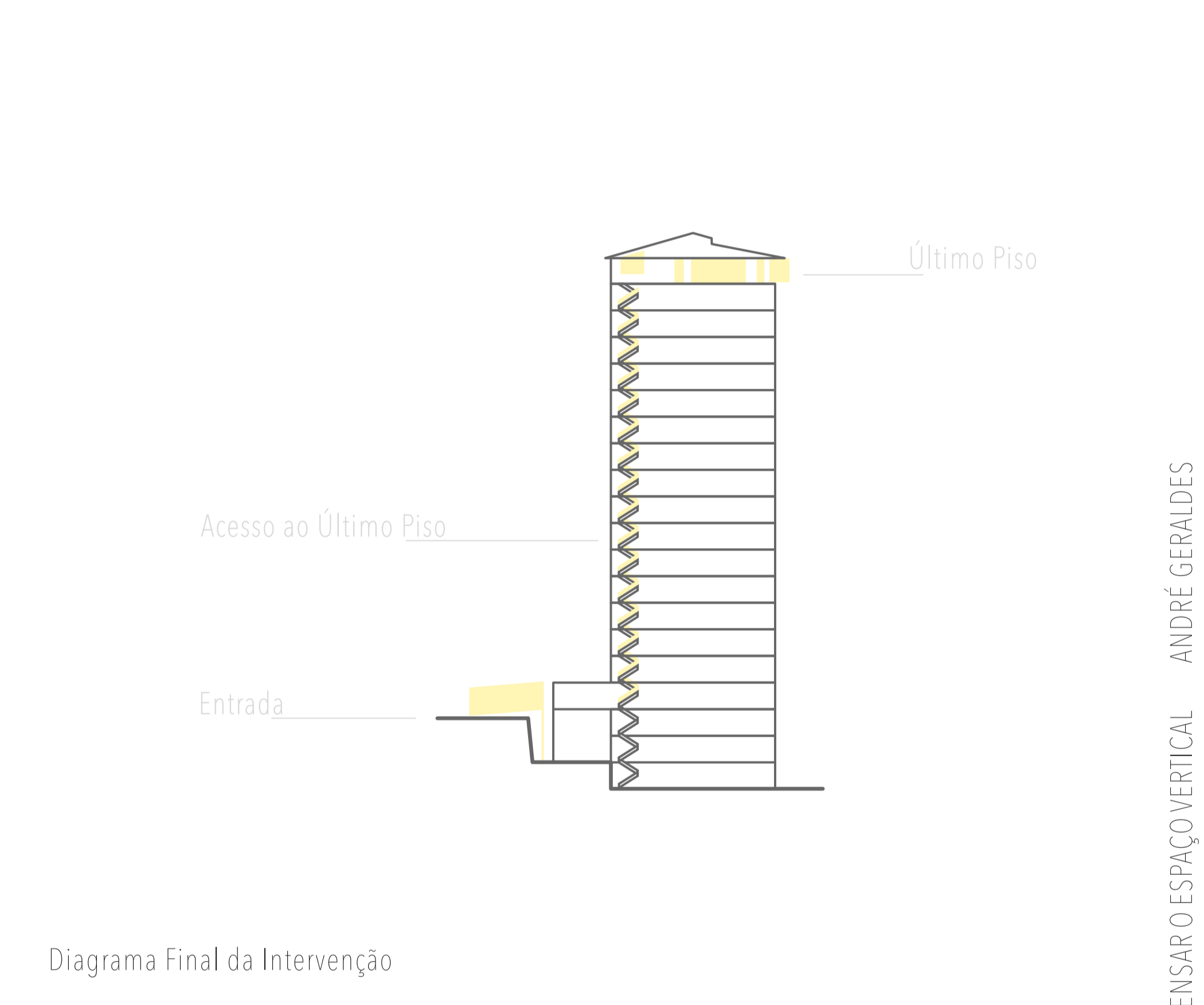
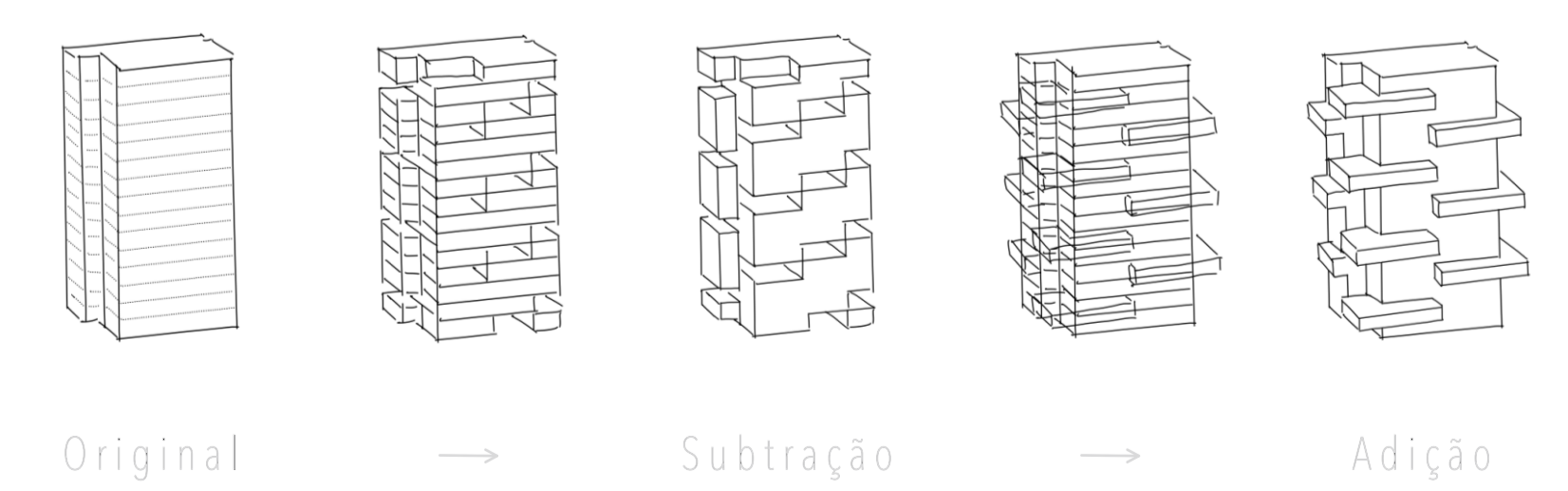


Diagrama Final da Intervenção

Situada na Covilhã, a Torre de Santo António foi escolhida para esta proposta de arquitetura temporária, após constatar um conjunto de características como, o fato de se encontrar devoluto e pela sua localização e cota privilegiada que oferece vistas panorâmicas deslumbrantes e únicas em relação a outros locais na mesma cidade.

Atendendo a essas características e após alguns estudos iniciais, surge o conceito de «casa na árvore» que através da adição de um novo elemento de cariz temporário, se apropria de alguns espaços do existente, utilizando as suas vistas panorâmicas como pano de fundo na criação de momentos de contemplação, descoberta e conexão com o entorno. A cor amarela pretende ser uma forma de afirmação da presença do novo no existente.



Estudos e Possibilidades Iniciais - Forma

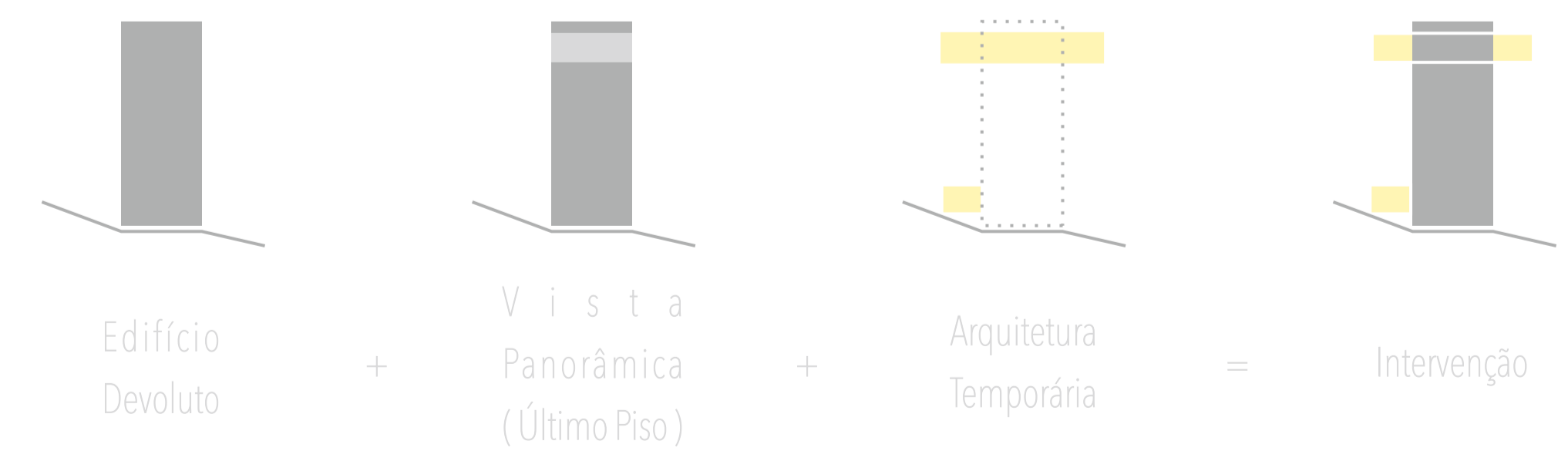
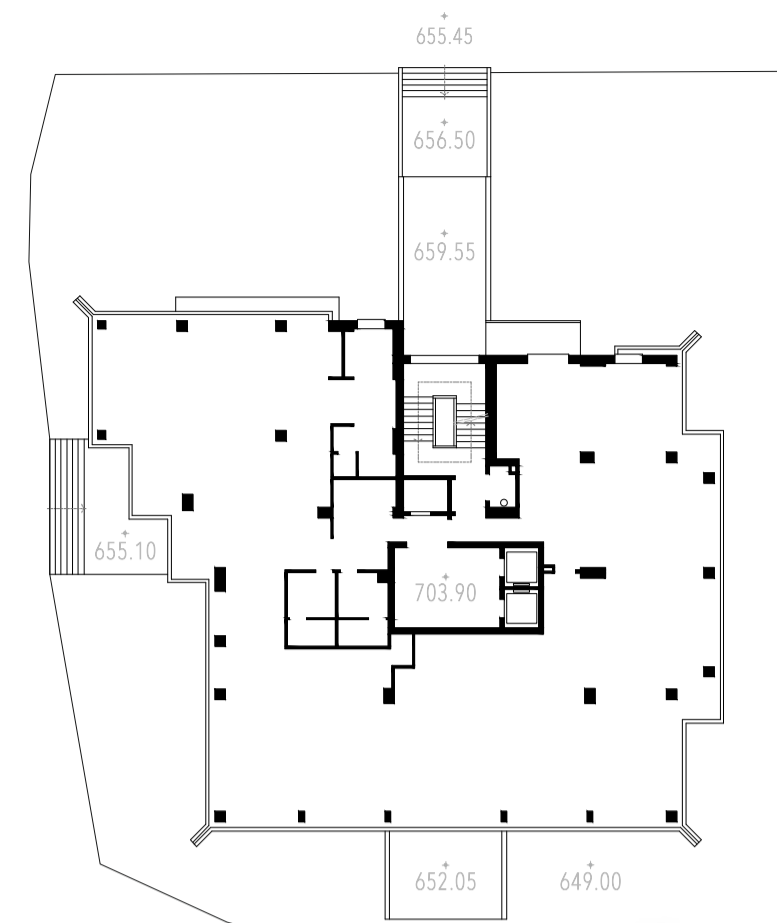
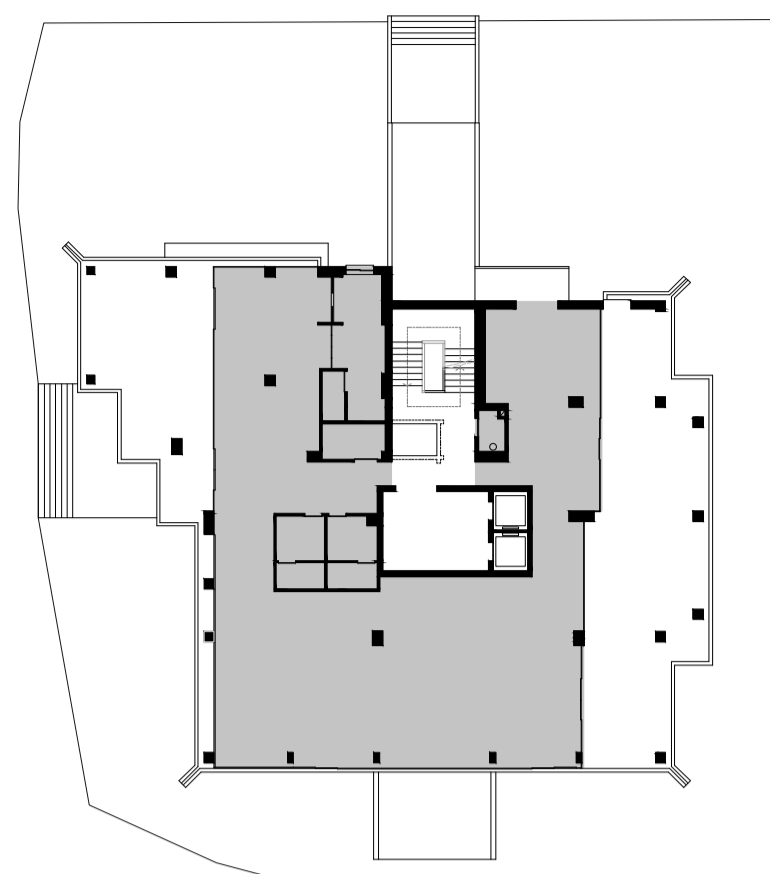


Diagrama Conceptual

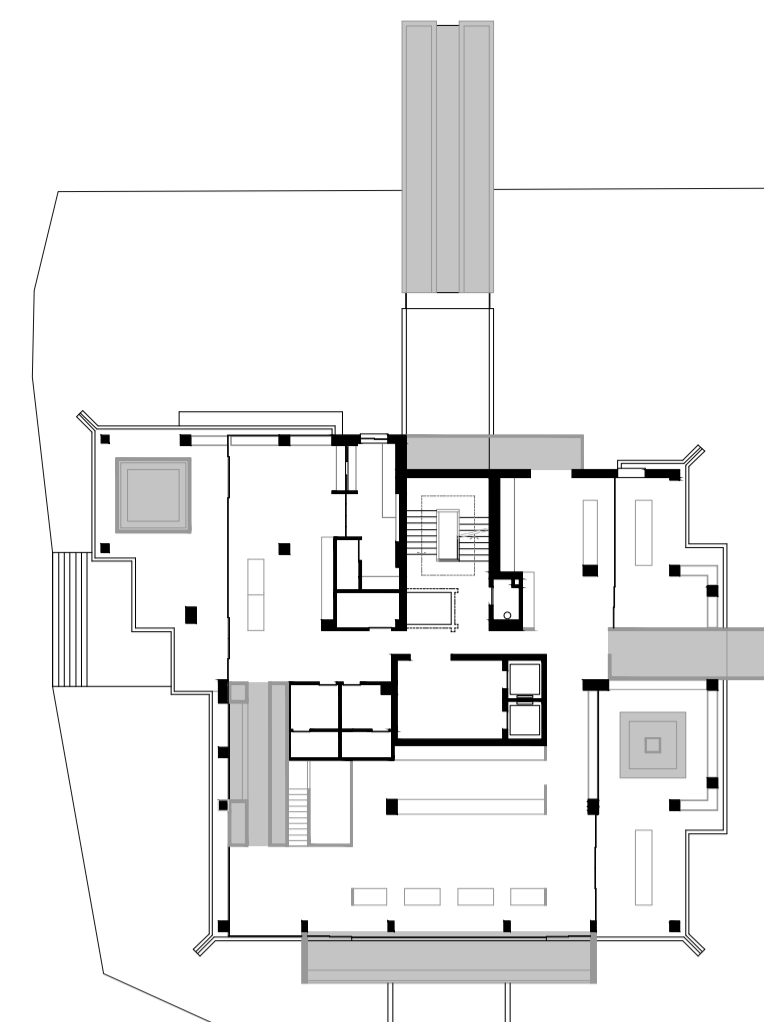
“ O LOCAL ”



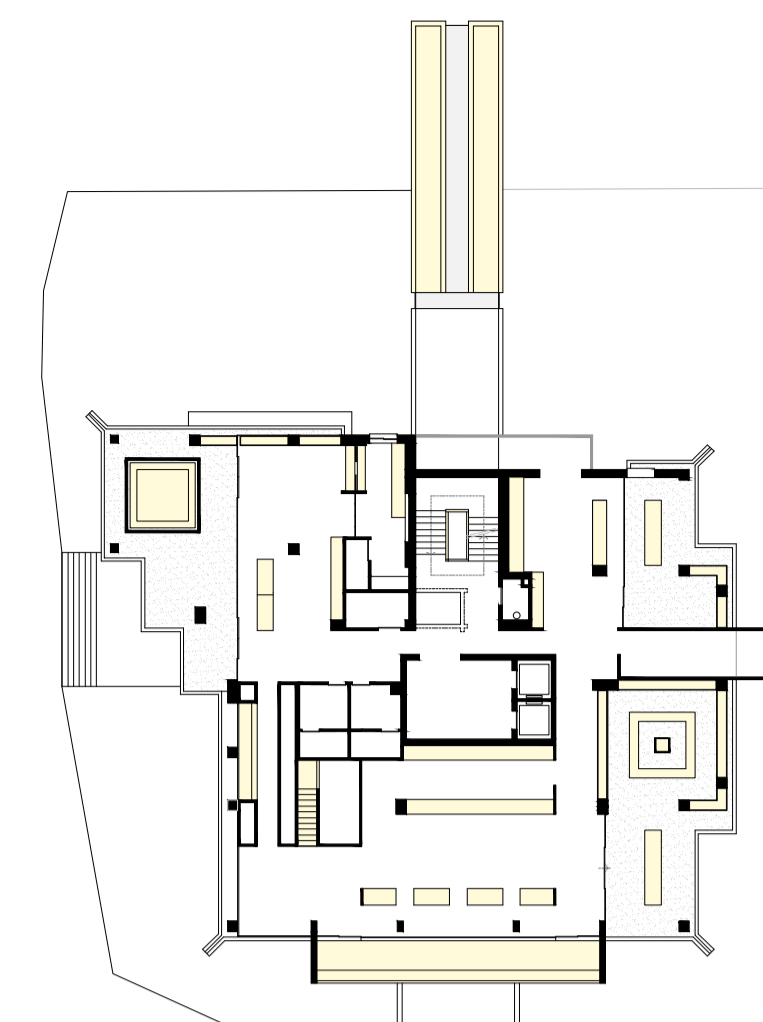
N
Original - 1972
Planta do Piso 16
0 5 10 15 20m



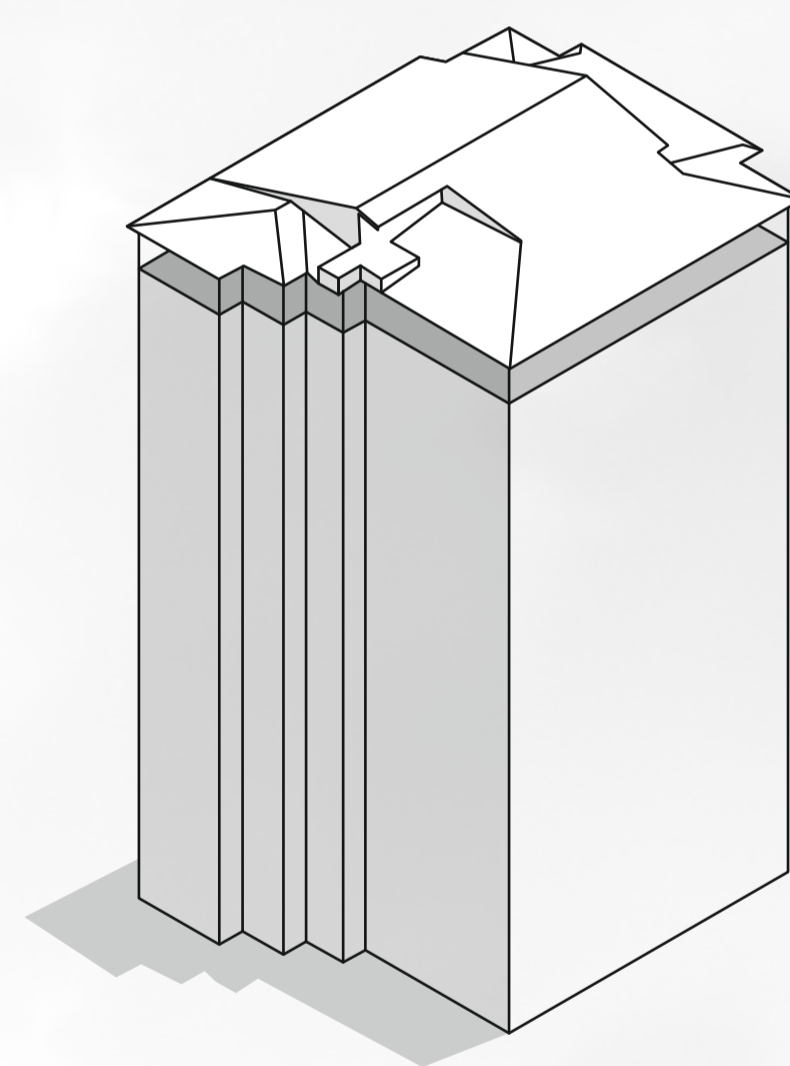
N
Intervenção - Re-Delimitação
Planta do Piso 16
0 5 10 15 20m



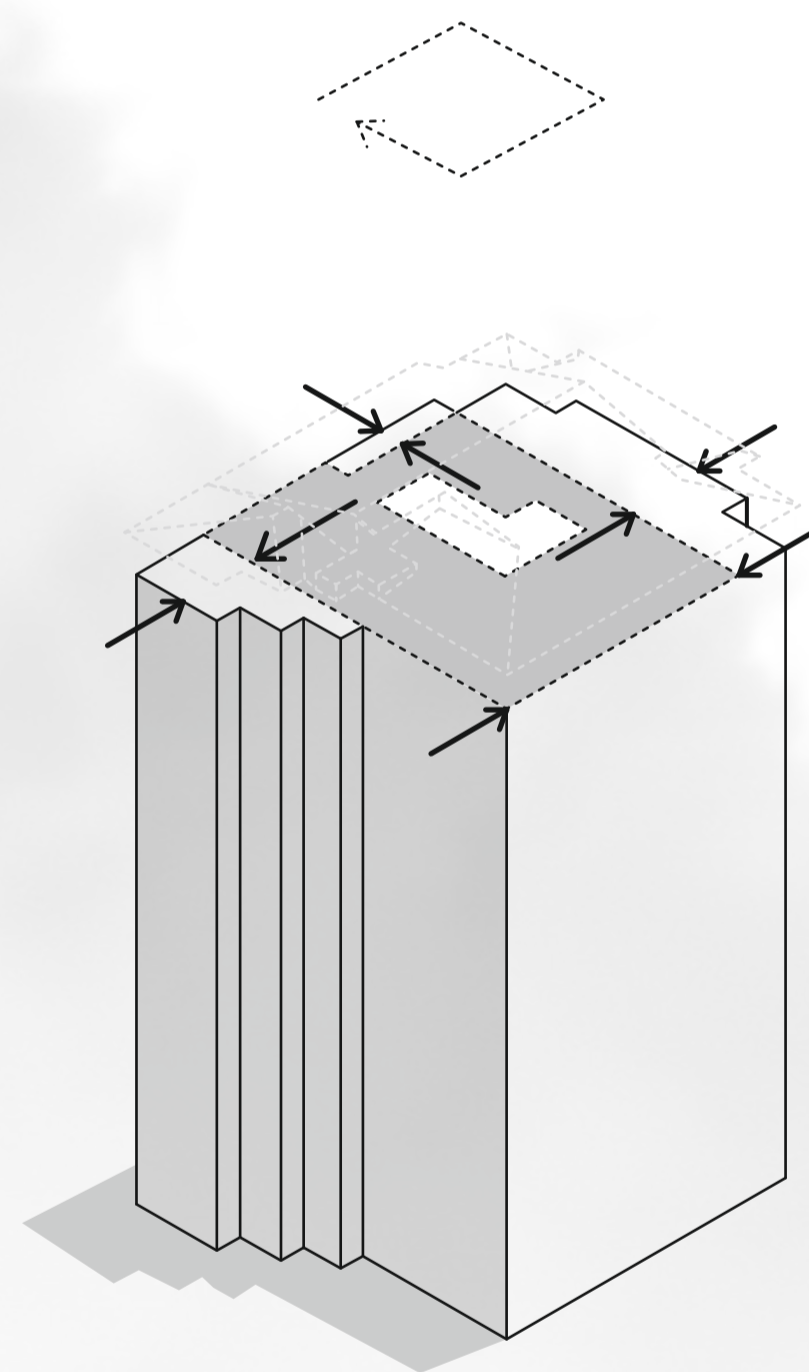
N
Intervenção - Reorganização Funcional
Planta do Piso 16
0 5 10 15 20m



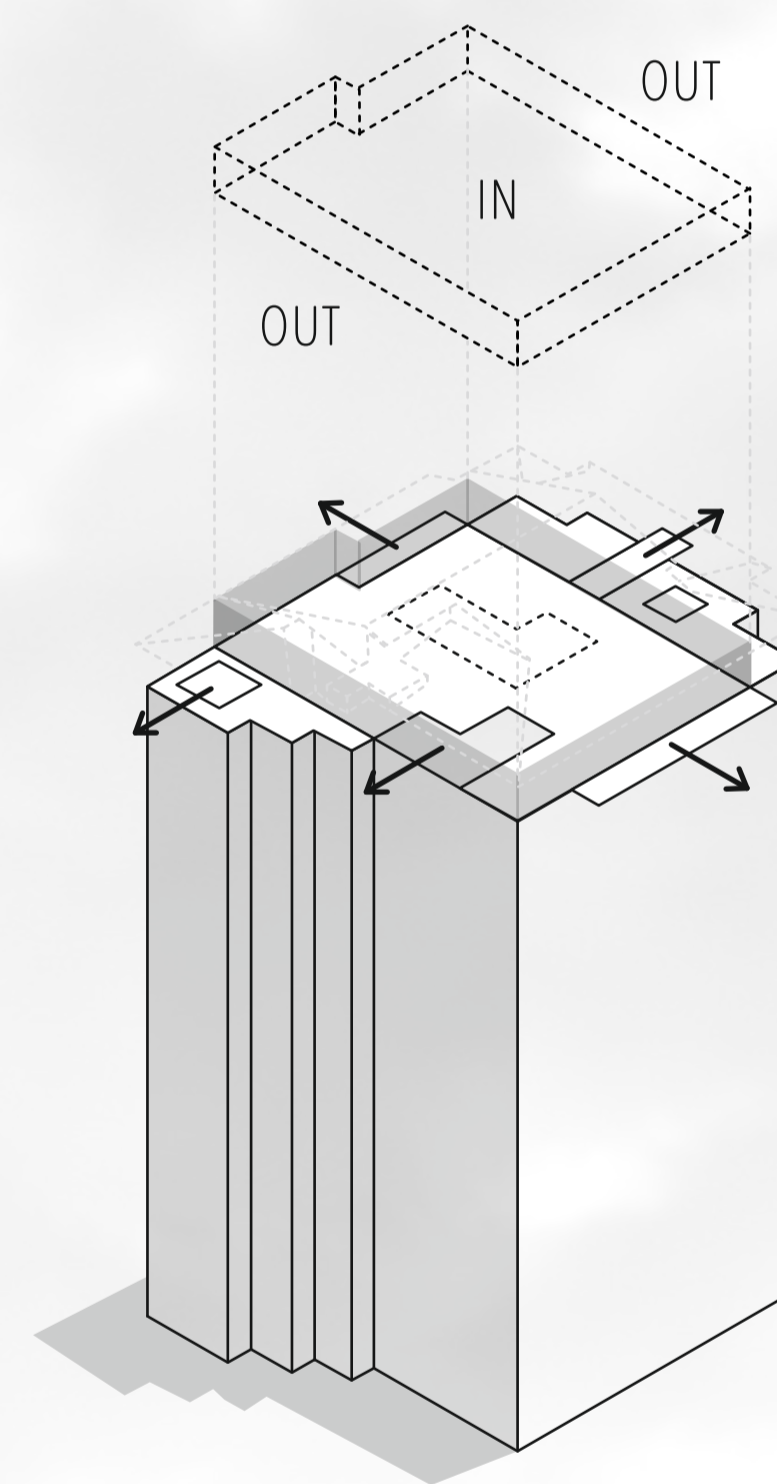
N
Intervenção - Nova Identidade
Planta do Piso 16
0 5 10 15 20m



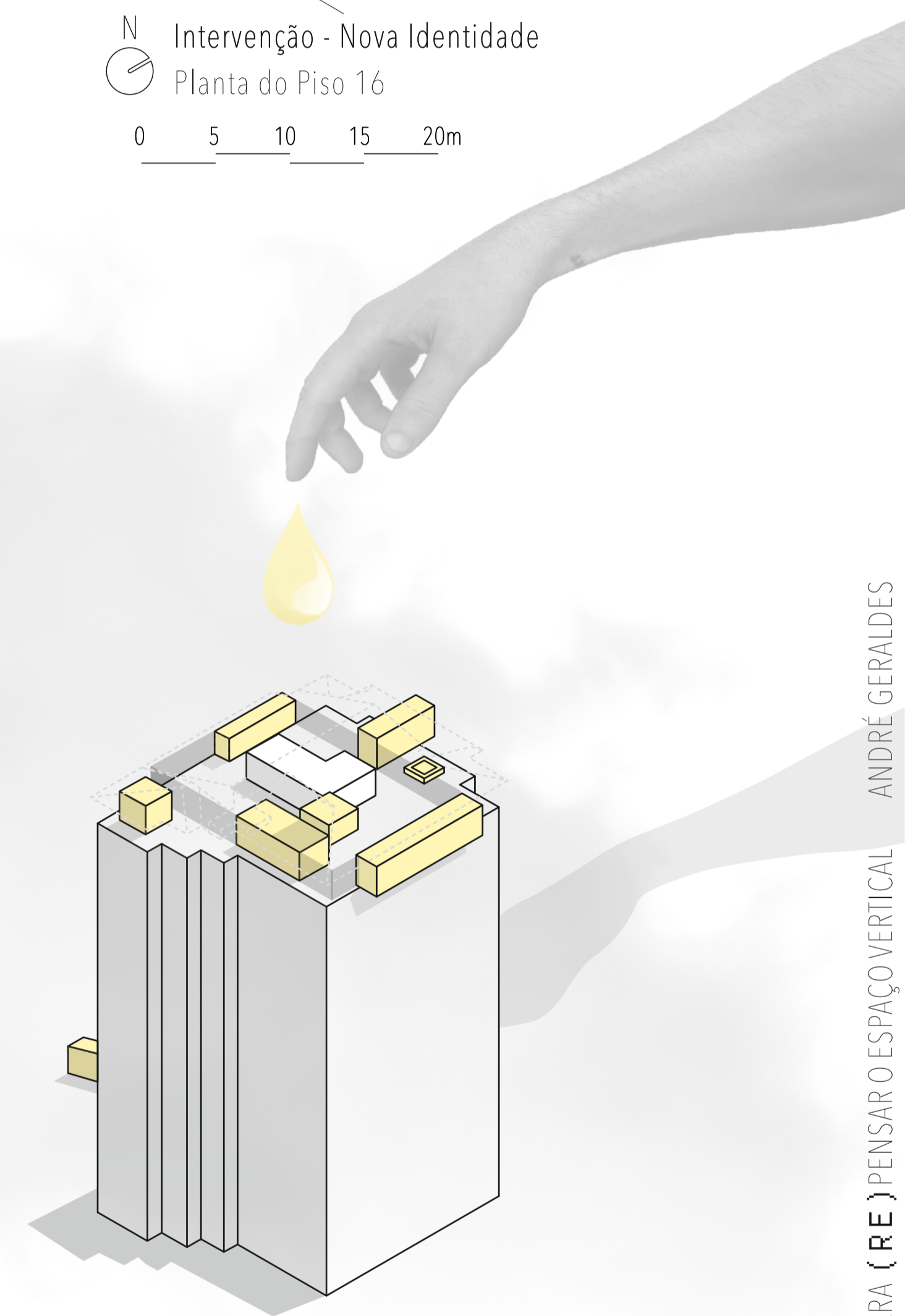
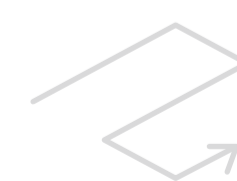
Área do Edifício com Maior Potencial



Divisão e Organização



In & Out



A Intervenção & A Cor



Segundo com a memória descritiva do projeto original (1972), a planta do piso 16 apresentava unicamente a função de arrecadação, todavia não se concretizou como tal, encontrando-se inacabada e com aspeto industrial.

Ao visitar o piso a intervir, constata-se que este se apresenta exposto nas fachadas às condições meteorológicas. Percebe-se desta forma a necessidade de (re)delimitar fisicamente o espaço, de maneira definir concretamente as zonas exteriores e interiores.

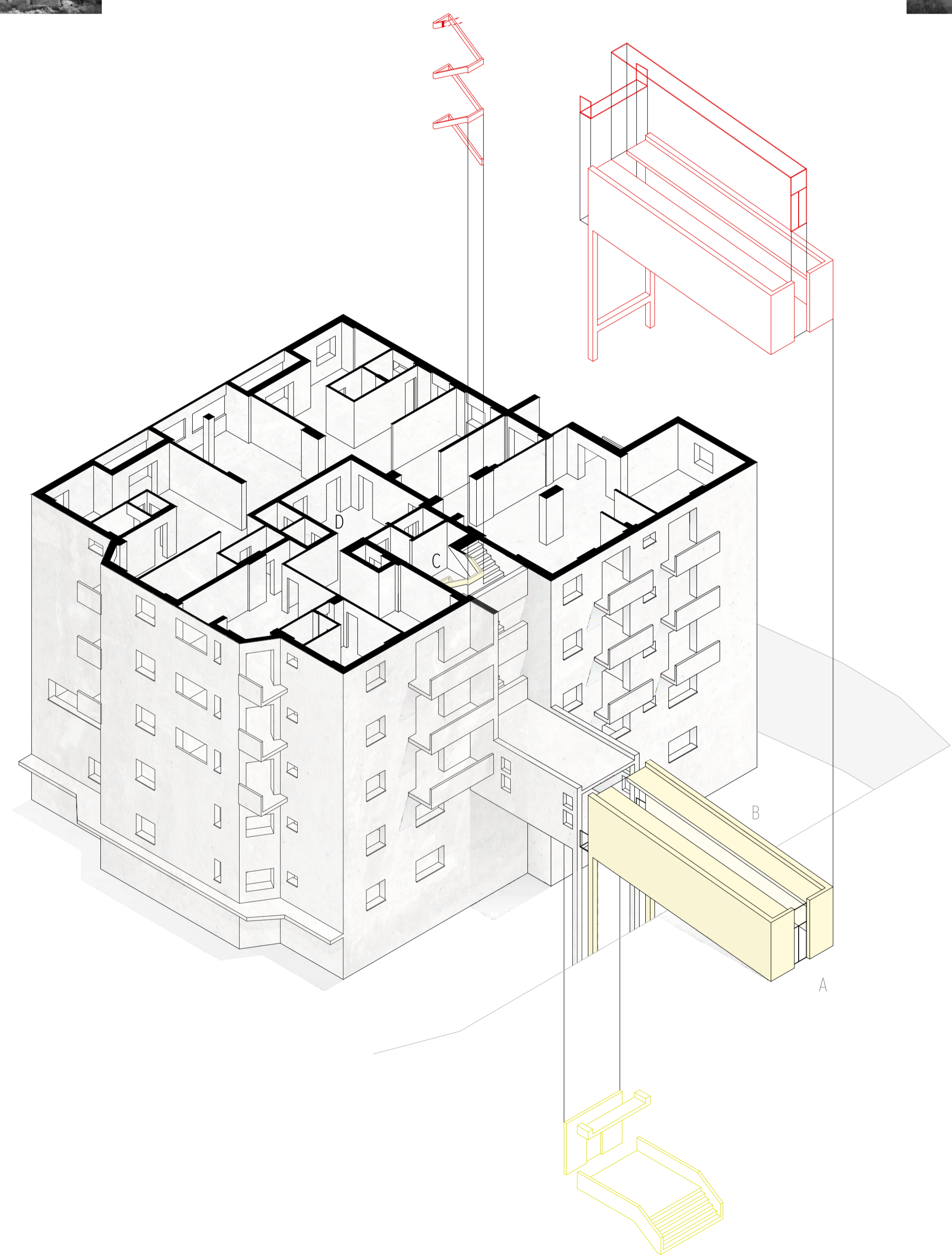
Com o espaço delimitado, percebeu-se a falta de um elemento de orientação espacial, que simultaneamente se afirmasse como "novo" na arquitetura existente e que definisse espaços com auxílio de pequenos volumes temporários ou cor.

Ao adicionar um novo elemento, percebe-se todavia que o piso carece de identidade. Surgem então diferentes espaços e volumes de variáveis dimensões, que coabitam com o existente e caracterizando diversos espaços através do uso da sombra e luz, com a intuição de provocar distintas sensações.



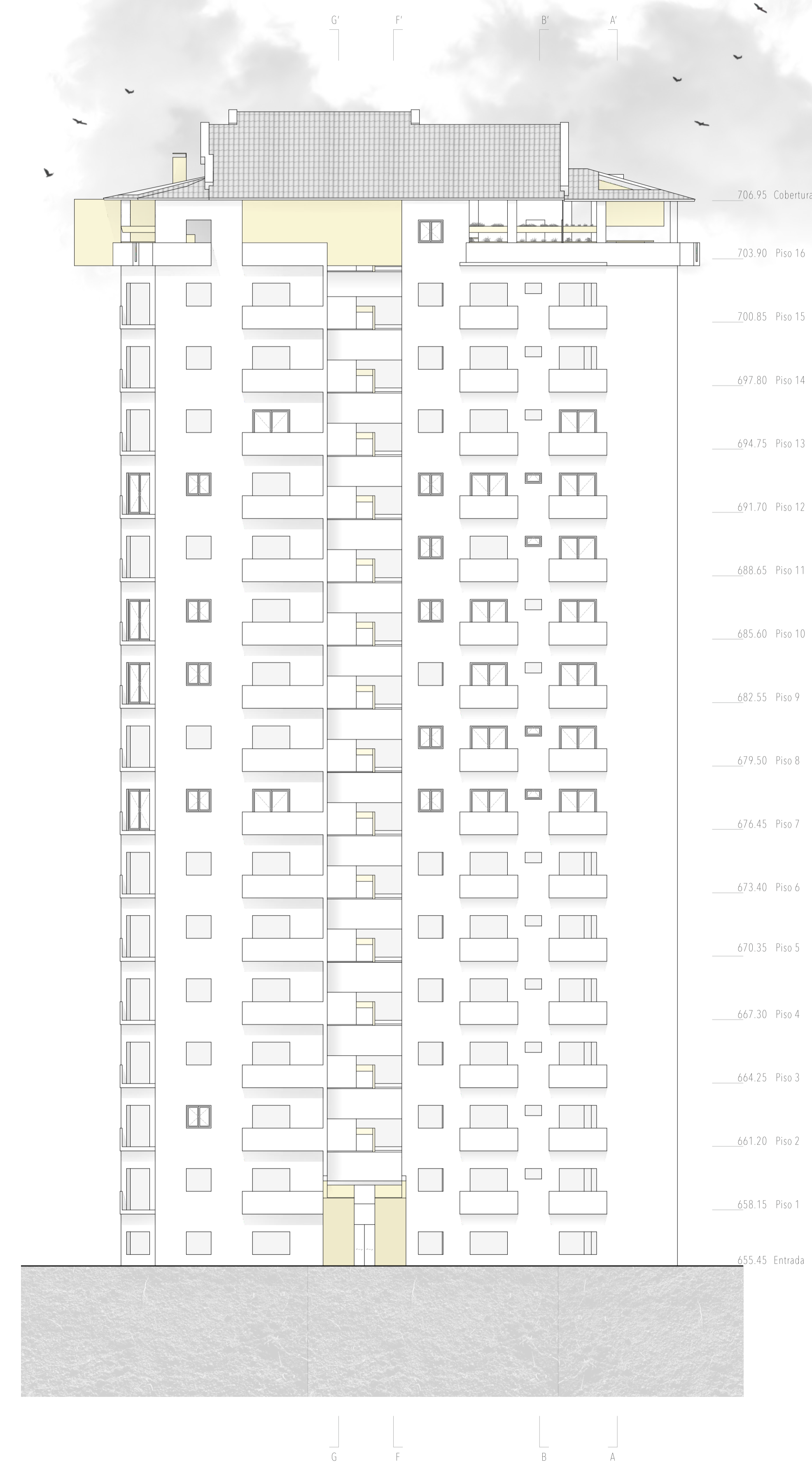
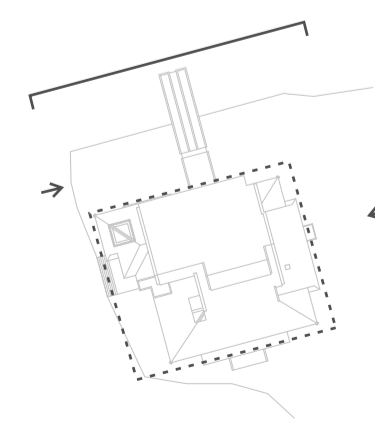
INTERVENÇÃO CROMÁTICA DE ACESSO AO EDIFÍCIO

INTERVENÇÃO CROMÁTICA DE ACESSO AO EDIFÍCIO



O edifício encontra-se implantado na zona de Santo António, Covilhã apresenta-se com evidente destaque na paisagem.

Para criar o momento de chegada era importante que o visitante identifica-se facilmente o elemento novo, onde a cor demonstrou ser essencial para este processo. Ao chegar à Torre percebemos que um novo volume se prolonga a partir do existente ao nível do piso térreo, de maneira a guiar espontaneamente o visitante ao interior da mesma. Uma vez dentro do volume, fica em evidência o "rasgo" contínuo em vidro que se estende desde a porta de entrada pelo seu teto, direcionando a visão do visitante através do uso da luz natural, para a intervenção feita no edifício, desde o percurso pedonal (escadaria) à intervenção no último piso.



TORRE DE SANTO ANTÓNIO - USOS TEMPORÁRIOS PARA (RE) PENSAR O ESPAÇO VERTICAL ANDRÉ GERALES

Alçado Nordeste 1:150

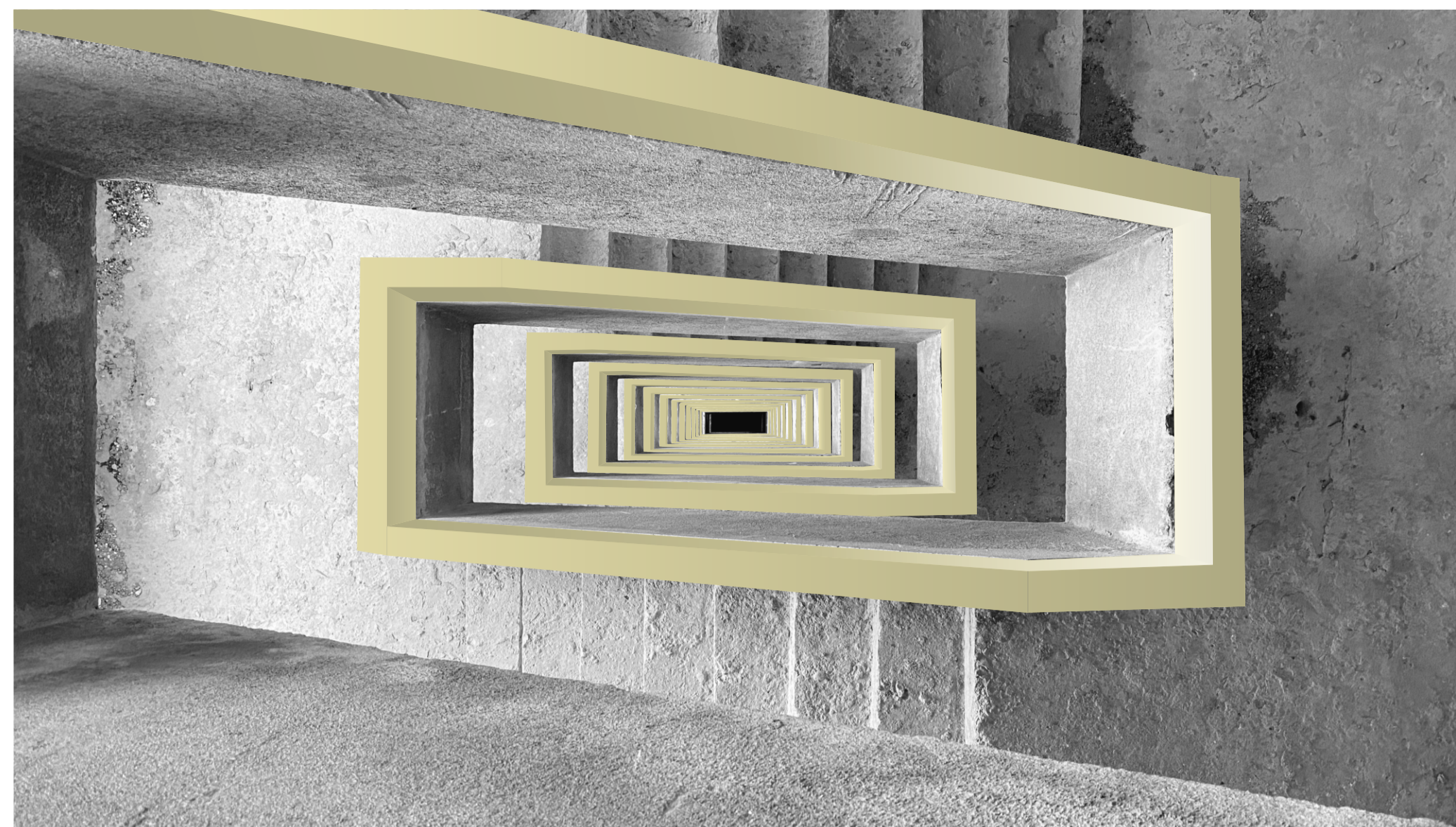
Perspetiva da Intervenção Cromática de Acesso ao Edifício - 1:200 ● Existente ○ Intervenção em vista ● A construir ● A demolir

Legenda: A - Entrada, B - Intervenção Cromática de Acesso ao à Torre, C - Intervenção Cromática de Acesso aos Pisos, D - Elevadores

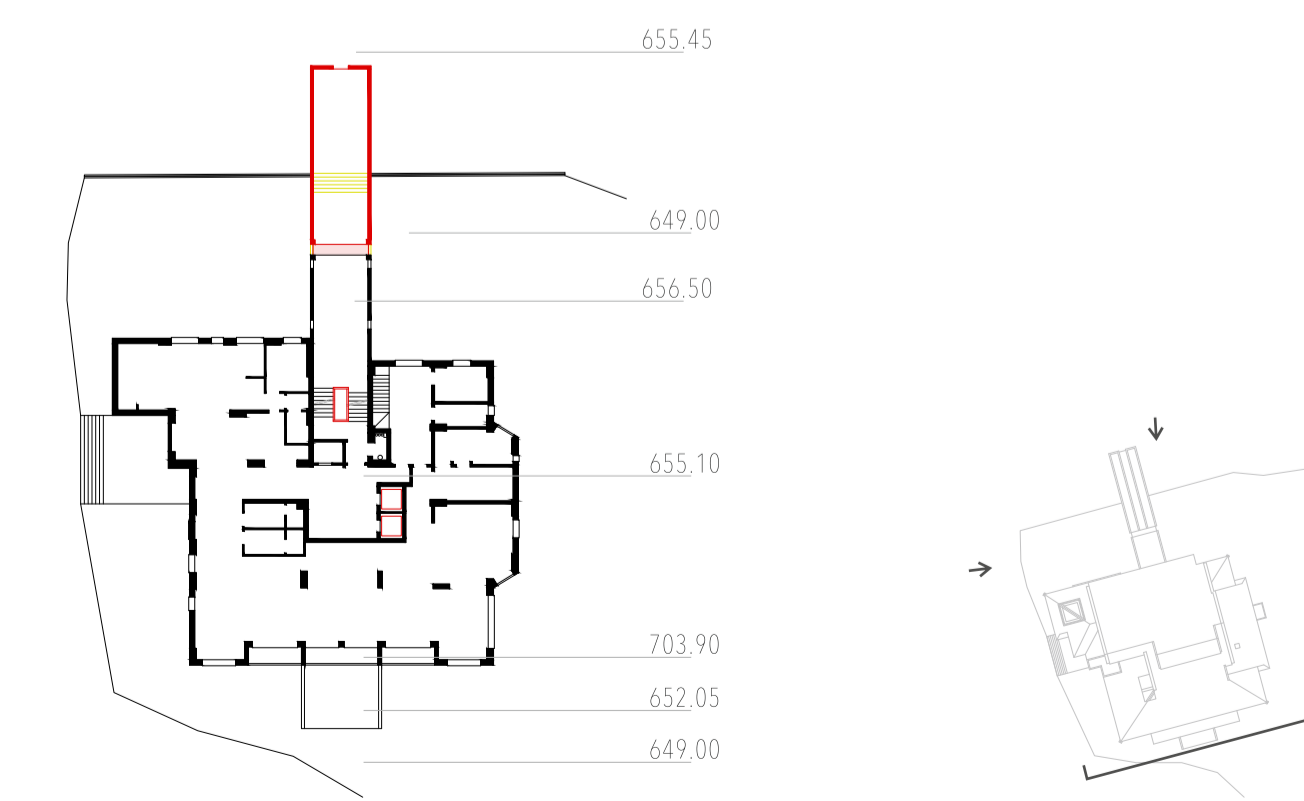
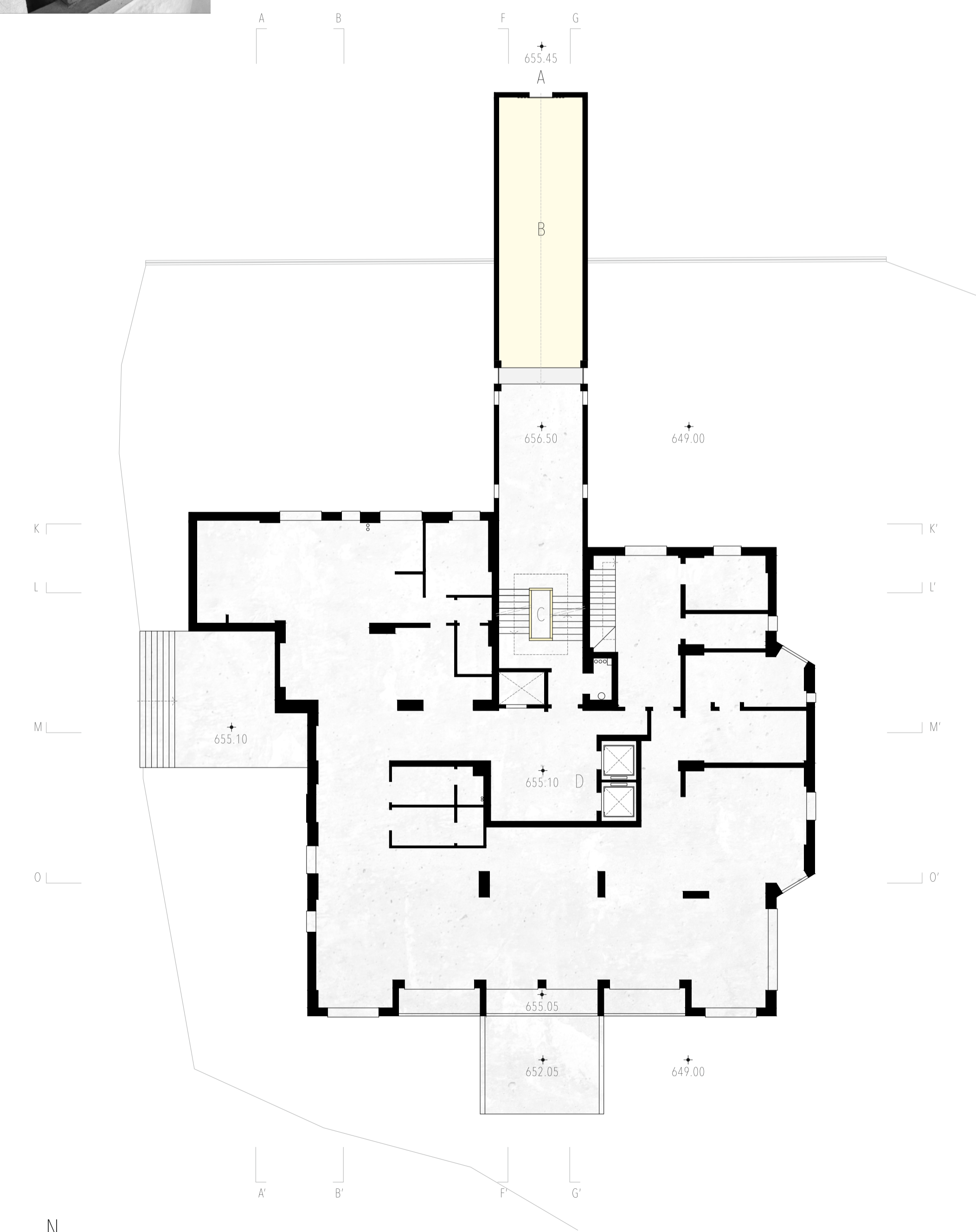
"O PONTO DE CHEGADA"



INTERVENÇÃO CROMÁTICA DE ACESSO AOS PISOS



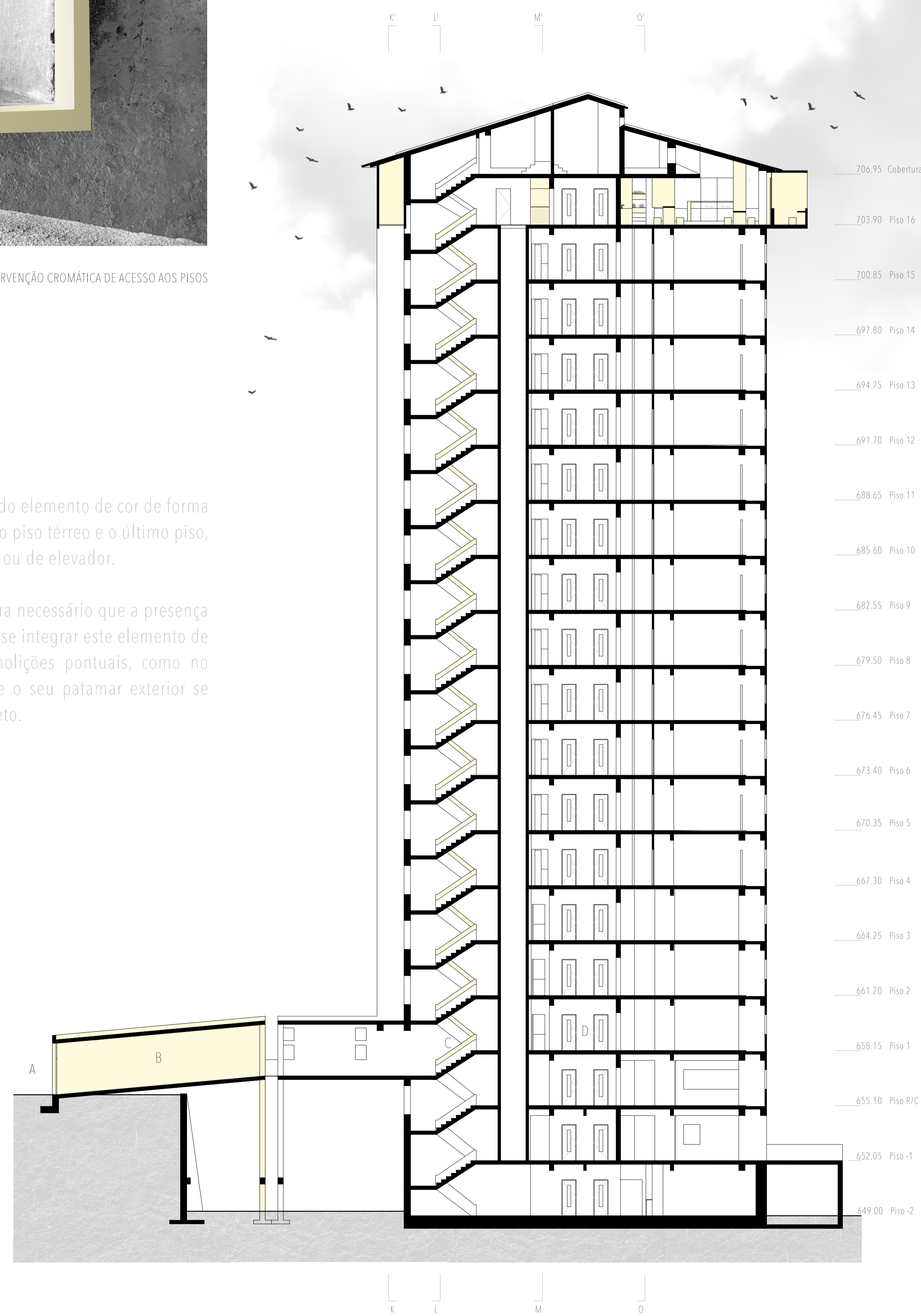
INTERVENÇÃO CROMÁTICA DE ACESSO AOS PISOS



1:500 ● A construir ● A demolir

Embora o visitante seja confrontado pela presença do elemento de cor de forma contínua pela escadaria criando uma ligação entre o piso térreo e o último piso, esse percurso, pode ser feito por acesso de escadas ou de elevador.

Sendo este um projeto de arquitetura temporária era necessário que a presença desta fosse feita de forma leviana, como tal, tentou-se integrar este elemento de cor amarela no existente efetuando apenas demolições pontuais, como no elemento de entrada na Torre, onde os degraus e o seu patamar exterior se transformam numa rampa, trazendo fluidez ao projeto.



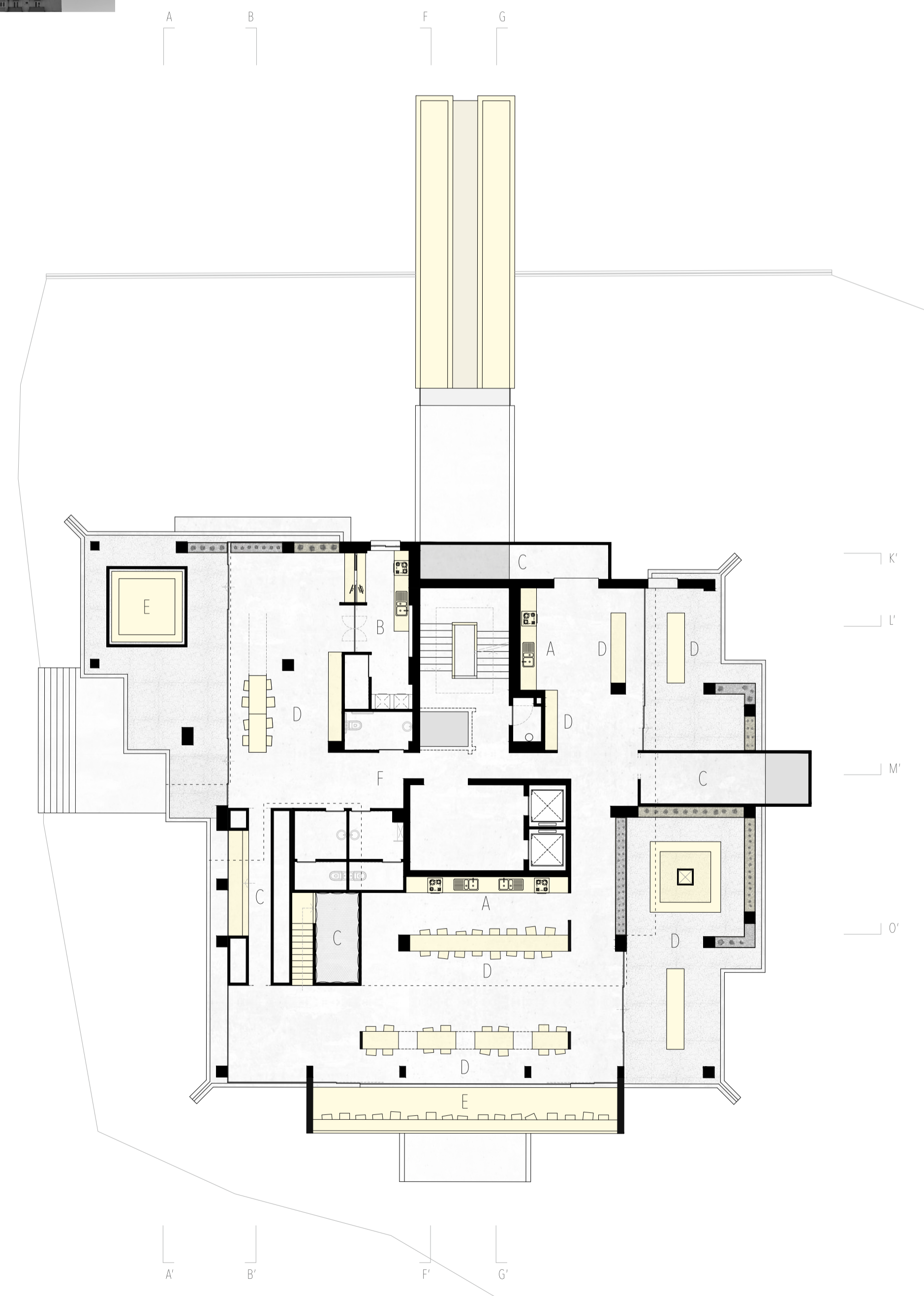
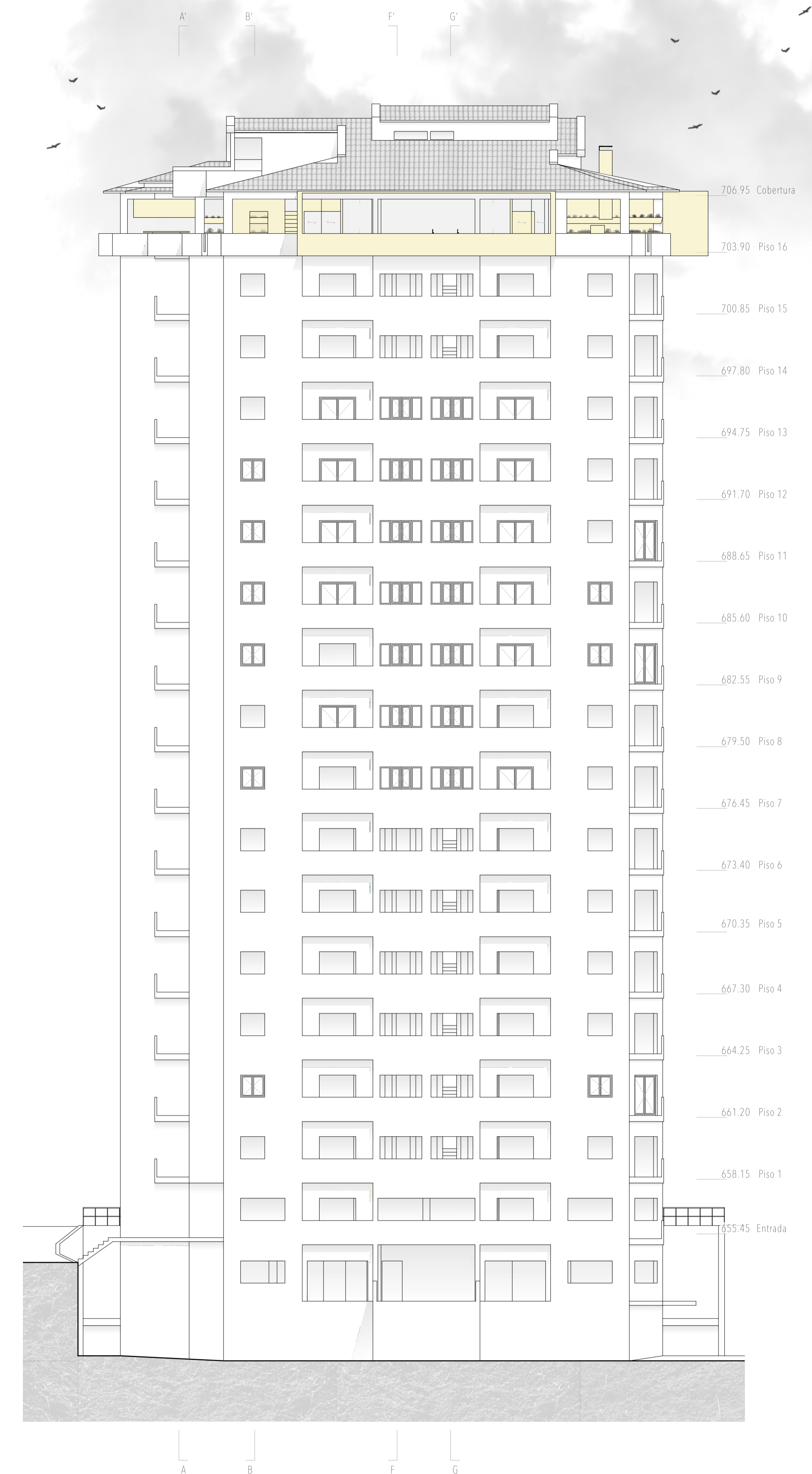
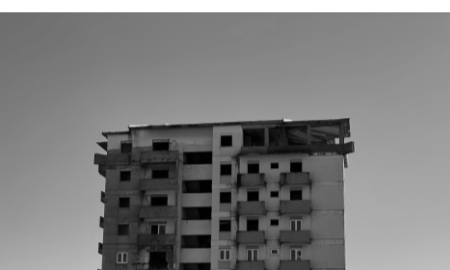
Corte GG' 1:150



INTERVENÇÃO CROMÁTICA NO PISO 16



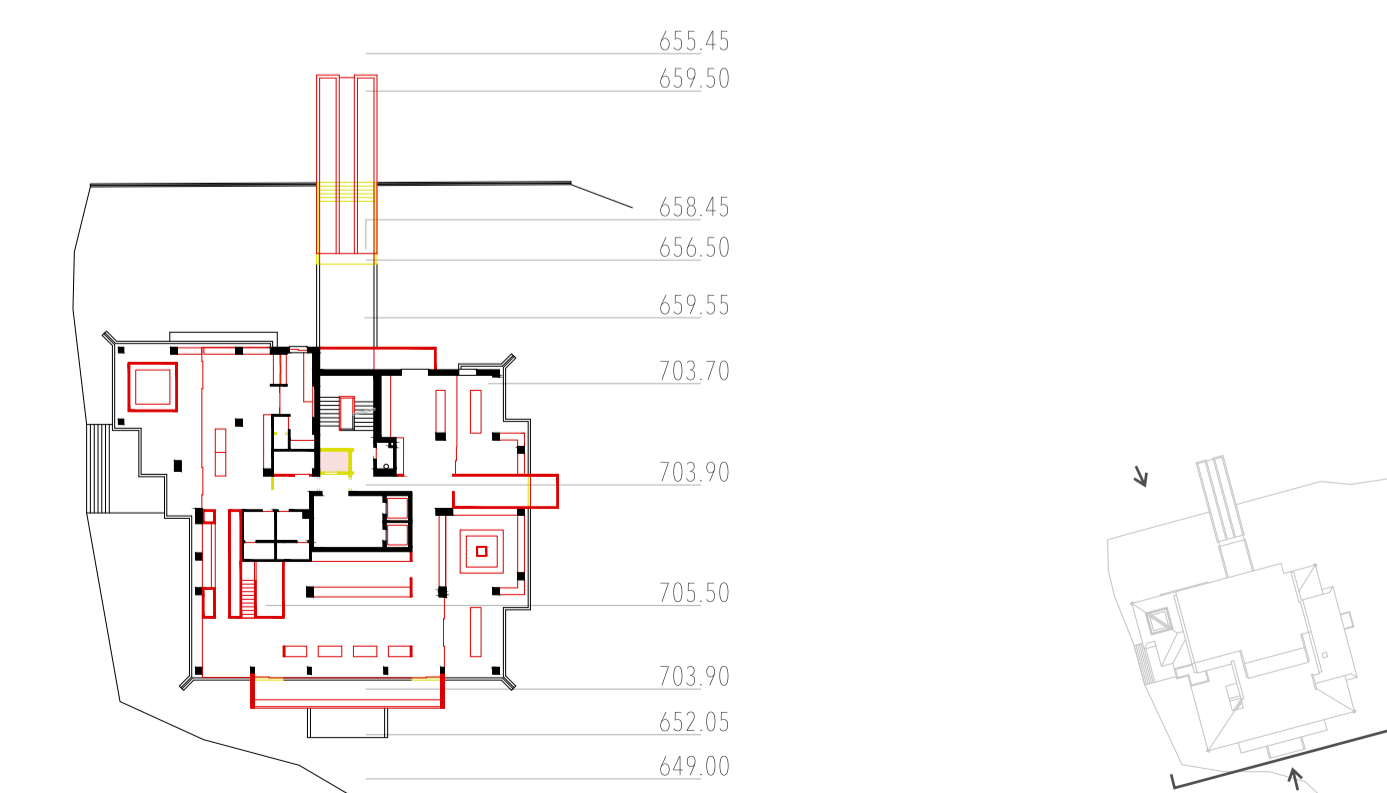
INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "BANCADA SUSPensa"



No último piso (16º), a intervenção desenvolve-se de forma mais expressiva e visa promover a interação social e sensorial através dos espaços criados.

As zonas (A) oferecem uma cozinha comunitária equipada, onde os visitantes podem preparar refeições, incentivando à interação e à partilha de experiências culinárias, sendo que também é possível usufruir de uma refeição rápida na área de comércio de bar (B). De forma a auxiliar na preparação de refeições, o projeto integra alguns canteiros horizontais, permitindo a plantação de alimentos, promovendo a conexão direta com a natureza, sustentabilidade e a consciência ambiental, incentivando ao consumo de alimentos frescos e saudáveis.

Diferentes tipos de espaços de lazer surgem ao longo deste piso, através de volumes e do uso de técnicas de sombra e luz, estes pretendem ser utilizados para encontros informais, conversas, eventos culturais, etc. A disposição dos volumes incentiva à descoberta do espaço e proporciona momentos de contemplação e introspecção, convidando as pessoas a compartilharem essas experiências.



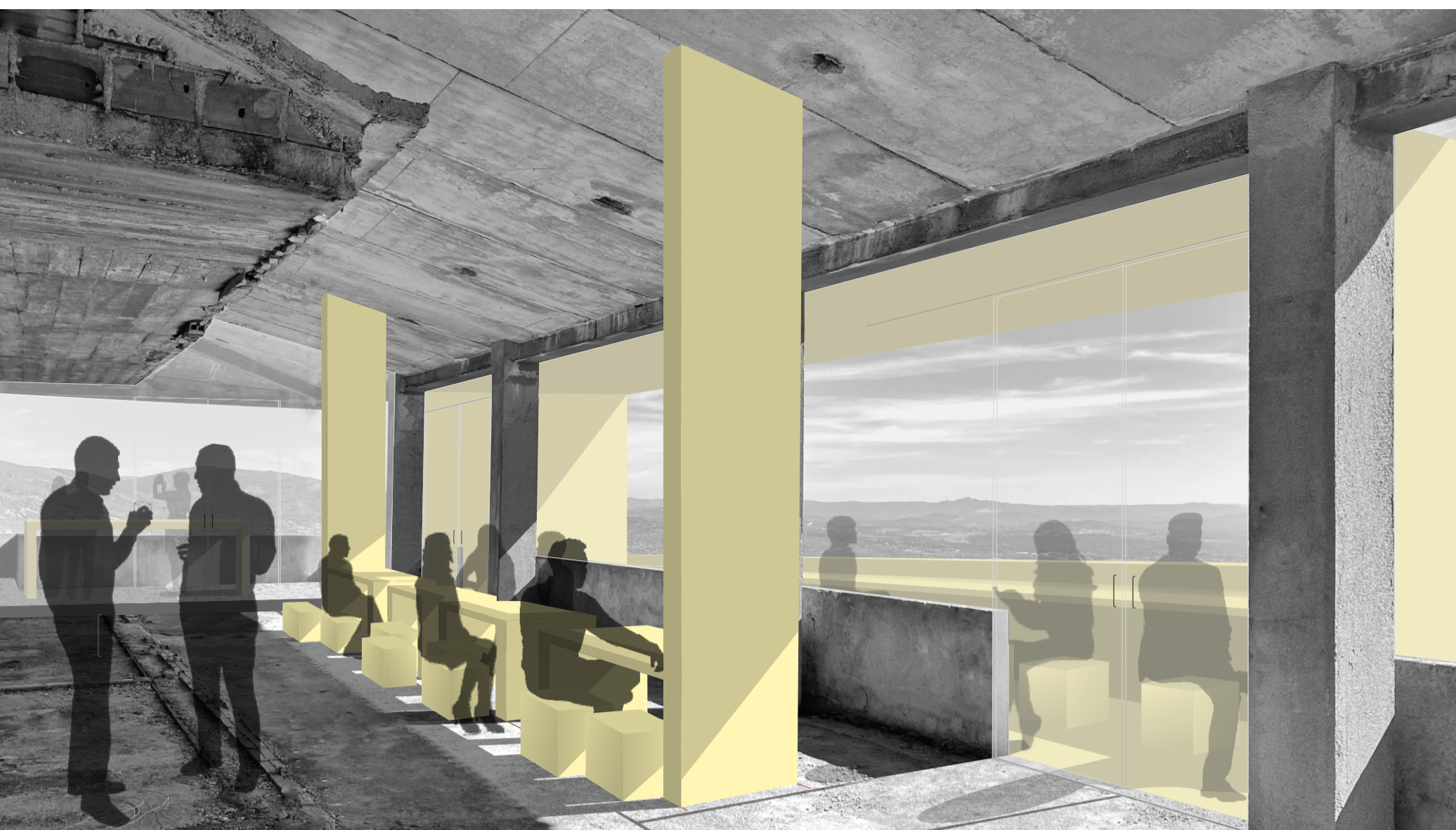
1:500 ● A construir ● A demolir

" PISO 16 "

Alçado Sudeste 1:150

Piso 16 - 1:150 ● Existente/ Intervenção em Corte ○ Intervenção em vista

Legenda: A - Cozinha Comunitária, B - Bar, C - Espaço Sensorial, D - Zonas Estar ou de Refeição, E - Espaço Sensorial e de Refeição, F - Instalações Sanitárias



INTERVENÇÃO CROMÁTICA ZONAS DE ESTIAR/ DE APOIO A REFEIÇÕES



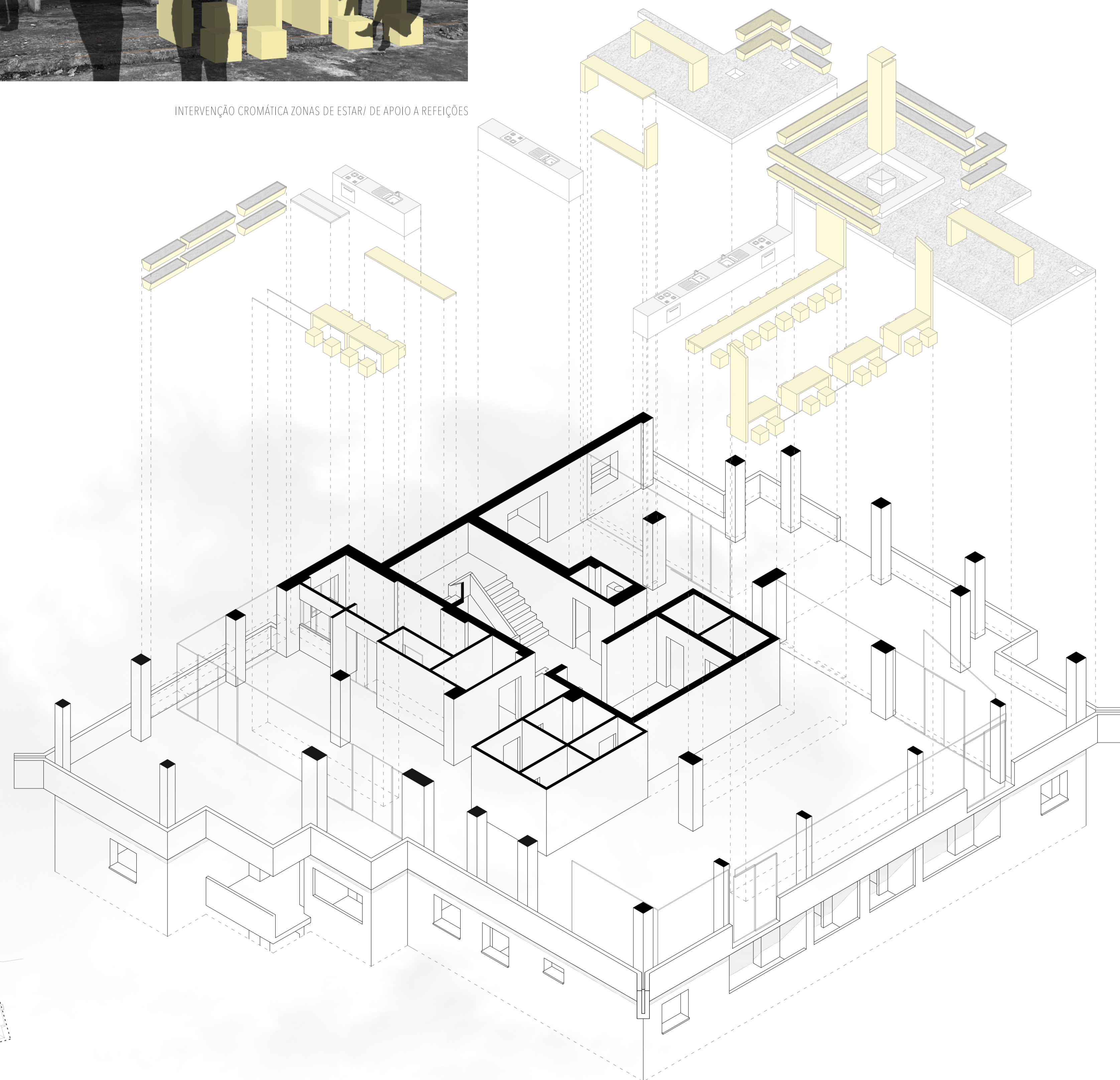
INTERVENÇÃO CROMÁTICA ZONAS DE ESTIAR/ DE APOIO A REFEIÇÕES



No piso 16 temos como função primordial: espaços de cozinha comunitária e um bar, espaços que promovem conexão entre visitantes.

Cada espaço é um ponto de encontro, que através do uso dos bancos amovíveis e leves permitem que as pessoas se posicionem no espaço, proporcionando uma experiência personalizada que vai desde a preparação de alimentos à decisão de se posicionar no espaço. Além disso, as mesas, fixas ou móveis sobre carris, contribuem para uma maior flexibilidade no espaço possibilitando diferentes tamanhos. No exterior encontram-se um "fire pit", contribuindo para zonas acolhedoras. Os canteiros, estrategicamente posicionados, oferecem apoio e funcionalidade, permitindo o cultivo de ingredientes frescos.

Deste modo, a arquitetura temporária tenta criar em harmonia com o existente, um conjunto de experiências que através de tarefas do cotidiano, estabelece ligação entre a arquitetura efêmera e o existente.



Perspetiva de Espaço de Cozinha - 1:100

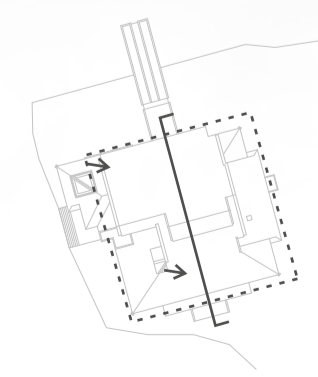
● Existente/ Intervenção em Corte ○ Intervenção em vista



706.95 Cobertura

703.90 Piso 16

700.85 Piso 15



Corte LL' - 1:100

● Existente/ Intervenção em Corte ○ Intervenção em vista

Legenda: A - Cozinha Comunitária, B - Bar, C - Espaço Sensorial, D - Zonas de Estar/ de Refeição, E - Espaço Sensorial e de Refeição

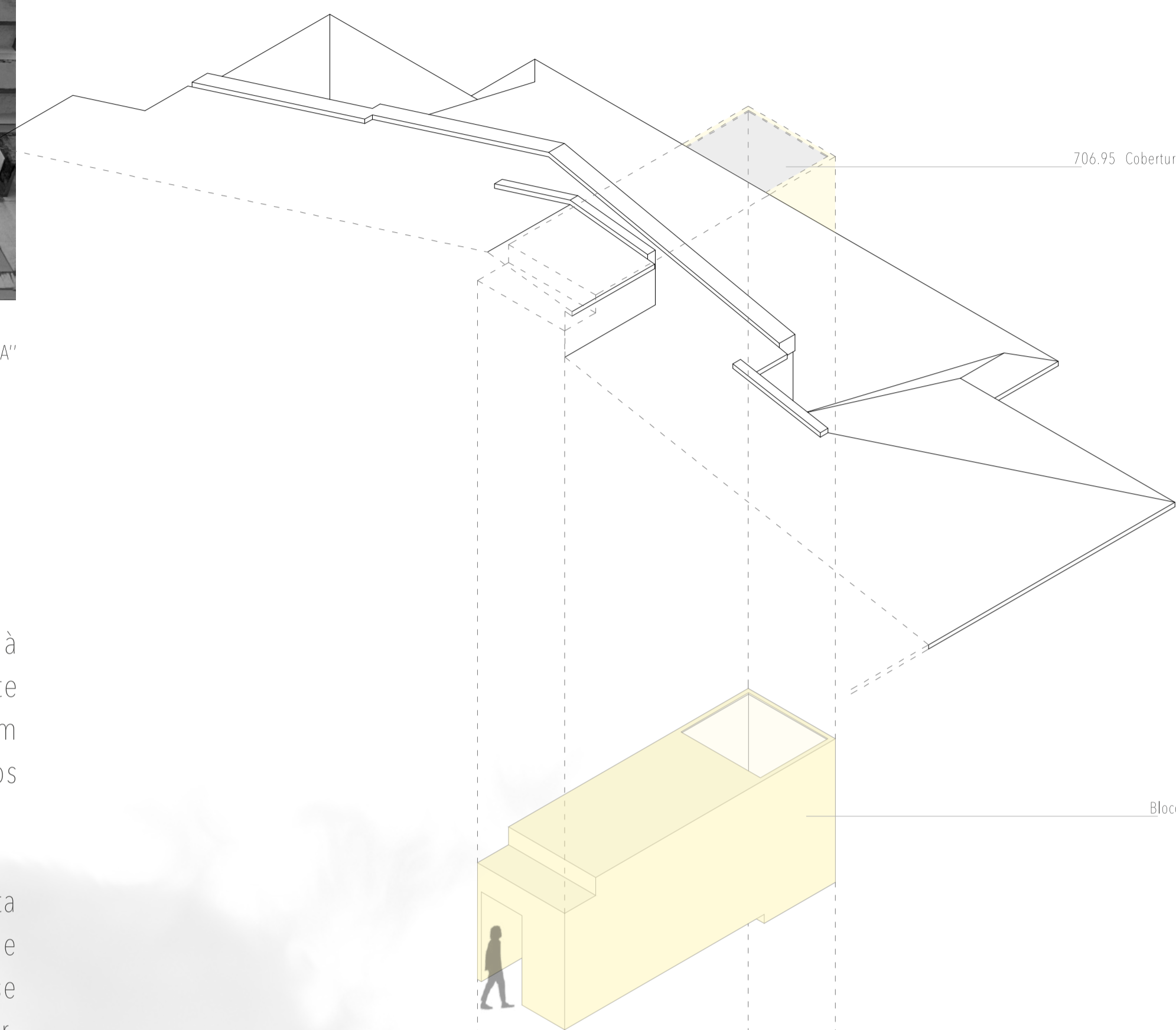
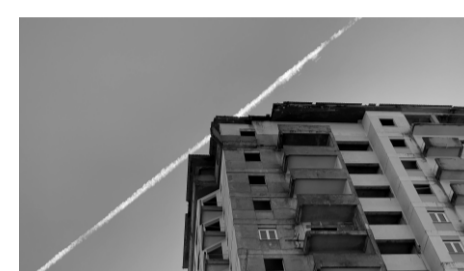
" COZINHA COMUNITÁRIA "



INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "OBSERVAÇÃO"

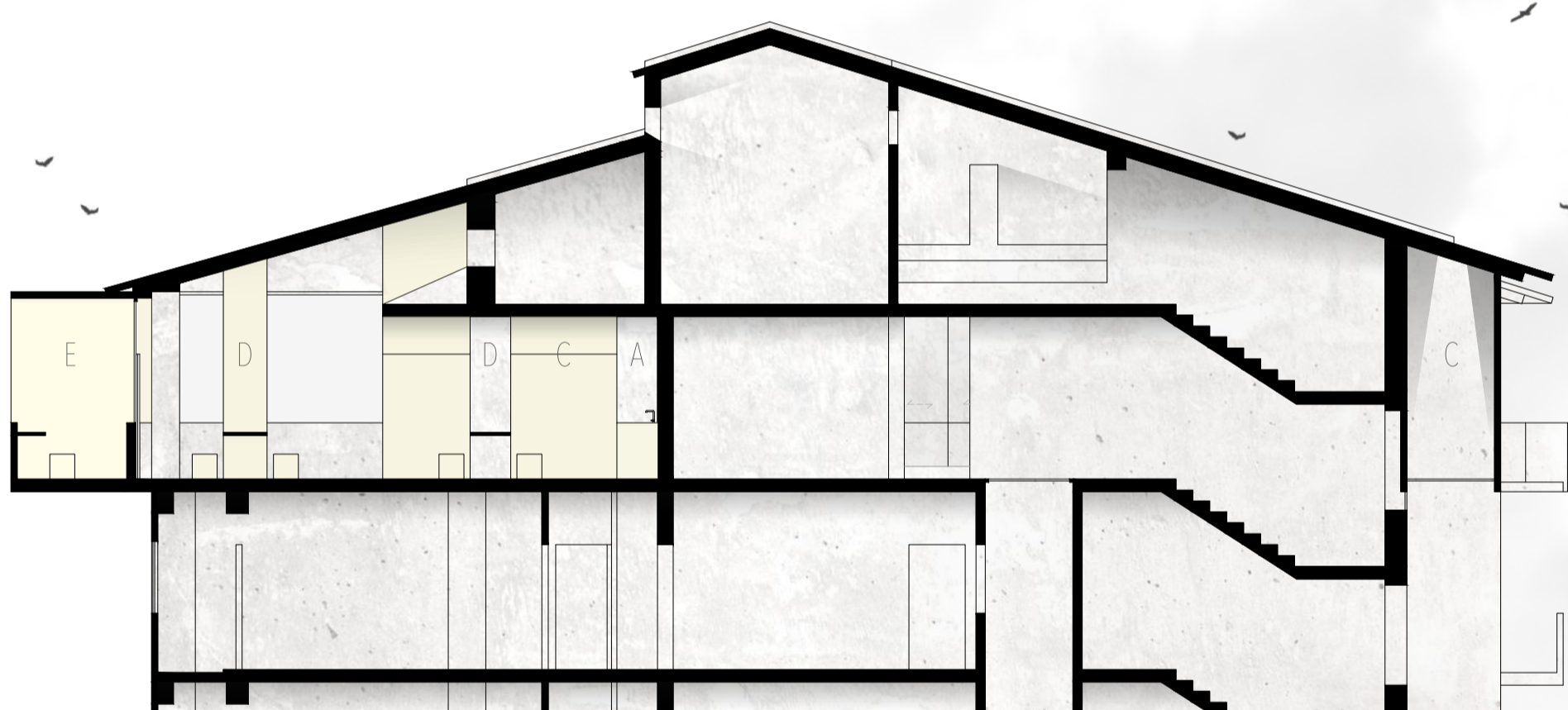


INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "OBSERVAÇÃO" & "A VARANDA"



706.95 Cobertura

Bloco



706.95 Cobertura

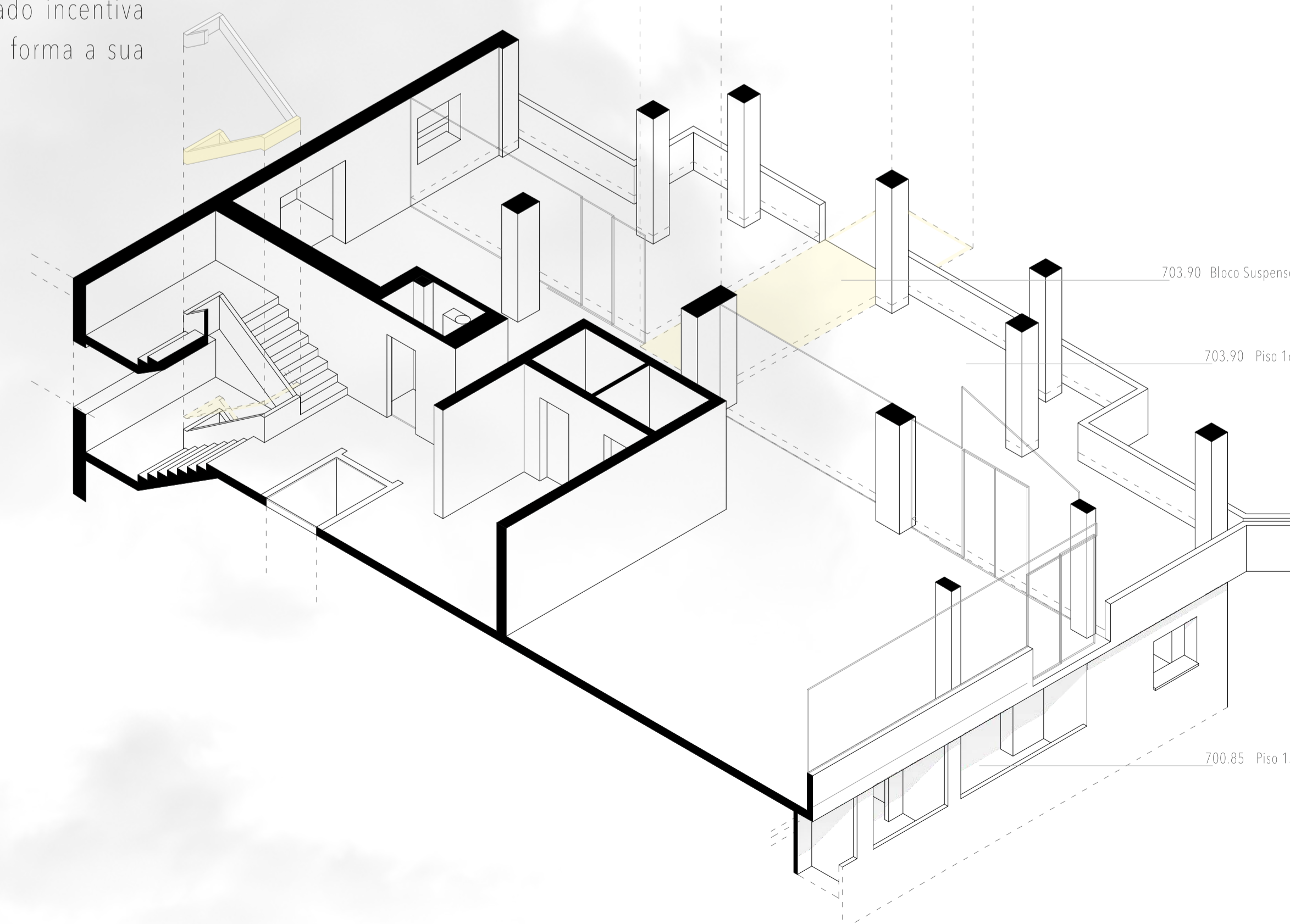
703.90 Piso 16

700.85 Piso 15

Em frente aos acessos encontra-se um fosso para um terceiro elevador que à semelhança do edifício está inacabado. Removeram-se as suas paredes neste piso, contribuindo para a fluidez da planta deste piso. Foi adicionado um painel de vidro de forma a assinalar a sua presença e a criar ligação entre os acessos e o restante piso (FF').

No piso 16, a nordeste, um bloco estreito surge dando continuidade à planta através da sua abertura que pretende despertar curiosidade através da entrada de luz natural que tem ao fundo. Na parte mais afastada do bloco este encontra-se suspenso e apresenta um vidro inclinado que sugere inicialmente vislumbrar, estado em pé, as vistas do cima da torre mas ao ser inclinado incentiva também ao visitante recostar-se no mesmo orientando desta forma a sua visão para o céu (MM').

Esta abordagem arquitetónica pretende revelar a imperfeição de uma arquitetura inacabada através de novas perspetivas, convidando o visitante a explorar os novos espaços no piso 16.



703.90 Bloco Suspenso

703.90 Piso 16

700.85 Piso 15

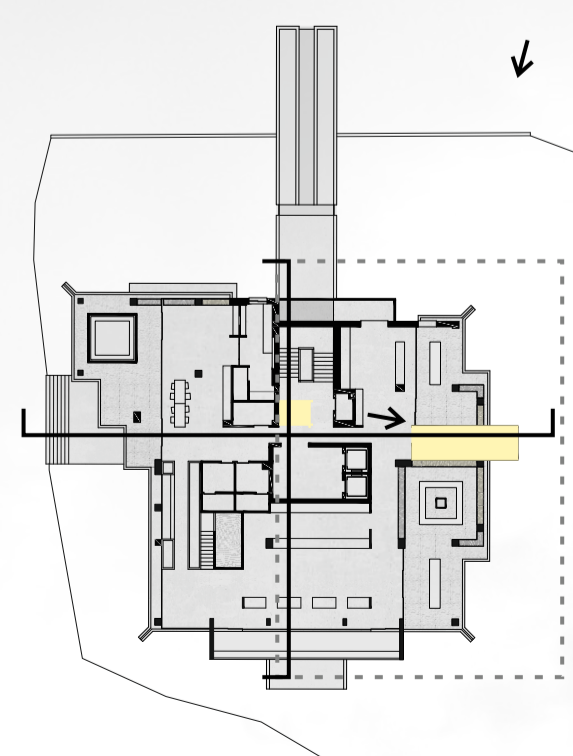
Corte FF' - 1:100



706.95 Cobertura

703.90 Piso 16

700.85 Piso 15



Planta de referência - 1:500

"OBSERVAÇÃO"

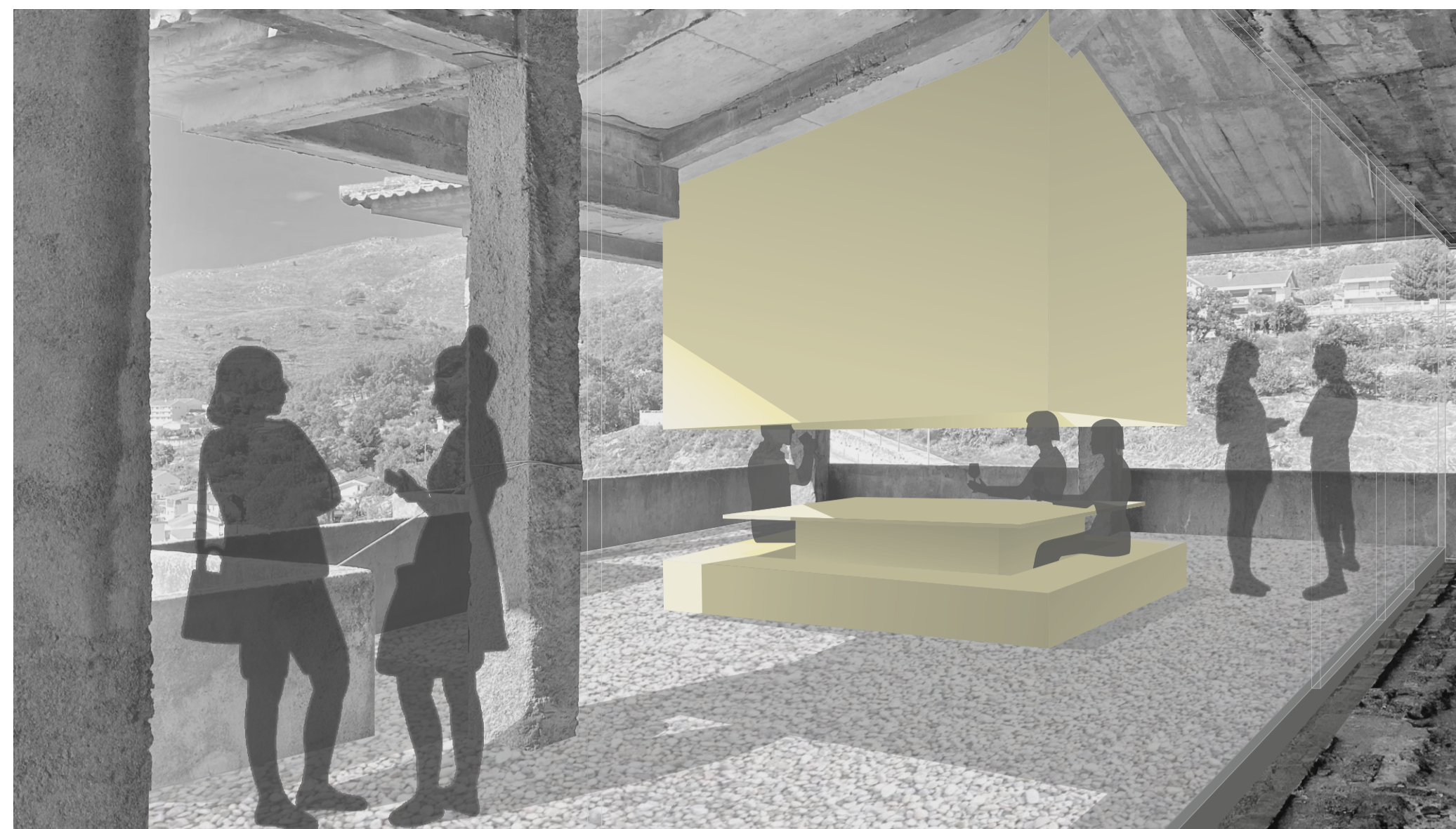
Perspetiva de Espaço de Observação - 1:100

● Existente/ Intervenção em Corte ○ Intervenção em vista

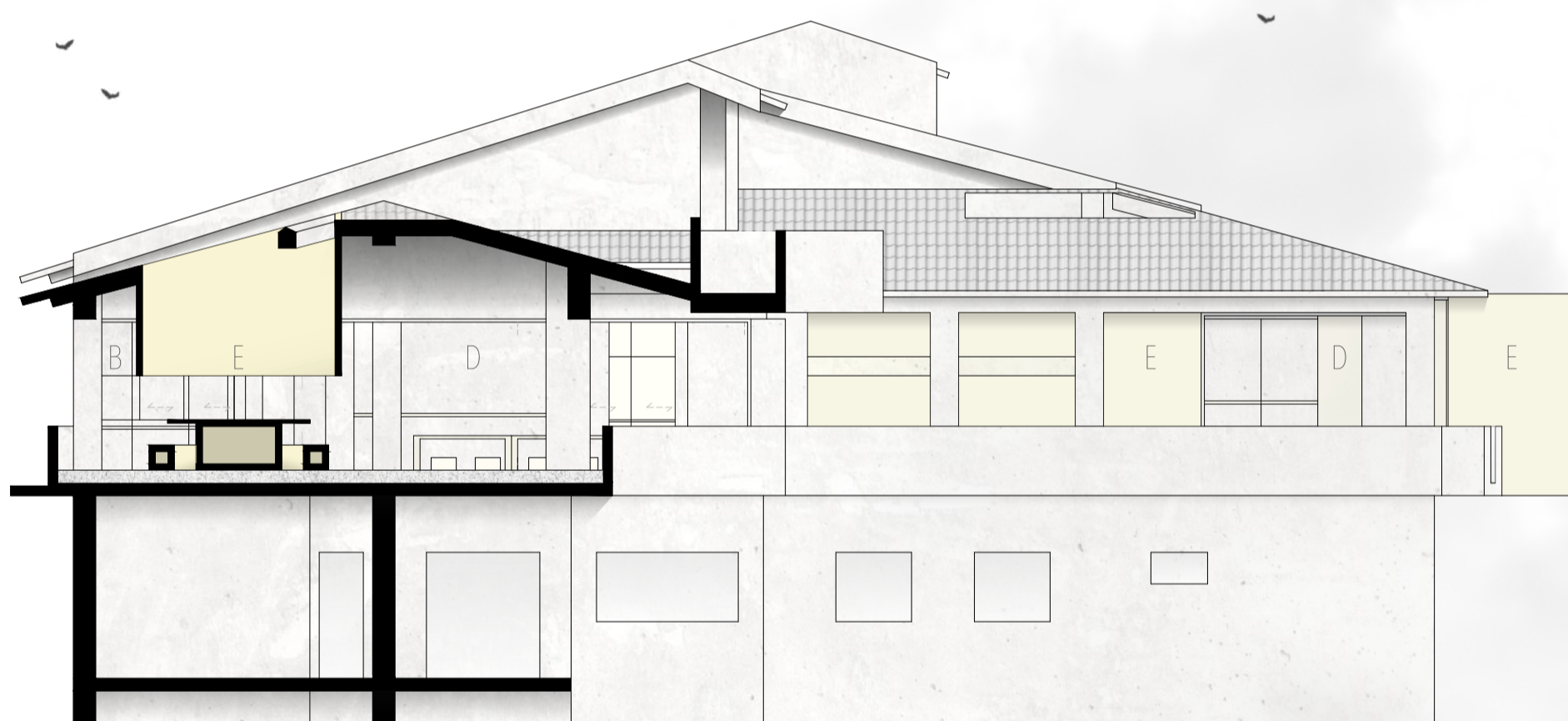
● Intervenção



INTERVENÇÃO NO EXTERIOR A SUDOESTE



INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "MESA NO EXTERIOR"



Corte AA' - 1:100

706.95 Cobertura
703.90 Piso 16
700.85 Piso 15

A sudoeste surge um novo espaço no exterior, que une funcionalidade com uma experiência sensorial.

Os espaços exteriores encontram-se 20 cm acima da cota original do piso, de forma a destacar zonas exteriores. Estas zonas são revestidas com seixo branco, que não só propaga a luz natural subtilmente como confere uma caminhada sensorial. Projetado para proporcionar momentos de introspecção, focando o olhar dos visitantes para cima e conectando-os com o céu, nesta zona surge uma mesa (2,2x 2,2m), tornando-se o centro deste espaço. Nela, um conjunto de paredes surgem do teto, prolongando visualmente a peça do banco (2,8x 2,8m) e rompendo a cobertura até à cota de 1,5 metros. Este tem como propósito, oferecer isolamento visual e acústico para momentos de contemplação com foco na luz natural, quer pela imensidão do azul diurno, quer pelo ambiente noturno.

A nova plataforma elevada e o bloco, no espaço exterior, oferecem uma experiência inspiradora através da simplicidade de elementos arquitetónicos.

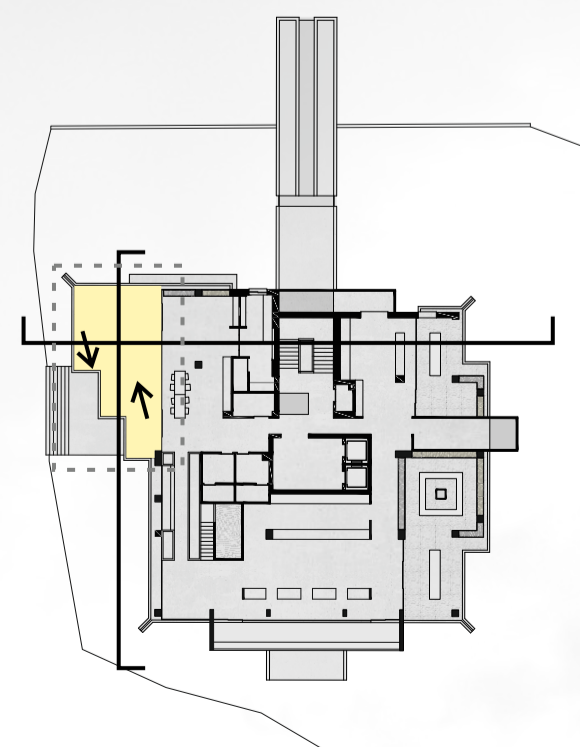


Corte LL' - 1:100

● Existente/ Intervenção em Corte ○ Intervenção em vista

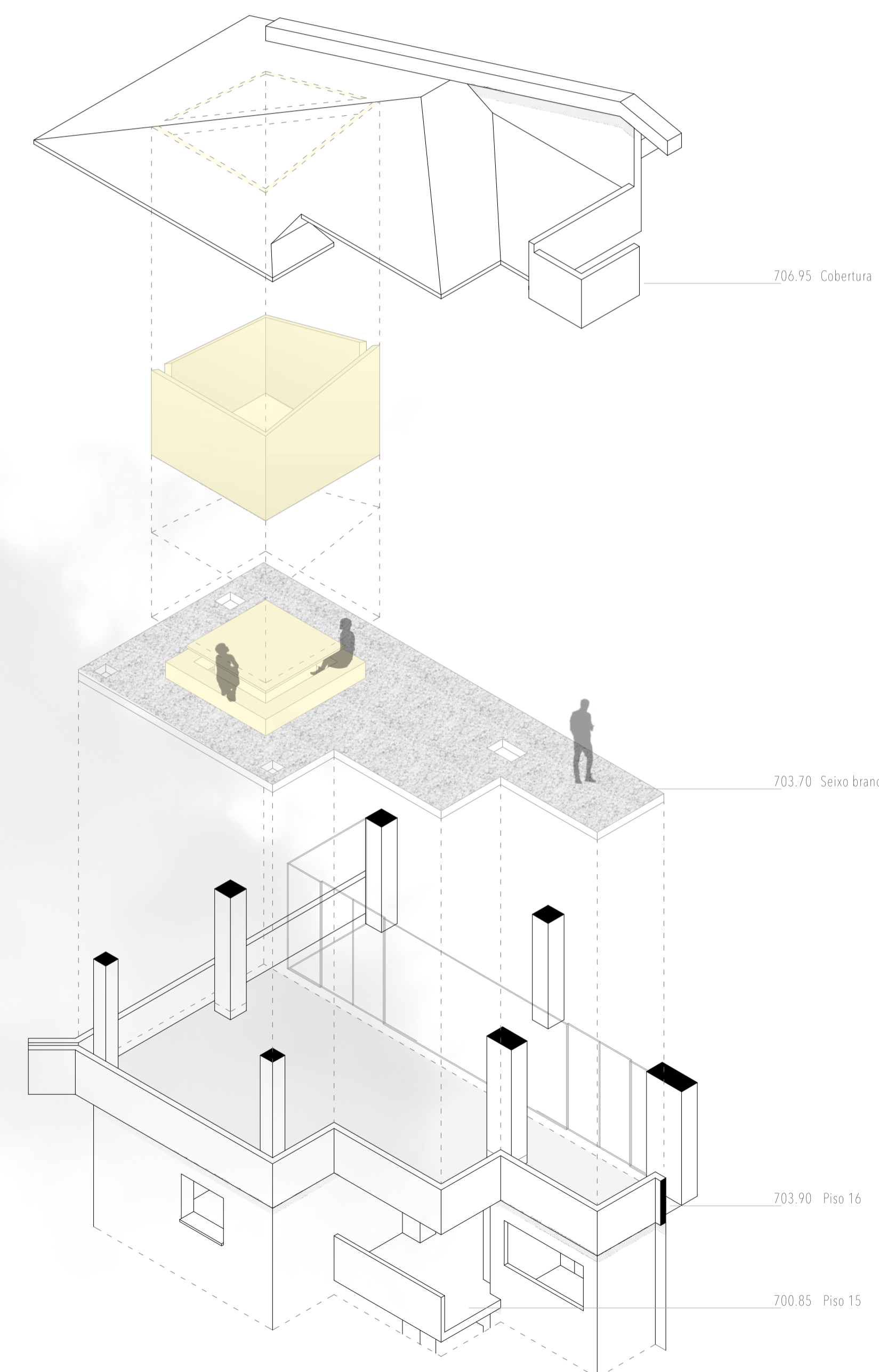
706.95 Cobertura
703.90 Piso 16
700.85 Piso 15

Legenda: A - Cozinha Comunitária, B - Bar, C - Espaço Sensorial, D - Zonas de Estar ou de Refeição, E - Espaço Sensorial e de Refeição



Planta de referência - 1:500

" MESA NO EXTERIOR "



Perspetiva de Espaço de Mesa no Exterior - 1:100

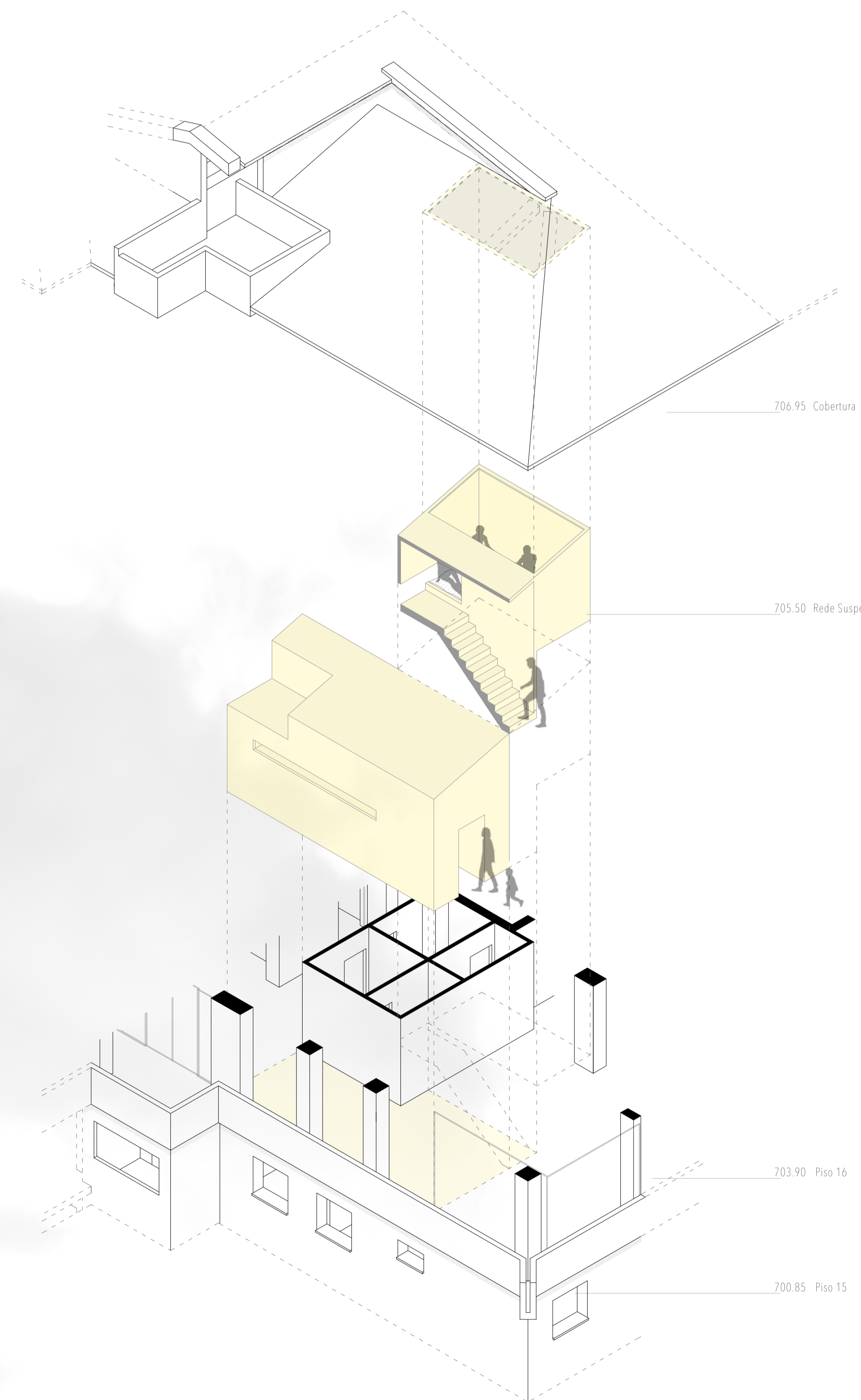
○ Intervenção



INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "CLAUSTROFOBIA"



INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "CLAUSTROFOBIA"

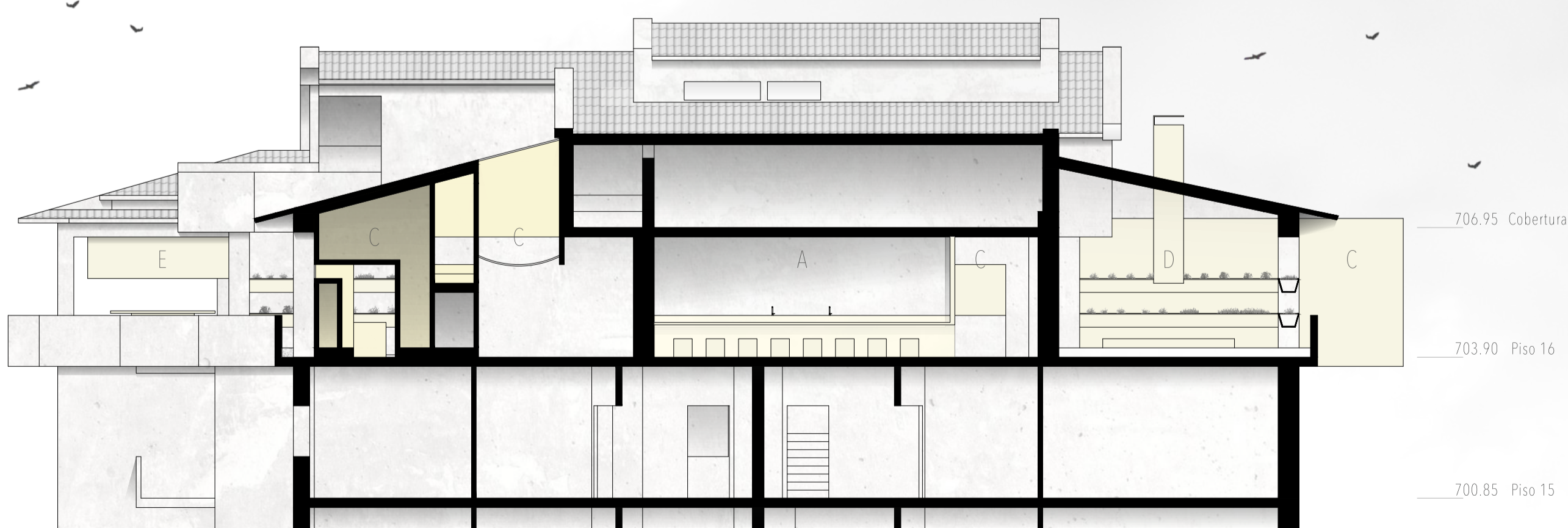


Perspectiva de Espaço Contrastante - 1:100

● Intervenção



Corte BB' - 1:100



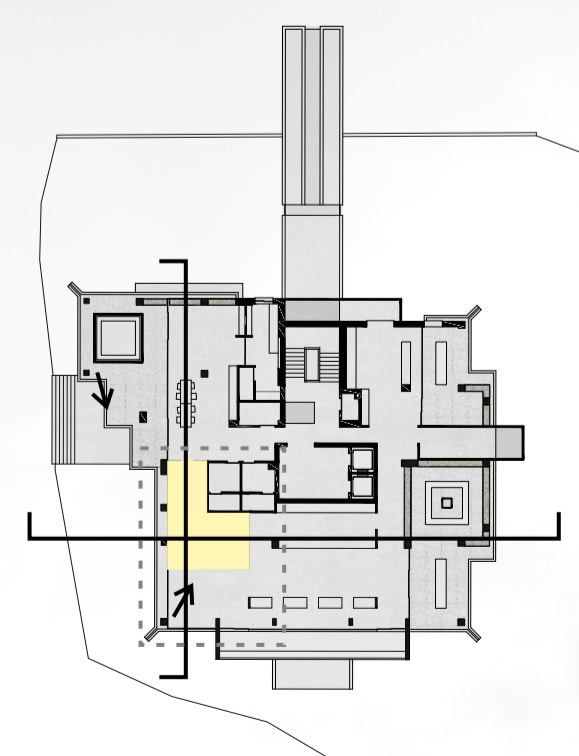
Corte OO' - 1:100

● Existente/ Intervenção em Corte ○ Intervenção em vista

Nesta zona de transição emerge um bloco que através da arquitetura propõe dois espaços opostos.

Um corredor projetado para transmitir uma sensação de claustrofobia, envolvendo os visitantes num ambiente intrigante, possui a meio do seu percurso um degrau que permite aceder a uma fina abertura que emoldura as vistas a sudoeste. Esta abertura é a única fonte de luz natural, criando um espaço dramático que revela o cenário exterior (BB'). Acessível por escadaria e elevada a 2 metros, surge um espaço com rede, que convida as pessoas a deitarem-se. A abertura na cobertura expõe através do vidro a estrutura, de forma a contrastar com a serenidade do céu promovendo momentos de reflexão e tranquilidade (OO').

Apesar de se contrastarem este conjunto de espaços utilizam a luz e a sombra como um foco que pretende despertar a curiosidade do visitante, para descobrir todos os espaços do projeto.



Planta de referência - 1:500

" ESPAÇO CONTRASTANTE "



INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "BANCADA SUSPensa"



Interior e Exterior

INTERVENÇÃO CROMÁTICA ZONA INTERIOR E "BANCADA SUSPensa"

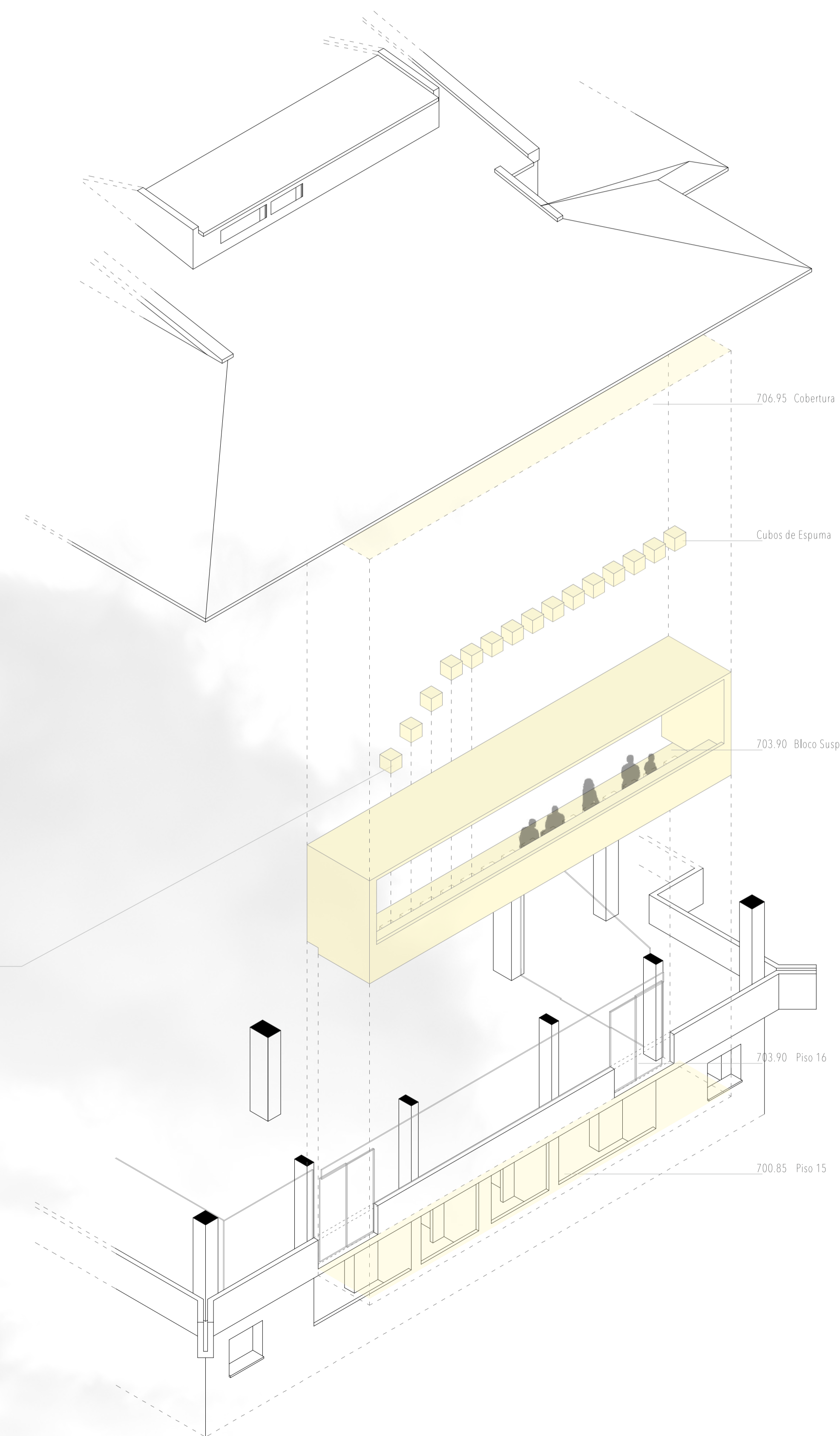


A Sudeste da Torre, surge um bloco que se extrai da fachada, uma varanda que se afirma como uma extensão do edifício.

Este cria uma área nova com o objetivo de aproximar o visitante das vistas. Incorpora uma bancada corrida, que possibilita acomodar diversos momentos. Este espaço à semelhança de outros no projeto, oferece uma experiência interativa com a presença de bancos amovíveis (40x40 cm). Em espuma estes são versáteis e leves, permitindo ao visitante posicionar-se no espaço de forma a apreciar a paisagem confortavelmente.



Banco de Espuma (40x40 cm)

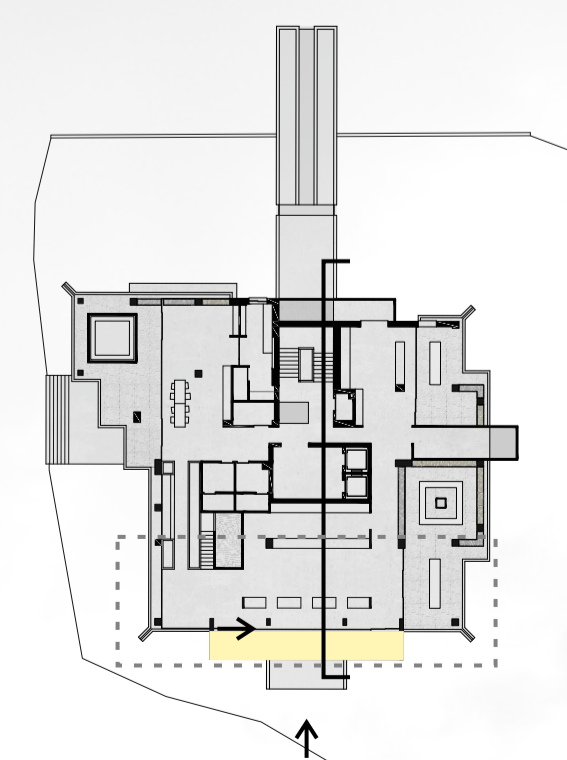


Perspetiva de Espaço de Bancada Suspensa - 1:100



Corte GG' - 1:100 ● Existente/ Intervenção em Corte ○ Intervenção em vista

Legenda: A - Cozinha Comunitária, C - Espaço Sensorial, D - Zonas de Estar ou de Refeição, E - Espaço Sensorial e de Refeição



Planta de referência - 1:500

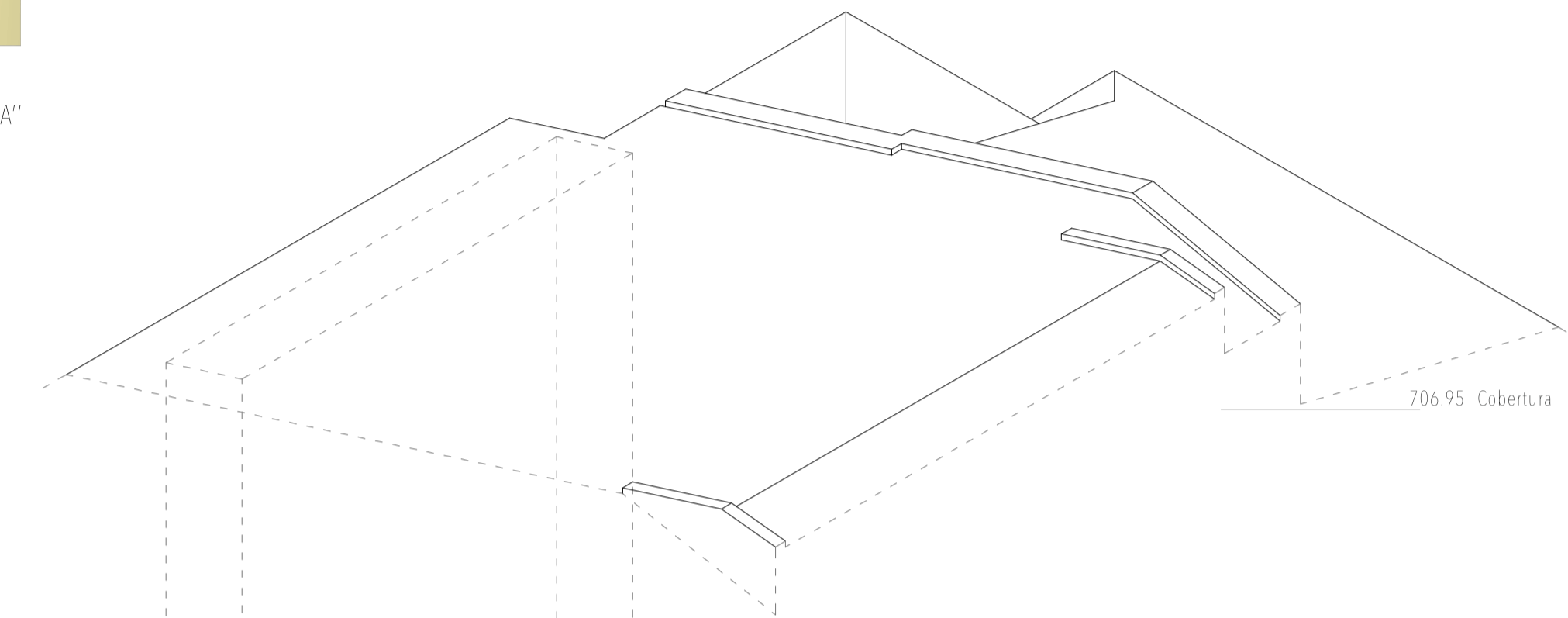
"BANCADA SUSPensa"



INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "A VARANDA"



INTERVENÇÃO CROMÁTICA: "A VARANDA"



706.95 Cobertura

Parede em madeira

703.90 Varanda

Painel em Vidro

703.90 Piso 16



706.95 Cobertura

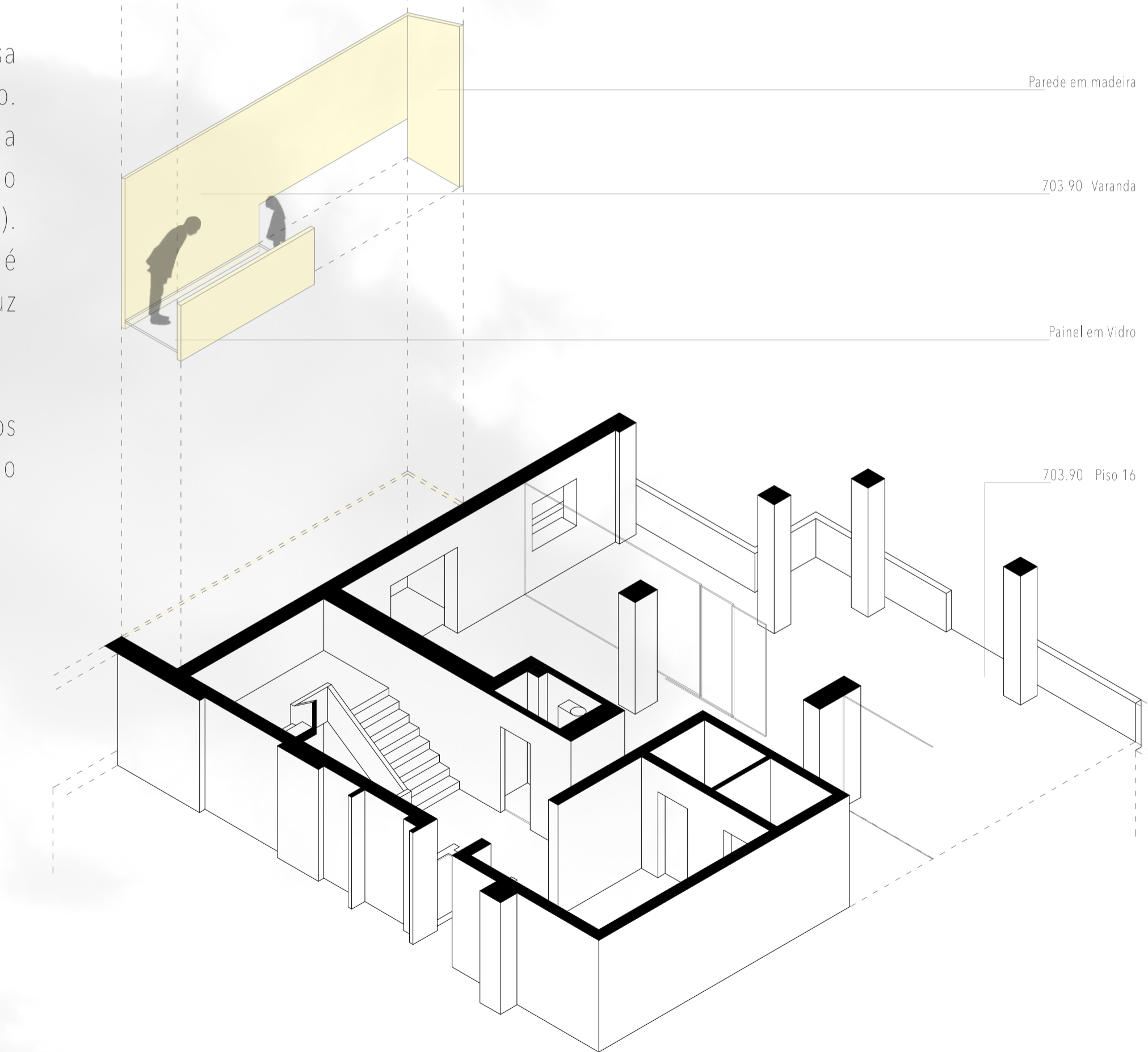
703.90 Piso 16

700.85 Piso 15

A Noroeste, situa-se a varanda pré-existente que se transforma num novo espaço.

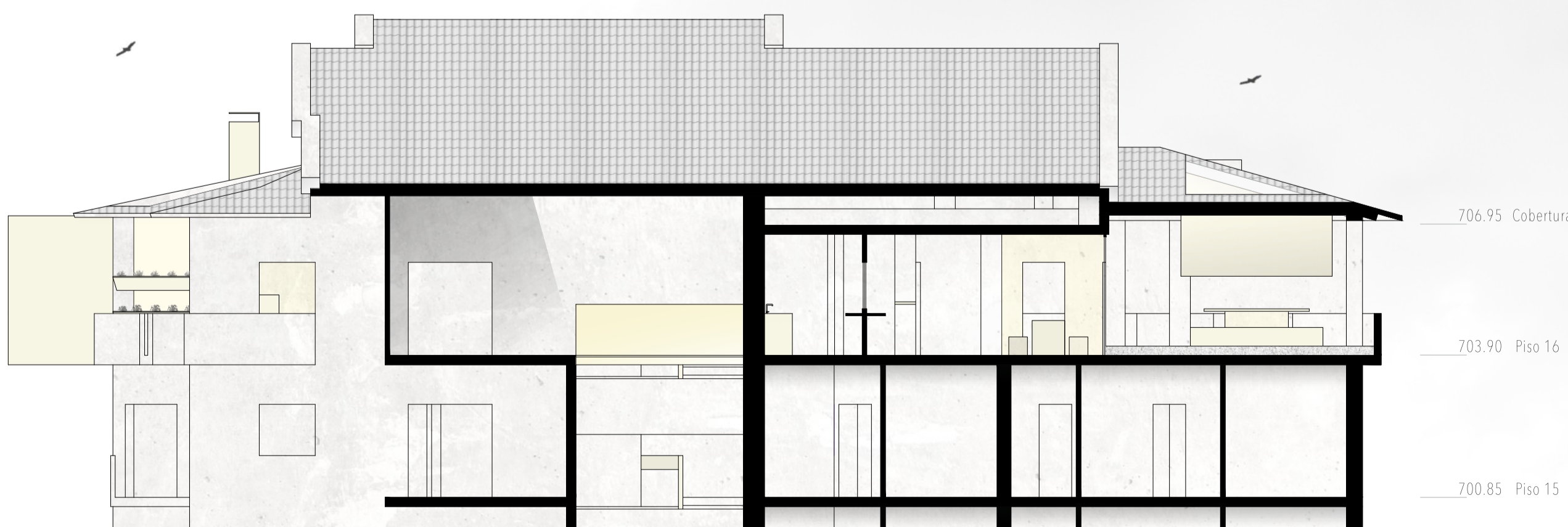
Através da instalação de novas paredes que encerram o espaço, a varanda passa a unir-se à fachada mais avançada, criando deste modo um espaço contínuo. Esta união é feita não só nas paredes mas também pelo chão, prolongando a laje com vidro, que demarca a existência do antes e depois, permitindo ainda ao visitante obter uma perspetiva do piso mais elevado ao piso de entrada (KK'). Como a entrada de luz não é direta no interior deste espaço, o ambiente é iluminado de forma controlada. Assim o chão de vidro funciona como foco de luz invertido sendo a única fonte de luz natural deste espaço (FF').

Com o prolongamento da varanda, este novo espaço pretende sensibilizar os visitantes para a ambiciosa presença da torre no local, através da harmonia entre o novo e existente.



703.90 Piso 16

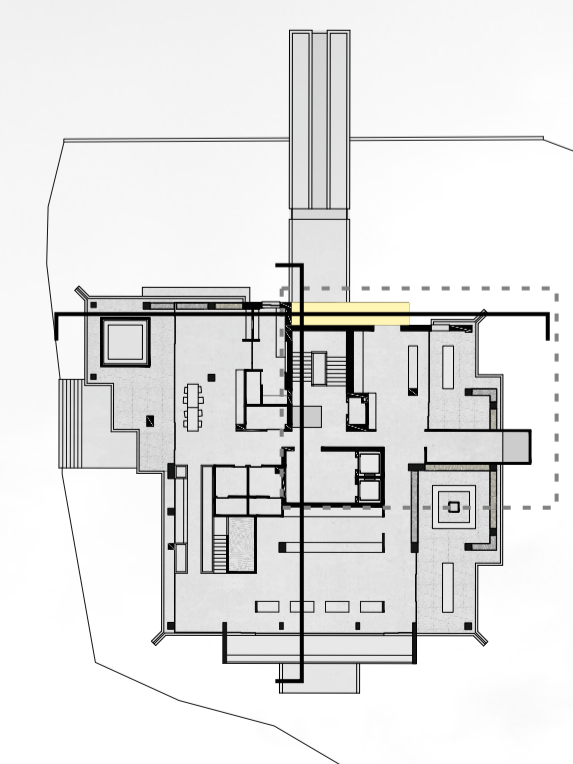
Corte FF' - 1:100



706.95 Cobertura

703.90 Piso 16

700.85 Piso 15



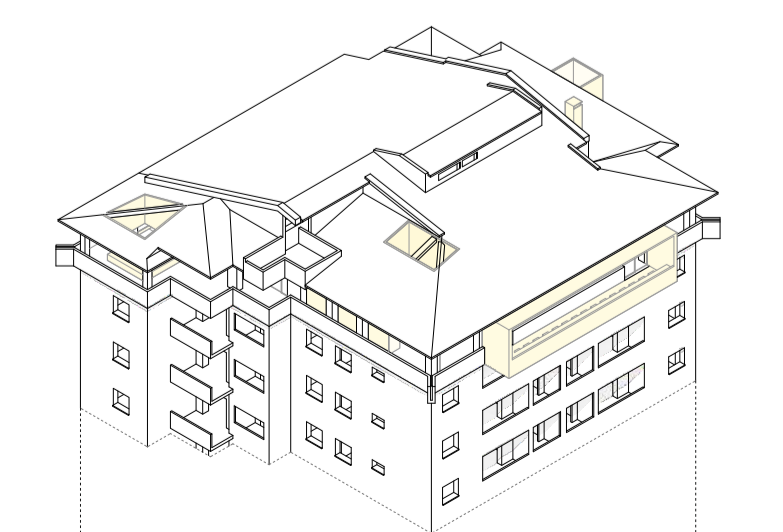
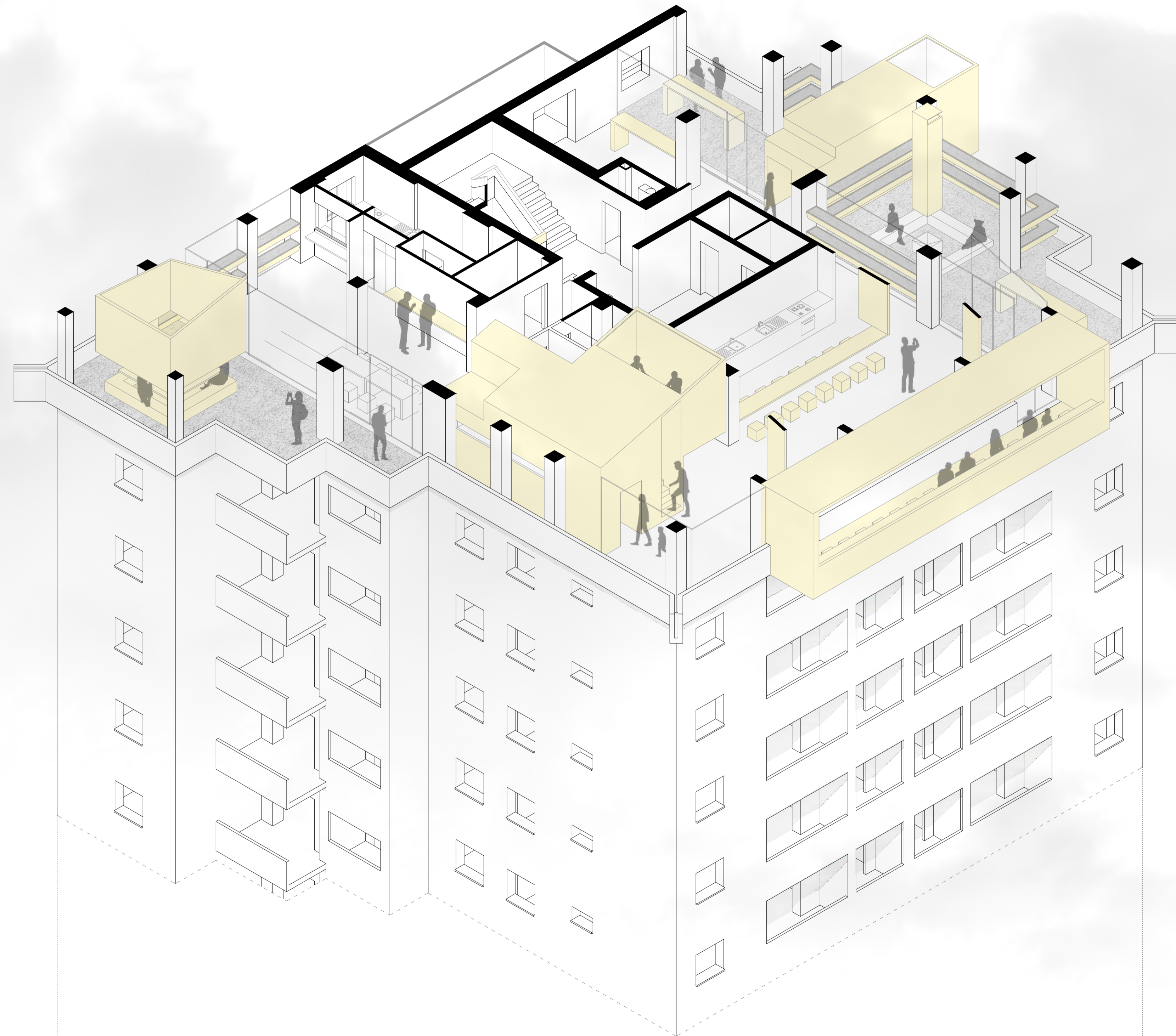
Planta de referência - 1:500

"A VARANDA"

Corte KK' - 1:100 ● Existente/ Intervenção em Corte ○ Intervenção em vista

Legenda: A - Cozinha Comunitária, C - Espaço Sensorial, D - Zonas de Estar ou de Reunião, E - Espaço Sensorial e de Refeição

Perspetiva de Espaço de Varanda - 1:100 ○ Intervenção



Perspetiva da Intervenção, Piso 16 - 1:100 ● Existente ○ Intervenção

Perspetiva Final, Conjunto - 1:500

